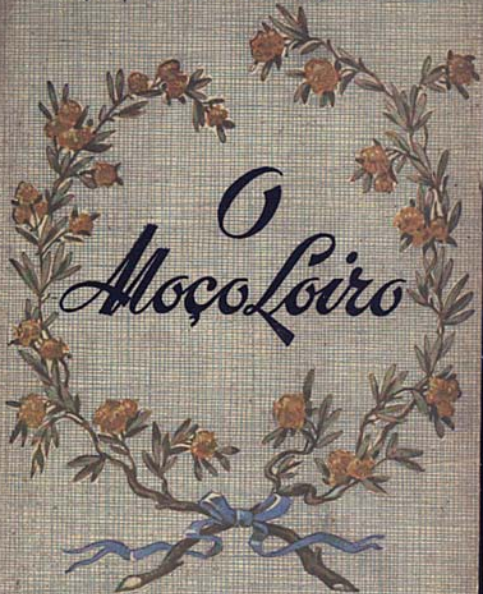


Joaquim Manuel de Macedo



1.º VOLUME

Edições Cultura



 ieb

As grandes séries das

Edições Cultura

de São Paulo

AV. 9 DE JULHO, 872 e 878

1.º ANDAR

FONE N.º 4-2228



Série

"Clássica Universal"

"OS MESTRES DO PENSAMENTO" — EM
LITERATURA - FILOSOFIA - CIÊNCIA -
ARTE - RELIGIÃO - HISTÓRIA e POLÍTICA
(100 OBRAS.)

PUBLICADAS:

Cr. \$

1.º — SWIFT - As viagens de Gulliver	12,00
2.º — FONTAINE - Fábulas comp...	15,00
3.º — ODES ANACREÔNTICAS.....	10,00
4.º — ABELARDO E HELOISA.....	10,00
5.º — DEFOE - Robinson Crusó.....	15,00
6.º — LE SAGE - Gil Bran.....	20,00
7.º — UNAMUNO - A Agon. do Crist.	10,00
8.º — CESAR - Comentários.....	16,00
9.º — FEDRO - Fábulas.....	16,00
10.º — XENOFONTE - Ciropédia.....	16,00
11.º — EPITETO - Manual de.....	14,00
12.º — MARCO AURÉLIO - Pensam.	15,00
13.º — LUCRÉCIO - Da nat. das coisas	18,00
14.º — CÍCERO - Obras.....	20,00
15.º — HORÁCIO - Obras.....	18,00
16.º — TALMUD.....	15,00
17.º — GOETHE - Obras.....	15,00
18.º — DANTE - A Divina Comédia..	25,00
19.º — SHAKESPEARE - Tragédias-1.º v.	25,00
20.º — SHAKESPEARE - Tragédias-2.º v.	25,00
21-I.º — CERVANTES - Quixote - 1.º v.	25,00
21-II.º — CERVANTES - Quixote - 2.º v.	25,00
22.º — SAFO - Lírica.....	10,00
23.º — BYRON - Obras.....	25,00
24.º — HEINE - Poesias.....	20,00
25.º — IBSEN - Teatro.....	20,00
26.º — VIRGÍLIO — Obras comp.....	30,00
27.º — OVIDIO — Obras.....	30,00
28.º — MAHABHARATA.....	30,00
29.º — EURÍPIDES - Tragédias.....	25,00
30.º — JUVENAL - Obras.....	25,00

CADA VOLUME ENCADERNADO
MAIS..... Cr. \$ 5,00

ieb



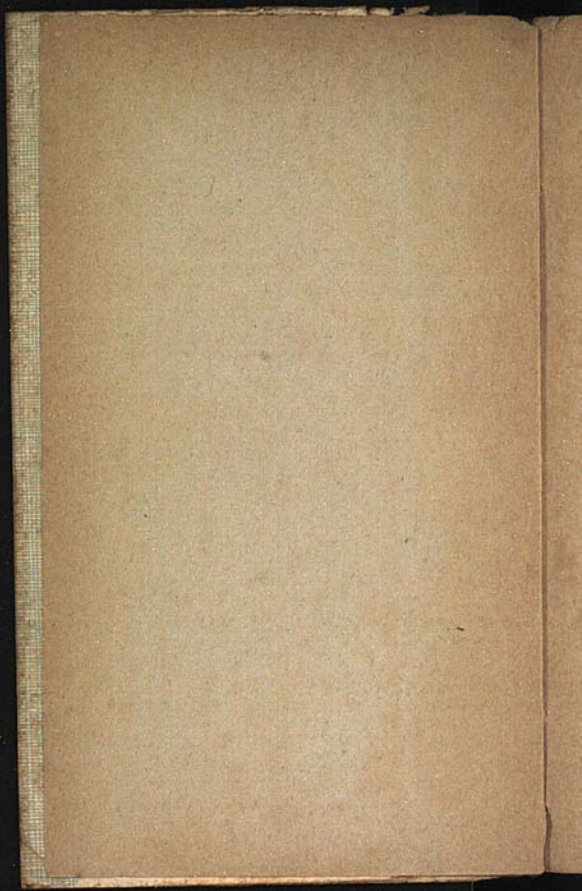
O Moço Loiro



ieb



ieb



Série "NOVELAS DO CORAÇÃO"

13

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

O Moço Loiro

*E enfim nestes cansados pensamentos
Passo esta vida vã que sempre dura.*

CAMÕES

TOMO I



632

EDIÇÕES CULTURA

Avenida 9 de Julho, 872 (loja) e 878 (1.º andar)

Fone: 4-2228

São Paulo - Brasil

1943




ieb

ESB
869.9332
M141m
v.1

 ieb



Às senhoras brasileiras

Ce livre

Tremble et palpite sous vos pied.

V. Hugo.

SENHORAS!

Para que nascesse o Moço Loiro influíram fortemente em mim dois sentimentos nobres e profundos.

No empenho de escrever — a gratidão.

Na concepção e desenvolvimento do romance — a esperança.

Um ano há decorrido desde que um jovem desconhecido, sem habilitações, com fracos e limitadíssimos recursos intellectuais, mas rico de vontade e de bons desejos; temeroso e quase à força ofereceu à generosidade do público do Rio de Janeiro um pobre fruto de sua imaginação — a Moreninha — que êle amava, como filha de sua alma. Esse jovem, senhoras, — fui eu.



ieb

Fui eu, que, com meus olhos de pai, a segui em sua perigosa vida, temendo vê-la cair a cada instante no abismo do esquecimento... fui eu que (talvez ainda com vaidade de pai) cheguei a crer que o público a não enjeitava; e, sobretudo, que minha querida filha tinha achado corações angélicos que dela se apiedando, com o talismã sagrado de sua simpatia a levantaram mesmo muito acima do que ela merecer podia. E êsses corações, senhoras, — foram os vossos.

Oh! mas é preciso ser autor, ao menos pequenino autor, como eu sou, para se compreender com que imenso prazer, com que orgulho eu sonhava vossos belos olhos pretos brasileiros derramando os brilhantes raios de suas vistas sôbre as páginas do meu livro! vossos lábios côr de rosa docemente sorrindo-se às travessuras da Moreninha!

E desde então eu senti que devia um eterno voto de agradecimento a êsse público, que não enjeitara minha cara menina; e que mais justa dedicação me prendia aos pés dos cândidos seres, que haviam tido compaixão de minha filha.

E, pobre como sou, convenci-me para logo que não daria nunca um penhor dos sentimentos, que em mim fervem, se o não fosse buscar no fundo d'alma, colhendo minhas idéias, e delas organizando um pensamento.

E, acreditando que me não devia envergonhar da oferta, porque dava o que dar podia; e porque, assim como o perfume é a expressão da



flor, o pensamento é o perfume do espirito; eu quis escrever...

No enpenho de escrever, pois, influuiu em mim — a gratidão.

Ora, o pensamento que dessas idéias pretendia organizar, era um romance; — mas, fraco e desalentado, o que poderia exercer em mim influência tão benigna e forte, que, mercê dela, conseguisse em conceber (mesmo deforme como é) o Moço Loiro, e chegasse a terminá-lo? o quê?... — a esperança.

Porque a esperança é um alimento — sim! o mais doce alimento do espirito!

E tudo quanto eu esperei, espero ainda.

Espero que minhas encantadoras patricias vejam no — Moço Loiro — um simples e ingênuo tributo de gratidão a elas votado; e espero também que o público, que outrora me animou, e a quem muito devo, de tal tributo se apraza; pois sei que sempre lisonjeiro lhe é ver render cultos aos astros brilhantes de seu claro céu, às mimosas flores de seu ameno prado.

Espero ainda que meu novo filho não será lançado ao longe, como fruto verde e ingrato ao paladar... que o Moço Loiro será, ao menos por piedade, aceito, e compreendido.

Espero mais, senhoras, que generosas sempre, perdoando as imperfeições e graves defeitos do Moço Loiro, não quereis perguntar a seu débil pai como — ousas escrever? — Oh! não mo perguntareis; porque há em vós bas-



ieb

tante ardor, imaginação e poesia para sentir que às vezes o desejo de escrever é forte, qual o instinto, que manda beber água para apagar a sede, e comer para matar a fome; que às vezes o pensamento arde, e se consome em fogo; e que então é inevitável deixar sair as chamas dêsse fogo... as idéias dêsse pensamento...

Espero finalmente, que vós, senhoras, dignando-vos adotar o Moço Loiro, permitireis que êle, coberto com a égide de vosso patrocínio, possa obter o favor e encontrar o abrigo, que à sua irmã não foi negado.

Sim! que êste pobre menino, saído apenas do tão frio e abatido seio de seu pai, se anime e aqueça à vossa sombra!... que — por uma compensação — pela mais suspirada das compensações — êsse passado de gelo e de abatimento fique para sempre esquecido ante o ardor e a felicidade do futuro!...

Oh! que não seja uma ilusão e minha esperança!...

Consenti, pois, senhoras, que me eu atreva a dedicar-vos o Moço Loiro, como um primeiro e fraco sinal de reconhecimento, que há-de durar sempre...

Inspirado pela gratidão, é êle semelhante a uma inocente flor depositada com religioso respeito no altar e aos pés dos anjos.

Filho da esperança, pode parecer-se, com brando suspiro do coração, que almeje cair no seio da beleza...

E enfim, como um fraquinho infante, que,



medroso dos camaradas, corre a acolher-se no materno colo, o Moço Loiro convosco se apadrinha, senhoras, e a cada uma de vós repete as palavras do salmo:

“Protege-me com a sombra de tuas asas!”

O AUTOR.




ieb



ieb



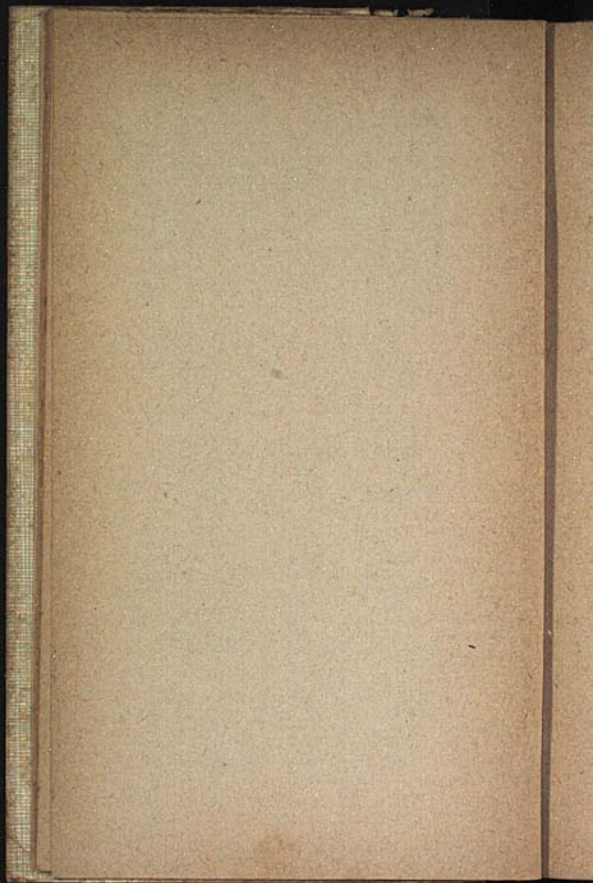
O Moço Loiro



ieb



ieb



I

TEATRO ITALIANO

Declinava a tarde do dia 6 de agosto de 1844: o tempo estava chão e bonancoso; e contudo meia cidade de Rio de Janeiro profetizava tempestade para o correr da noite. Como isso era, estando, como de feito estava o Pão de Açúcar com sua cabeça desnublada, e livre da tal carapuça de fumo com que se agasalha quando prevê mau tempo, é o que ainda agora mesmo poderiam muito bem explicar os habitantes desta bela côrte, se não fossem, honrosas exceções para um lado, tão esquecidos dos acontecimentos que se passam em nossa terra, como às vezes finge sê-lo das contradanças, que prometeu a cavalheiros, que lhe não são do peito, uma mocinha do grande tom.

Mas, pois que, segundo cremos, o caso em questão não se acha suficientemente lembrado, justo é, mesmo para que por tão pouco a ninguém pareça ter cabido honras de profeta, dizer que, se a atmosfera não estava carregada, a antecipação, e o espírito de mesquinho partido haviam exalado vapores que, condensando-se sobre o ânimo do público, deixavam prognosticar uma borrasca moral.

Ora assim como muitas vezes succede, que rosnam surdamente as nuvens, quando está prestes para rebentar alguma trovoada, assim também notava-se que na tarde, de que se fala, ouvia-se um zunido incessante, e do meio



ieb

dêle por vezes ressaltavam as palavras — teatro... direita... esquerda... aplausos... pateada... — e muitas outras tais quais as que deram lugar à cena seguinte passada em um hotel que nos é muito conhecido, e que se acha estabelecido na rua que, por se chamar Direita, efetivamente representa a antítese do próprio nome.

Dois moços acabam de entrar nesse hotel. — Um dêles, que para diante melhor conheceremos, trajava casaca e calças de pano preto, colete de seda de xadrez côr de cana, sobre o qual se deslizava finíssima corrente de relógio; gravata também de seda e de uma bela côr azul; trazia ao peito um rico solitário de brilhante; na mão esquerda suas luvas de pelica de côr de carne, na direita uma bengalia de unicórnio com bellissimo castão de ouro; calçava finalmente botins envernizados. Esse moço, cuja tez devia ser alva e fina, mas que mostrava ter sofrido por muitos dias os ardores do sol, era alto e bem apessoado; seu rosto, sem ser verdadeiramente belo, causava ainda assim interêsse; êle tinha os cabelos pretos, os olhos da mesma côr, mas pequenos, e sem fogo. Entrou no hotel, como levado à força pelo seu amigo, e sentando-se junto de uma mesa defronte dêle, tomou um jornal e começou a ler.

O outro, que nos não deverá obsêquio de ser aqui descrito, estava dando as suas ordens a um servente do hotel, quando ouviu a voz do seu amigo.

— Ana Bolena!... Bravissimo!... caiu-me a sopa no mel!... ardia por chegar ao Rio de Janeiro, principalmente para ir ao teatro Italiano, e eis que, apenas chegado há duas horas, já leio um anúncio, que realiza meus desejos: vou hoje à ópera.

— Já tens bilhete?...

— Não; mas saindo daqui mando ver uma cadeira.



— Não há mais.

— Então, não há remédio... um camarote.

— Estão vendidos todos.

— Oh! diabo! irei para a geral.

— Nem um só bilhete resta, meu caro.

— Pois deveras, o furor é tal?... paciência, vou encartar-me no camarote de algum amigo.

— Não, que dêsse susto te livro eu: toma lá um bilhete de cadeira.

— E tu?

— Eu hoje tenho muito que fazer na platéia.

— Aceito, que não sou pobre soberbo; porém, que história é essa?... oh, Antônio, seria possível, que te fizesse cambista?...

— Por que?

— Vejo-te aí com um masso de bilhetes, que a menos que não seja agora moda dar aos porteiros uma dúzia de cada vez que se entra para o teatro...

— Nada... nada... isto é para uns camaradas, que pus de mão para ir comigo à ópera.

— Como estás tão rico!... muitos parabéns!...

— Ah!... já sei que nada sabes, do que por aqui vai: há dez meses fora do Rio de Janeiro, acabas de entrar na cidade tão simples e bisonho como um caloiro nas aulas. Ora, dize lá; tu és Candianista, ou Delmastrista?...

O Sr. Antônio fez esta pergunta em voz bastante inteligível, pois um movimento quase geral se operou no hotel: os olhos do maior número dos que aí se achavam fitaram-se nos dois palradores; um moço que, na mesa fronteira jogava o dominó, ficou com uma peça entre os dedos e a mão no ar, imóvel, estático, como um epilético; um velho militar que próximo estava, e que para assoar-se já tinha pôsto o nariz em posição, deixou-se estar com o lenço estendido diante do rosto e preso entre as duas mãos, não desarranjou mesmo a horrível careta que se habituara a fazer na ação de



limpar-se do muco, e assim como se achava, lançou os olhos por cima dos óculos, e os pregou na mesa da questão.

— Dize-me tu primeiro o que significa isso, respondeu aquele a quem fôra dirigida a pergunta.

— Otávio, tornou com muito fogo o Sr. Antônio, pergunto-te de qual das duas primas-donas és tu partidário, se da Delmastro, se da Candiani.

— Mas se eu ainda não ouvi a nenhuma, homem!

— Pois faz de conta que já as ouviste: é preciso decidir-te e já!...

— Essa agora é mais bonita!...

— O Rio de Janeiro em pêso se acha extremado!...

— E isso que me importa?...

— Oh! exclamou o Sr. Antônio com voz sepulcral, oh! oh! quando se diz acerca dos negócios de estado — que me importa — deve-se contar que o estado está perdido!!!

— Ora eis o que se chama uma citação a propósito.

— E' preciso! é justo! é inevitável! deves pertencer à esquerda, ou à direita do teatro, continuou o diletante com entusiasmo, e sem notar que se fazia o objeto da geral atenção: sim!... mas, Otávio, recebe o conselho de um amigo, que não quer ver manchada a tua reputação; nada de sentar-te na direita... nada de Candiani!... escuta; a Delmastro tem por si o prestígio da ciência, e o voto dos peritos; quem diz Candianista, diz criança, estouvado, estudante! A Candiani tem uma voz... e mais nada; e uma voz... triste... sem bemóis, nem sustenidos... lamentável... horrível... detestável... fulminante... que faz mal aos nervos!...

— Apoiadíssimo! gritou o velho, consertando os óculos que, com o gôsto de ouvir o Delmastro, lhe haviam caído do nariz no queixo.



O moço do dominó havia muito tempo que não dava conta do jôgo.

— Ora, fico-lhe obrigado, disse-lhe o parceiro; aqui está um seis, e o senhor ajunta-lhe um quatro... inda peor, um dois!... então que é isso?... um três?... outro quatro?... um cinco?... o senhor quer divertir-se à minha custa?... mas... o que tem, meu amigo?... está tremendo... e tão pálido...

Com efeito, o moço tremia convulsivamente. E o Sr. Antônio, sem atender a coisa alguma, prosseguia:

— E a Delmastro? a Delmastro é doce e bela, melodiosa e engraçada: sua voz subjuga, arrebatava, amortece, vivifica, encanta, enfeitiça, derrota, fere e mata quem a ouve!... sua voz cai no coração, e de lá toma parte no sangue da vida! e sobretudo, professora incontestável... professora até à ponta dos cabelos, advinha os pensamentos de Donizetti, corrige-lhe os erros, adoça-lhe as rudezas, e diviniza-lhe as harmonias! sabe música... muita música... toda a música!...

— E' falso!... é falsissimo! é falsissimo!... bradou espumando de raiva o moço do dominó, e fazendo voar pelos ares todas as peças do jôgo.

— O senhor atreve-se a dizer-me que é falso?!

— E' falso!... repito, é falso!...

— Que diz, senhor?... exclamou o velho atirando-se sobre o novo diletante, é falso?... essa palavra é motivo suficiente para um duelo: retire pois a expressão, e não se peje de o fazer; porque isto de retirar expressões é muito parlamentar.

— Retire a expressão! retire a expressão, gritaram alguns.

— Não retire!... não retire!... bradaram outros.

— Não retiro!... aceito todas as consequências!... repito, que é falso!... digo que a



ieb

Delmastro nada sabe de música, estudou pelo método de Jean Jacques Rousseau, tem voz de assobio de criança em domingo de ramos; enquanto a Candiani é um rouxinol!... um milagre de harmonia!... um anjo!...

— Apoiado! bravo!... bravo!... muito bem!...

— Não!... não!... ah, o Sr. Antônio é quem tem razão!

E' de notar que apenas o moço declarou que não retirava a expressão, o velho Delmastro foi-se pondo pela porta fora, murmurando entre dentes:

— Não se pode argumentar com êle!... não é parlamentar!...

— Senhores, acudiu com muita prudência um servente do hotel, por quem são, não vão às do cabo aqui... isso desacreditaria a casa!...

— Não, tornou o Candianista, é preciso dizer a êste senhor que estou pronto a sustentar o que avancei, onde, como, e quando êle quiser!...

— Pois bem, respondeu o Sr. Antônio, até à noite, no teatro!...

— Aceito a luval até à noite, no teatro. Sim! e lá terei o prazer de rebentar estas mãos batendo palmas quando ela... quando eu digo ela, já se sabe, que é da doce Candiani, que falo, entoar com a ternura, com que costuma, o seu

Al dolce guidami
Castel natio.

E o apaixonado do moço, começou a cantar acompanhado por todo o rancho de Candianistas, que se achava no hotel; o que vendo o Sr. Antônio, para nada ficar devendo ao seu competidor, exclamou:

— E eu hei-de ter a glória de fazer em postas esta língua, dando entusiásticos bravos, quando ela... quando eu digo ela, já se sabe,



que é da inefável Delmastro, que falo, fizer soar a branda voz no seu

Ah! pensate che rivolti
Terra e Cielo han gli occhi in voi.

E com o mais detestável falsete, pôs-se a estropear, o sem dúvida belo — Ah! pensate —, que não só por êle, como por todos os outros Delmastristas presentes, foi completamente desnaturado.

A bons minutos trovejavam de mistura no hotel o — Al dolce guidami — com o — Ah! pensate —; quando a esforços ináuditos dos criados do hotel saíram para a rua os dois bandos, esquecendo-se o Sr. Antônio, no fogo do entusiasmo, que deixava com a maior semcerimônia o seu amigo.

Mas, nem por tal se scandalizou Otávio, que antes deu-se parabéns da boa fortuna com que havia escapado do meio daquela coorte de maníacos; e deixando o hotel, procurou passar divertidamente duas horas, que lhe faltavam, para ir ouvir Ana Bolena.

Passaram elas, e Otávio se achou no teatro de S. Pedro de Alcântara.

Não se via um só lugar desocupado; as cadeiras estavam todas tomadas, a geral cheia e abarrotada, e de momento a momento ouviam-se as vozes de alguns dilettanti que bradavam: — travéssas! travéssas!...

As quatro ordens de camarotes se mostravam cingidas por quatro não interrompidas zonas de belas: desejosas todas de testemunhar desde o começo o combate dos dois lados teatraes tinham vindo ornar ainda antes da hora suas felizes tribunas; nenhuma mesmo, dentre as que ostentavam mais rigor não belo tom, se havia adrede deixado para chegar depois de começado o espetáculo, e, fazendo, como é por algumas usado, ruído com as cadeiras e bancos



ieb

ao entrar nos camarotes, desafiar assim as atenções do público.

No entanto elas derramavam a luz de seus lumes sôbre essas centenas de cabeças ferventes, que debaixo se agitavam: desassossegadas e ansiosas, como que com seus olhos inquiriam daquele público, até onde levaria sua exaltação; e com a ternura de suas vistas, pareciam querer aquietar a hiena, que a seus pés rugia.

Finalmente o 1.º violino, com toda a sua respeitável autoridade de general daquele imenso esquadrão harmônico, deu o sinal da marcha, batendo as três simbólicas pancadas com sua espada de crina: daí a momentos o pano se havia levantado, e a ópera começado.

Não se passou muito tempo sem que o nosso conhecido Otávio se convencesse de que sairia do teatro como havia entrado; isto é, sem ouvir a sua tão suspirada Ana Bolena.

Alguns dilettanti da capital, depois talvez de haver muito parafusado, tinham descoberto um meio novo de demonstrar o seu amor pelas inspirações d'Euterpe, e a sua paixão pelas duas — primas-donas —. Era sem mais nem menos isto: para aplaudir ou patear não é necessário ouvir; de modo que batia-se com as mãos e com os pés ao que ainda não se tinha ouvido; applaudia-se, pateava-se, apenas alguma das pobres cantarinas chegava ao meio de suas peças; não se esperava pelo fim... applaudia-se, e pateava-se o futuro. Era uma assembléa de profetas; uma assembléa que adivinhava se seria bem ou mal executado o que restava para sê-lo.

Otávio tinha, por sua má sina, ficado entre dois extremos opostos; o que estava do seu lado direito, Candianista exagerado, era um mocetão com as mais belas disposições físicas, porém desgraçadamente gago, e tão gago, que quando desejava soltar o seu — bravissimo — fazia tão horribéis caretas que em redor dêle



ninguém podia deixar de rir-se, e, por consequência, era isso motivo para dar-se ruído tal, que a mesma predileta, por interesse próprio deveria, se adivinhasse que estava de posse de tão infeliz dilettante, conseguir que elle engulisse silencioso os assomos de seu entusiasmo.

Se, pela parte direita, Otávio via-se mal acompanhado, pela esquerda, estava talvez em peores circunstâncias. Sentava-se aí um ultra-Delmastrista, homem de quarenta anos, barbudo e gordo, que fazia ressoar por todo o teatro seus bravos e aplausos, mal começava a sua querida prima-dona: razão por que o moço gago, de quem há pouco se falou, já o tinha chamado ao pé do rosto: "monstro!... alma danada!... e fera da Hircânia!..." Felizmente, porém, disso não podia surdir resultado algum desagradável; pois o ultra-Delmastrista era completamente surdo; e tanto o era, que uma vez, em que a sua predileta devendo guardar silêncio, mas, para o devido desempenho da cena, tendo de demonstrar admiração ou não sabemos que, abriu um pouco a boca, arregalou os olhos, e dobrou-se para diante, o nosso apaixonado, que só por tais sinais conhecia quando ela cantava, pensou que, com effeito, o estava então fazendo, e exclamou todo a remexer-se: — Assim!... assim sereia!... derrota-me esta alma petrificada!...

Em tais circunstâncias, mal podendo gozar as brilhantes inspirações do imortal Donizetti, e menos ainda apreciar as duas cantarinas, por quem tão fora de propósito, e desajuizadamente, pleiteava o público do teatro de S. Pedro de Alcântara, Otávio resolveu-se a empregar o seu tempo em alguma coisa proveitosa e entendeu que, o que melhor lhe convinha, era admirar os triunfos da natureza em algum rosto bonito, que por aqueles camarotes deparasse.

Não gastou Otávio muito tempo em procurar objeto digno de suas atenções: em um camarote da 1.^a ordem, que lhe ficava um pouco



ieb

para trás, viu êle um engraçado semblante que atirava o seu tanto para o moreno (tipo com que, aqui para nós, simpatiza muito certo sujeito do nosso conhecimento), e que, além do mais, era animado por dois olhos vivos... bellos... faiscantes... enfim, dois olhos brasileiros; porque, seja dito de passagem, tanto orgulho podem ter as espanholas de seu pequeno pézinho, e delgada cintura, como as brasileiras de seus lindos olhos pretos, que parecem haver passado para suas vistas todo o ardor da zona, em que vivemos.

O tal camarote, onde estava a moça morena, era, sem pôr nem tirar, um viveiro de originaes. Junto dela ostentava seu bilho, esplendor e não sabemos que mais, uma senhora que, pelo que mostrava, e não pelo que dizia, devia andar roçando pelos seus cinqüenta anos, e que, a-pesar-de tal, endireitava-se na cadeira e tais ademanes fazia, como poucas meninas que querem casar, os fazem. Vestia um vestido de seda verde, degotado; tinha na cabeça uma touca de cassa da Índia, ornada com laços de fitas azues, etc.: segurava com a mão direita em um ramo de belos cravos, e conservava a esquerda esquecida sôbre o elegante óculo, de posto no parapeito do camarote.

A segunda e última fila era formada por três marmanjos: começando pela esquerda, via-se um homem avelhantado, magro, alto, de rosto comprido, a cuja barba fazia sombra um enorme e afilado nariz, muito cuidadoso das senhoras, e tendo sempre derramado no semblante uma espécie de prazer, que a mais simples observação descobria ser fingido. Era necessariamente o pobre pecador que, de antemão, curti todos os seus pecados passados, presentes e futuros com a penitência de ser o chefe daquela familia.

O que estava no meio, era por força um daqueles homens que pertencem a tôdas as idades, que são conhecidos de todo o mundo, e appare-



cem em todos os lugares: tinha cara de hóspede daquele camarote.

O terceiro, enfim, era um rapaz de seus vinte anos, amarelo, cabeludo, de enorme cabeça, e que não fazia senão dar à taramela, e comer doce.

Em menos de cinco minutos a atenção de Otávio foi sentida no camarote, e quase ao mesmo tempo pela menina morena, e pela senhora... idosa (velha é palavra, que está formalmente reprovada sempre que se trata de senhoras).

— Rosinha, disse aquela ao ouvido da primeira, não vês como aquele moço de gravata azul-celeste tem os olhos embebedos no nosso camarote?

— Não, minha mãe, respondeu a moça com fingimento, ainda não reparei.

— Pois atende, menina.

— Sim... parece que sim, minha mãe.

— Chamem-me velha, se aquilo não é com alguma de nós.

E a boa da senhora idosa levou até o nariz o seu ramo de belos cravos, que fizeram um terrível contraste com seu infeliz semblante.

— Oh! Sr. Brás, continuou ela falando com o segundo dos homens que foram descritos, conhece aquele moço que está ali de gravata cor azul-celeste?...

— Perfeitamente... é o senhor...

— Basta; dir-me-á depois; há um mistério na minha pergunta, que só mais tarde lhe poderei descortinar...

No entanto, a moça morena já tinha olhado seis vezes para o moço, três cheirado suas flores, e duas limpado a boca com seu lenço de cambraia.

Pela sua parte Otávio vingava-se do furor dos ultra-diletantí, lembrando-se poucas vezes de que viera ouvir Ana Bolena.

O fim do primeiro ato veio suspender por momentos tudo isso: Otávio saiu do teatro pa-



ieb

ra tomar algum refresco, e ainda mais para ter ocasião de mudar de vizinhos. Versado em todos os segrêdos da arte, mercê da qual os homens conhecem se têm ou não merecido particular atenção das senhoras, êle, entrando de novo para as cadeiras, tomou uma em direção contrária àquela que primeiro ocupara. Um instante depois de levantar-se o pano, tirou logo resultado de seu estratagema; a senhora idosa e a moça morena davam tratos aos olhos para descobri-lo: depois de algum trabalho, deram por fim com êle; desgraçadamente, porém, o moço achava-se em peores circunstâncias, do que no primeiro ato.

Com efeito, Otávio via-se então sitiado pela direita, pela esquerda, pela frente, e pela retaguarda: eram quatro dilettanti de mão cheia.

À direita, ficava-lhe um — dilettante sentimental —, que no meio das melhores peças, puxava-lhe pelo braço, e exclamava: — ouca! como é belo isto! aquela volata! esta tenuta! então de qual das duas mais gosta?... olhe, eu gosto de ambas... sou epiceno... quero dizer, comum de dois: — e enfim falava, falava, e falava mais que três moças juntas quando conversam sôbre seus vestidos.

À esquerda, estava um — dilettante estrangeiro — que apontava ao infeliz Otávio os lugares onde mais brilhava a Grizi, aqueles em que primava a Pasta, e os pedaços harmônicos em que se fazia divina a Malibran, que êle tinha ouvido em Paris ainda em 1843.

Na frente, sentavam-se um — dilettante perito — que era um eco de quanto se cantava: tinha a Ana Bolena de cor e salteada, e ia por entre os dentes estropeando em meia voz todas as peças que se executavam, de modo que de redor dêle, ouvia-se — Ana Bolena dupla.

Na retaguarda, enfim, um — dilettante parlamentar — resmungava com o seu compadre sôbre a marcha dos negócios públicos; exasperava-se de que êsse mesmo povo, que tanto



para ter
sado em
qual os
cido par-
rando de
a direção
ra. Um
tiron lo-
hora ido-
os olhos
trabalho,
ente, po-
cunstân-

diado pe-
pela re-
ão cheia.
nte sen-
es peças.
— ouca!
tenuta!
.. olhe,
quero di-
falava,
quando

e estran-
o os lu-
eles em
mônicos
e êle ti-

ante pe-
cantava:
e ia por
voz tô-
odo que
a dupla.
nte par-
mpadre
s; exas-
e tanto

se exaltava por duas cantarinas, deixasse em olvido as eleições, e por tal forma que êle, que se fizera candidato a juiz de paz, mal tinha podido até êsse dia fazer assinar trinta e duas listas muito conscienciosamente.

Em tal posição o pobre Otávio nem mesmo tinha licença de voltar-se ao belo camarote: pois se voltava para êle a cabeça, logo o dilettante da direita puxava-lhe do braço, e dizia quase gemendo:

— Não perca... não perca êste pedacinho... oh, que agudos!...

E o da esquerda dava-lhe uma cotovelada, e exclamava:

— Aqui a Griz! eu o ouvi na cidade de Moscou, meses antes da invasão de Bonaparte... olhe, fez furor! um furor tal, que o próprio Imperador de todas as Rússias mandou-lhe o seu mais querido cavalo, para que ela fugisse, duas horas antes do incêndio.

Com semelhante companhia não era possível nem ouvir música, nem ver moças. Otávio resignou-se; porém apenas veio o pano abaixo, sem se dar com os gritos de: Candiani, à cena! à cena! — com que os Candianistas celebravam o triunfo de sua maioria firme, compacta, decidida, e o que é mais, patriótica, correu para fora com tenção de esperar à saída dos camarotes a moça morena.

Mas parece que o destino estava de candeias às avessas com o pobre moço: ao passar pela porta da platéia o Sr. Antônio agarrou-o pelo braço.

— Larga-me, deixa-me, Antônio.

— Não! é impossível! é preciso dizer a qual das duas pertences.

— Eu a nenhuma; deixa-me.

— Mas é preciso! é justo!... é inevitável!...

— Pois amanhã te direi; peço-te esta noite para resolver-me.

— Não: não! é necessário dizer já!

— Então... sou Candianista.



ieb

O Sr. Antônio recuou três passos, e disse com voz lúgubre:

— Otávio, fala sério, quero dizer sisudo, com seriedade?

— Sou Candianista, repetiu Otávio.

— Sr. Otávio, exclamou depois de momentos de reflexão o Sr. Antônio, tôdas as nossas relações estão quebradas! esqueça-se de que sou vivo: e lembre-se que tem um amigo de menos, e um inimigo de mais.

E dito isto, retirou-se; mas talvez que tivesse de voltar mais exasperado que nunca, se a algazarra que faziam os Candianistas dentro do teatro não cobrisse a gargalhada, que soltou Otávio ouvindo as últimas palavras do Sr. Antônio.

Quase ao mesmo tempo saía a família, que Otávio vinha esperar: êle correu para junto da escada, e a moça morena, apenas o lobrigou, olhou para trás, e disse com voz bem alta ao ancião que mostrava ser seu pai:

— Ai está, meu paizinho, porque eu digo, que vir ao teatro tem seus prazeres e seus desgostos; é na verdade um desgosto ter de ir a tais horas, e a pé, à rua de... onde nós moramos.

E apenas acabou, olhou para Otávio, e sorriu-se. O moço tirou de seu album e escreveu — rua de.... — A senhora idosa, a quem nada escapava, bateu com o leque no ombro da filha, e disse-lhe ao ouvido:

— Tu és a minha glória! honras a bela árvore de que és vergôntea.

No resto da noite apenas se fazem dignos de lembrar-se dois atos praticados pelo Sr. Antônio, e pelo moço que com êle havia disputado no hotel.

O moço, acompanhando a sege que conduziu a sua Candiani a casa, viu-a apear-se, e quando a porta se fechou e a rua ficou solitária, êle chegou-se àquela, ajoelhou-se, e beijou



três vezes a soleira em toda a sua extensão, depois erguendo-se, e retirando-se, disse:

— Agora já posso dormir: beijando toda a soleira da porta, por onde ela entrou, beije por força o lugar, onde tocou com seu sapato o pé de um anjo!...

O Sr. Antônio levou adiante o seu sacrificio; ficou todo o resto da noite grudado com a porta da casa de sua infável Delmastro, tendo o nariz enterrado na fechadura: ao amanhecer, êle a custo abandonou o difficil pôsto, e retirou-se murmurando:

— Não dormi: porém ao menos com o meu nariz metido na fechadura daquela porta, respirei por força alguma molécula de ar, que já tivesse sido respirada por aquela Musa do Parnaso.

II

AGASTAMENTOS CONJUGAIS

Um homem de cinqüenta anos, magro, alto, pálido, calvo, e de grande nariz, é o Sr. Venâncio, marido da Sra. D. Tomázia, e pai do Sr. Manduca, e da Sra. D. Rosa.

Venâncio é um empregado, sem exercicio, não nos lembra de que espécie; na vida que vive, vê-se obrigado a ser somente isso; pois que em tudo mais é a sombra de sua mulher. Aos vinte e oito anos casou-se, porque seu pai lhe disse que era preciso fazê-lo, com uma senhora que se acompanhava de alguns mil cruzados de dote, como de fato os trouxe a Sra. D. Tomázia, que, pela sua parte, segundo ella mesma o diz, casou-se para se casar.

E êste casal representou logo, e continuou a representar o mais interessante contraste: Venâncio é débil, condescendente, e pacato; se algumas vezes se empina, é para logo dobrar-se mais humildemente que nunca. Tomázia é forte, decisiva, arrogante, e valentona. Não sa-



ieb

be, senão mandar, e quer sempre ser obedecida. Vendo de longe a sociedade elegante, trata de arremedá-la, e faz-se uma completa caricatura, do que ela chama grande tom. Conhecendo cedo o gênio e caráter de seu espôso, tornou-se a despota, a tirana do pobre homem; e para servirmo-nos de um pensamento dela mesma, escreveremos suas próprias palavras: "Venâncio, diz ela mil vezes, nesta casa a tua vontade é uma colônia, de que a minha voz é a metrópole". E o pobre Venâncio, casado há vinte e dois anos, há vinte e dois anos que faz inúteis planos de independência: todos os dias levanta-se com disposição de sustentar a pé firme uma batalha decisiva; mas às primeiras cargas do inimigo larga as armas, bagagem e tudo, e põe-se a correr, ou as mais das vezes ajoelha-se e implora a anistia.

Últimamente haviam escaramuças diárias; a razão aqui vai. Tomázia tivera nos primeiros cinco anos dois filhos; depois parece que a natureza lhe gritou — stop —; passaram-se dezesseis, e ao correr o décimo sétimo, veio, contra a expectativa de Venâncio, mais uma — pequenina —, para fazer a conta de três. Tomázia saudou com entusiasmo êsse acontecimento. Segundo certa aritmética exclusivamente feminina, algumas senhoras quando chegam aos quarenta anos contam a sua idade no sentido inverso do que até então praticaram: isto é, no ano que se segue àquele, em que fizeram quarenta, contam elas — trinta e nove; no outro que vem — trinta e oito, até que chegam, segunda vez, aos trinta, em que costumam fazer uma estação de um lustro. Ora, Tomázia, mais velha que seu marido três anos, já tinha exatamente três anos de estação; mas vindo inopinadamente — a nova menina — entendeu lá consigo que era preciso contar menos de trinta para ter filhos, e pois foi dizendo que se enganara na conta de sua idade, pois que não tinha mais que vinte e nove anos. Todavia essa



importante revelação não ficava bem sabida, confiando-se somente a visitas e vizinhas, e portanto Tomázia declarou a seu marido que sua filha seria batizada com estrondo; e que se daria um elegante sarau em honra da recém-nascida. Venâncio opunha-se a isso pelo mau estado em que se achavam seus negócios financeiros; a mulher bradava; Rosa votava pelo sarau, Manduca também; e a casa andava de poeira levantada. Também jamais Venâncio se mostrara tão valente.

Na manhã do dia que seguiu a noite tempestuosa descrita no capítulo antecedente, Venâncio achava-se na sala de sua casa sentado no canapé, triste e silencioso como um marido infeliz, que se vê a sós; vestia uma calça de brim escuro, uma nisa branca, e tinha no pescoço um lenço de sêda, de dentro do qual surdiam enormes e ponteagudos colarinhos; junto dêle descansavam seus óculos sôbre o *Jornal do Comércio*, e tendo de esperar que se levantasse sua mulher, Venâncio com uma perna descansada sôbre a outra e exalando sentidíssimos suspiros, empregava o tempo em passar meigamente os dedos sôbre o grande nariz, que devia à natureza, e que, depois de seus filhos, era o objeto que mais idolatrava no mundo.

No dia anterior, Venâncio tinha tido um bate-barba com sua mulher; porque, ao vê-la entrar na sala com os cabelos desgrenhados, não lhe fizera a menor reflexão sôbre isso; daí passaram à questão da ordem do dia, e gritou-se sôbre o batizado, como se grita em certo corpo coletivo, quando se trata de eleições.

As idéias do dia passado assustavam portanto ao pobre Venâncio, que temia ver reproduzidas as mesmas cenas; além disso tinham soado dez horas, e Tomázia com suas filhas dormiam a sono solto. O infeliz homem sofria em silêncio todas as torturas da fome, quando, passada ainda meia hora, uma porta se abriu, e por ela entrou Tomázia com os cabelos soltos,



ieb

e o vestido desatado. Venâncio lembrou-se logo que, por não reparar nesse desalinho, fôra já acometido, e pois ergueu-se para receber nos braços o seu flagelo, e, cruelmente risinho, exclamou:

— O' querida Tomazinha!... pois assim te ergues, e saís de teu gabinete sem te penteares, e...

— E que tem o senhor com isso?... bradou a mulher, porventura quer que eu durma penteada, ou já me facilitou um cabeleireiro para tocar-me apenas me levanto da cama?... é impossível!... não se pode viver sossegada com um velho impertinente, como o senhor!

— Está bem, minha Tomázia... não te affijas... eu disse aquilo só por dizer.

— Isso sei eu; porque o senhor é um desenhado... tanto lhe faz que eu ande mal vestida, mal tocada ou não... para o senhor é a mesma coisa... não tem gosto... não presta para nada...

— Pois mulher... eu já não disse que...

— Pois se disse, é o mesmo que se não dissesse, porque o senhor não sabe dizer senão asneiras...

— Tomázia... estás hoje cruelmente impert... infe... zanga...

— O que é que diz?... o que é que eu estou?... heim?...

— De mau humor, Tomázia, de mau humor!...

— Por sua culpa! vivemos em guerra aberta... como dois inimigos; mas deixe estar, que hei-de perder um dia a paciência; eu sou uma pomba, tenho o melhor gênio do mundo; mas o senhor é um dragão, uma fúria!...

Venâncio já se torcia até não poder mais; finalmente, depois de muito espremer-se, contentou-se com dizer:

— Sim... sou eu, que sou a fúria... há-de ser assim mesmo.

— Isto é um martirio!... uma tentação!...



O velho não respondeu palavra.

O silêncio de Venâncio contrafazia talvez a Tomázia, que, sentando-se em uma cadeira longe do marido, se deixou ficar por muito tempo muda, como êle; depois, como se tomasse nova resolução, soltou um suspiro, e disse:

— Quando eu estou pronta a viver em paz eterna com êle, o cruel volta-me as costas!...

— Eu, Tomázia?!...

— Sim, tu, tornou ella com voz menos áspera, e eu não posso viver assim... isto me envelhece... tu me fazes cabelos brancos.

Venâncio olhou espantado para Tomázia, que deixando o lugar que occupava, foi sentar-se ao lado do marido, passando-lhe amorosamente o braço em derredor do collo. O fenômeno espantava: tão rápida mudança da rubagem para os afagos era para admirar; mas Tomázia o fazia de plano.

Vendo, contra os hábitos de vinte e dois anos, que o marido resistia à sua vontade; e que a-pesar-de todo o esforço a festa do batizado continuava duvidosa, a mulher pensou, durante a noite, em um ataque de nova espécie contra Venâncio: ella devia entrar enfadada na sala, exasperar o marido até fazê-lo gritar, fingir-se então, pela primeira vez, temerosa, humilhar-se, enterrecê-lo, e depois a poder de lágrimas conseguir o que então não havia podido o seu — quero — absoluto.

A paciência de Venâncio tinha neutralizado o stratagem de Tomázia: o cordeiro, sem saber e sem querer, opôs-se admiravelmente à raposa, e, pois, conhecendo a mulher, que seu marido não se assomava com as loucuras que lhe foi dizendo para levar a efeito o plano que concebera, fez-se por si mesma carinhosa e meiga.

O pacato velho começou por espantar-se do que observava; quando, enfim, Tomázia passou gradualmente da meiguice à submissão, êle mi-



ieb

rou-se todo inteiro a ver se havia alguma novidade de meter medo em sua pessoa; não descobrindo nada, que lhe explicasse o fenómeno, e tendo de dar-se necessariamente uma explicação, imaginou que nesse dia sua voz tinha um timbre assustador, que de seus olhos talvez partissem vistas magnéticas... fulminantes... terríveis.

Sucedeu para logo a Venâncio, o que acontece a todo homem medroso: apenas acreditou que sua mulher recuava, concebeu a possibilidade de chegar a sua vez de valentão, e determinou aproveitar-se dela; êle! a bigorna de vinte e dois anos passar milagrosamente a ser martelo!... semelhante idéa desenhou-se brilhantemente aos olhos do velho, que de pronto cerrou as sobrancelhas, fez-se carrancudo, e dispôs-se a representar o papel de mau.

Tomázia, que tinha assentado de pedra e cal fechar a discussão calorosa, que há tantos dias era debatida entre seu marido e ela, não perdia um só dos movimentos d'este, bebia-lhe todos os pensamentos com vistas fingidamente tímidas, e ao conhecer que o adversário caía nas suas rês, disse com voz terna:

— Pois bem, meu Venâncio, de hoje avante viveremos em completa harmonia.

— Se a senhora o quiser... seja! respondeu com mau modo o pobre homem.

Tomázia reprimiu a custo uma gargalhada; tal era o pouco caso que fazia do marido. Venâncio ergueu-se, e cruzando as mãos atrás das costas, começou a passear ao longo da sala; a mulher levantou-se também, e acompanhando-o de perto, travou com êle o diálogo seguinte:

— Estimo achar-te disposto à paz, disse ella; portanto, meu amigo, tratemos de estabelecê-la com bases sólidas: queres?...

— Se a senhora o quiser... isso para mim é quase indiferente.

Venâncio não cabia em si de alegre com a



sua inopinada vitória, e prometia aproveitar-se dela.

— Pois para isso, continuou Tomázia, troquemos penhores de paz: peçamos um ao outro uma prova de amor... um extremo de ternura: então, tu o que exiges de mim?...

— Coisa nenhuma.

— Não sou eu assim: tenho que te pedir, meu amigo...

— Vá dizendo.

— E ainda não adivinhaste, ingrato?...

— Ora adivinhem lá o que quer a Sra. D. Tomázia!... então, não está boa?...

— Cruel, não compreendes que quero falar do batizado de nossa filha?

— Batizar-se-á.

— E daremos um sarau digno de nós, não é assim?...

— Não é assim, não senhora.

— Ah! já vejo que estás brincando! tu não havias de querer que o batizado de nossa querida filhinha se fizesse, como o de qualquer-lhe-lhe-é.

— Indeferido.

— Meu Venancinho!...

— Não há que deferir, não há que deferir.

— O que dirão as famílias que nos conhecem?... que conceito farão de nós?...

— Sustento meu primeiro despacho.

— Ingrato, em troca do amor que te consagro, não me dás senão desgostos!... desvelo-me em te adorar, e tu me pagas com rigores... ah! sou pobre flor sem jardineiro, que fenece na espessura!

Venâncio, que sempre continuava a passear ao longo da sala seguido por Tomázia, ouvindo aquela modesta comparação, voltou-se para ver a pobre flor sem jardineiro, que fenece na espessura e achou diante dos olhos a cara de sua mulher feia, e desbotada: então, para não expor-se a perder a posição que ocupava, teve



ieb

de comprimir uma risada, e continuando o seu passeio, respondeu:

— Não pega a lábia, minha senhora.

— Oh, ingratidão!... oh, crueldade!... e êle disse que queria a paz!... pobre de mim, sou a vítima!...

E Tomázia desatou a chorar horivelmente. Venâncio, cheio de si, perdido nas alturas de seus triunfos, não parou em seu passeio, antes o continuou dizendo:

— Não é possível! não pode ser!

Tomázia não pôde conter-se por mais tempo: vendo esgotados até às lágrimas todos os meios brandos, com que contava, fez com toda a habilidade própria das senhoras desaparecer o pranto num momento, e levantando a cabeça, disse:

— Ai! pior está essa!... Venâncio, olha que já me vai subindo o sangue à cabeça! cuidado comigo.

Venâncio sentiu-se abalado; mas não querendo mostrar-se desanimado, elevou a voz mais que nunca, e gritou:

— Requeira em termos!...

— Venâncio!... bradou Tomázia com essa voz estrepitosa, com que costumava enterrar o marido três braças pela terra dentro.

Venâncio não se meteu três braças pela terra dentro; mas caiu completamente de sua elevada nuvem de superioridade; aquele brado de

— Venâncio — soou em sua alma terrivelmente, e despertou a consciência de seu nada... foi ainda ensaiando um derradeiro esforço que êle exclamou com voz de falso:

— Tenho deferido.

Tomázia já não estava boa, agarrou nas abas da nisa, que seu marido vestia, e obrigando-o a voltar o rosto para ela, gritou-lhe na cara:

— Ouviste?... quero que se dê um sarau! quero, comprehendes-me bem?...

E dito isto cruzou, como fizera Venâncio, as mãos atrás das costas, e se pôs a passear, por



sua vez; e o marido, que estava completamente por terra, foi quem teve então de acompanhá-la, dizendo-lhe com toda a humildade:

— Vem cá, mulher impaciente; não sabes que eu sou um empregado sem exercício, que o meu ordenado e todos os nossos rendimentos não chegam a dois contos de réis, e que, por consequência, não tenho dinheiro para dar saraus?

— Pois que tivesse: há-de haver sarau.

— Não sabes que, sem necessidade, e só por tua vontade, aluguei uma chácara, de cujo aluguel já devo seis meses?...

— Pois que não alugasse: há-de haver sarau.

— Ignoras que, para comprar tetéias francesas, e vestidos de sêda para ti e para tua filha, fiquei no fim dêste ano empenhado em um conto de réis?...

— Pois que não ficasse: há-de haver sarau.

— Ignoras que hoje mesmo se venceu a letra de oitocentos mil réis, que por teu respeito assinei, e que, portanto, quem não tem, como eu, dinheiro para pagar o que devo, também não tem dinheiro para funções inúteis?...

— Pois que tivesse: há-de haver sarau.

— Então estas razões não valem nada?...

— Não quero saber delas.

— Devo eu querer saber. E portanto o dia do batizado passará como tantos outros, com a diferença única de bebermos mais um copo...

Tomázia não pôde mais conter o seu furor; voltou-se de repente, e esbarrou-se cara a cara com Venâncio.

— Um copo de um dardo que te atravessasse!... bradou ela batendo com o pé.

— Oh, senhora! exclamou Venâncio pondo a mão no nariz a ver se corria sangue; oh, senhora! veja lá como me trata! olhe que ia escapando de esborrachar-me o nariz.

Com aquele desgraçado encontro, Venân-



cio, que amava o seu nariz sôbre todas as cousas, tornou-se exasperado.

— Quero o sarau! bradou Tomázia.

— Não pode ser! um milhão de razões... enfim, não há dinheiro!

— Pois cubra o deficit com um crédito suplementar!...

— Vou fazer bancarrota... já não tenho crédito na praça.

— Há-de haver sarau por fôrça! gritou Tomázia com toda a fôrça de seus pulmões.

— Não há-del... não quero!...

— Quero eu!... há-del!...

— Não há-del!... bradou Venâncio, que, ainda furioso, se lembrava da narigada.

— Veremos... vou já fazer os convites...

— E eu saio logo a desavisar os convidados...

— Oh, brejeiro!... há-de haver sarau!...

— Não há-del!... digo-lho eu!...

— Patifel!... maroto!...

— Patifel!... maroto a mim!... a mim que tenho saído juiz de paz em todas as eleições?... é muito... isso não se pode sofrer!...

— E eu te ensinarei!... lambazão insolente!...

— E' ela! tartaruga!... velha!... feia!...

Venâncio nunca se havia atrevido a tanto: as dôres que sentia no nariz produziram aquela explosão de furor; mas ao nome de — velha — Tomázia foi às nuvens... era o maior insulto que se lhe podia fazer: tornou-se louca, enraivada, e levantando a mão, avançou contra o marido.

— Quem é velha?... quem é tartaruga, e feia, grandíssimo brejeiro?...

— Senhora, disse Venâncio recuando, sentido!... olhe que eu perco-lhe o respeito!...

Mas Tomázia saltou sôbre êle, agarrou com a mão na gola da nisa, e com a outra começou a malhar-lhe as costas.



— Então quem é velha?... quem é tartaruga, e feia?... há-de haver sarau, ou não?...

— Prudência, senhora, veja que eu...

— Não quero saber de prudências, continuou a boa da mulher; há-de haver sarau, ou não?...

As costas do pobre marido soavam como um zabumba; fazendo horríveis caretas, êle exclamou:

— Oh, Sra Tomázia, olhe que eu dou-lhe uma dentada!...

Mas a Sra. Tomázia, a quem já doíam as mãos de tanto socar as costas do infeliz Venâncio, mudou-lhe os tormentos, e a fortes puxões do resto de cabelos que haviam em sua calva cabeça, continuou gritando:

— Há-de haver sarau, ou não?...

Nesse momento bateram palmas na escada. Venâncio respirou com a esperança de escapar das garras de sua mulher, e disse em voz baixa:

— Largue-me, senhora, estão batendo, deixe ver quem é.

Mas Tomázia não estava disposta a abandonar assim a sua vítima, antes continuou no mesmo gênero de martírio, clamando bem alto para ser ouvida:

— Deixe bater... hei-de esganá-lo primeiro... ou responda, há-de haver sarau, ou não?...

As palmas soaram de novo; mas desta vez acenderam elas, não a esperança no coração, mas a vergonha no rosto de Venâncio.

— Largue-me, senhora, murmurou êle.

— Há-de haver sarau, ou não?...

As palmas foram pela terceira vez ouvidas.

— Está bom, disse Venâncio, quero ser prudente... haverá... haverá sarau... e o que quiser.

— Eis aí o que se chama um bom marido, exclamou Tomázia largando-o, e rindo-se; vou



ieb

fazer as cartas de convite: oh Micaela!... vê quem bate.

E sem mais olhar para Venâncio, saiu da sala.

A escrava foi abrir a porta da escada, e o mísero marido aproveitou êsse momento para consertar-se.

Quando Venâncio sentiu que a visita acabava de subir a escada, lembrou-se do ditado antigo, e com terrível ironia feita a si próprio, mas para esconder um pouco a sua vergonha, pronunciou com voz bem inteligível:

Às vezes não há remédio, senão a gente sair fora do sério!...

E entrou na sala o Sr. — Brás-mimoso.

III

BRAS-MIMOSO

Brás chamava-se o homem que havia acabado de entrar: tinha talvez a mesma idade de Venâncio, mas era tal o seu parecer e o seu traçar, o seu viver e o seu praticar, que em toda a parte se fazia conhecer pelo nome de Brás-mimoso. Tudo nele era com efeito mimoso: estatura muito menos que ordinária, pequeninos pés, delicadas mãos... pisar sutil... e até juízo curto. Com o melhor gênio do mundo, vivia contudo em guerra declarada com a natureza, e se não lhe era possível vencê-la, ao menos escondia os triunfos, que ela sôbre êle obtinha.

Assim, o pêso dos anos tinha conseguido começar a dobrar-lhe o corpo; pois Brás-mimoso comprou um espartilho, e se pôs teso, direito, e gracioso, como uma palmeira.

Os cabelos lhe foram pouco a pouco caindo; Brás-mimoso usou para logo de cabeleira. Os dentes se lhe cariaram, e se perderam,

ieB



Brás-mimoso apelou para uma dentadura postiza.

Com o crescer da idade conheceu que se ia tornando pesado; Brás-mimoso não perdeu mais em sarau alguma ocasião de dançar a valsa de corropio, e por último fez-se mestre nos sapateados da polca.

Lembrou-se que poderia ir ficando rabugento e frio; Brás-mimoso não deixou mais a companhia das moças, tornou-se namorado; como nunca, recita versos, canta modinhas, e escreve cartas de amor.

Também não lhe falta tempo para nada disso. Oficial reformado no posto de capitão, êle passa vida de anjo: almoça, janta, e ceia sempre, e muitas vezes dorme em casa dos amigos; de manhã vai para os hotéis ler periódicos; se é tempo de legislatura, às dez horas gruda-se no melhor lugar de uma das galerias, e ouve, e decora para repetir nos círculos que frequenta, os mais fortes discursos da opposição; se as câmaras estão fechadas, passeia, ou lê romances, nas quintas-feiras vai ao museu, de tarde ao passeio público, e de noite às assembléias, ou ao teatro no camarote de algum conhecido. Frequenta muito a rua do Ouvidor, sabe de modas e de vestidos como Mme. Gudin, de flores como Mme. Finot, de cosméticos e pomadas como Mr. Desmarais. Possui uma lista de todas as moças bonitas do Rio de Janeiro com a nota de suas moradas, tem a modéstia de se crer amado por quase todas, conhece meio mundo, vai a toda a parte, e come, bebe, e fala, como... só êle.

Nós o vamos encontrar almoçando com a família de Venâncio; estão à mesa cinco pessoas.

Venâncio, que almoça com a boa vontade, de quem sabe que a mesa é o único prazer que lhe resta no mundo.

Tomázia, que, devorando quanto vê diante dos olhos, assegura a todos os momentos que nunca tem fome, mas que se vê obrigada a ali-




ieb

mentar-se por causa de sua querida filhinha, que deseja amamentar com os seus próprios seios, medrosa dos inconvenientes do leite mercenário.

Félix, moço de vinte e seis anos, de estatura ordinária, magro, pálido, com as mãos muito brancas, e bem feitas; desconfiado, e melancólico de natureza, mas com tais qualidades modificadas pela frequência das sociedades; vestia calças e colete branco, e uma sobrecasaca, que perfeitamente lhe assentava; tinha ao pescoço uma gravata de côr, muito baixa, e bordada com igualdade matemática por uma estreitíssima dobra do colarinho; sobrinho de Tomázia, frequentava êle com admirável assiduidade a casa da tia; comendo com a rapidez e boa vontade de um caixeiro, de cada vez que levava o bocado à boca, Félix atirava uma olhadura fulminante sôbre a prima Rosinha.

Rosa é a mocinha, a quem já conhecemos do teatro: com seus dezesseis para dezessete anos, é ela uma menina dessas moreninhas capazes de fazer andar com a cabeça à roda a mais de meia dúzia de rapazes a um tempo: pouco alta, esbelta, com lindos e vivos olhos pretos, com suas pequeninas mãos, proporcionados pésinhos, Rosa, que se vê ao espelho trezentas vezes por dia, gosta muito de si mesma, e animada pela perigosa educação com que foi criada, é sem mais nem menos conquistadora, loureira, e espertinha demais: como tem às suas ordens a chave da despensa, e o dia inteiro por seu, ela come menos que um passarinho diante dos hóspedes, e serve o chá tomando as taças com as pontas dos dedos, mostrando assim muito bem um rico anel de brilhante que nunca deixa.

E finalmente Manduca, com quem igualmente já tomámos conhecimento no teatro, era o predileto de Tomázia, rapaz apaixonadíssimo por pão com manteiga, com a qual então já ti-


 ieb


nha emplastado três partes de seu escarpado rosto.

Tomando a última gota de chá, Venâncio ergueu-se, como quem se supunha demais naquela roda, e retirou-se.

Apenas acabava de sair o velho marido, Brás-mimoso voltou-se para a dona da casa, e disse:

— Devo confessar-lhe, Sra. D. Tomázia, que tenho dado tratos ao pensamento para penetrar aquele mistério, do qual me falou ontem à noite.

— Mas... não me recordo.

— Ora... quando me perguntou se eu conhecia o moço de gravata côr azul celeste.

— Veja só!... pois ainda se lembra disso? estou pensando que só para fazer-me essa pergunta veio dar-nos o prazer de almoçar conosco; vê, Rosinha, nós, as mulheres, como exclusivamente as curiosas...

— Mas como me havia prometido a decifração do mistério...

— Sim... sim... porém eu disse isso somente para acender algum ciumezinho no coração do meu Venâncio... bem sabe que o ciúme é o adubo do amor... eu por mim sou ciumenta como o mouro de Veneza.

— Bravo, minha mãe!... bravo!... exclamou o interessante Manduca.

— Cala-te Manuelzinho, diz Tomázia, não é bonito interromperes a tua mãe.

— A-pesar-de toda a sua modéstia, tornou Brás-mimoso, eu juro pelos olhos da Sra. D. Rosa que não é de um ciúme, porém de uma conquista, de que se tratava no teatro.

— Muito bem! disse Rosa, então jura por meus olhos!...

— Pois não, minha senhora, sempre se jura por algum objeto sagrado.

— Ora...

— Deixemos isso, acudiu Tomázia; mas já



que o Sr. Brás levantou a ponta do véu, é melhor que o rasguemos todo.

— Minha mãe, falou Rosa em segêrdo, olhe meu primo...

— Que importa?... oiça, meu sobrinho; Rosa tem mêdo que se fale em sua presença... dir-se-ia que você e ela são dois apaixonados.

— Aparências, minha tia, aparências...

— Também o que se vai dizer não é mais, que um dêsses casos de todos os dias...

— Um dêsses casos que sucedem à minha prima todos os dias?... perguntou o tal primo Félix.

— Há-de ser pouco mais ou menos isso, respondeu a moça ressentida.

— Estava ontem à noite em um camarote, disse Tomázia dirigindo-se a Brás-mimoso, duas senhoras; uma casada, e outra solteira; um moço, que se achava na superior, gastou a noite inteira em prestar-lhes a mais obsequiosa atenção; êsse moço vestia-se elegantemente; tinha um rico relógio, um excelente alfinete de brilhante, gravata côr azul celeste, luvas de pelica côr de carne, enfim, trajava com o último apuro do bom gosto. Daquí tiram-se três conclusões: primeira — o moço gostou de uma das senhoras; segunda — o moço parece não ser pobre; terceira — o moço é adepto ao culto do bom gôsto.

— Eu tenho reparado, disse o primo Félix, que minha tia é lógica até à ponta dos cabelos; prima Rosinha deverá aproveitar muito, pois mostra grande capacidade.

— Ora, prosseguiu Tomázia, o casamento é o negócio da mulher; casar é ganhar sempre; mas casar bem é ganhar trezentos por cento; se, pois, a senhora casada, que estava nesse camarote, podia esquecer o moço logo ao voltar-lhe as costas, não succede o mesmo à moça solteira; provávelmente ela desejará saber qual o estado dêsse homem: se é casado, passe muito bem; mas se, pelo contrário, está livre, não se



perde nada em trazê-lo para perto... estudá-lo... observá-lo e, se conveniente for, deitar o anzol no mar a ver se cai o peixinho.

— Agora, minha tia, esperamos pelas conseqüências.

— A conseqüência é esta: o Sr. Brás, que é amigo da família, e que se não o fôra não me ouviria falar com tanta liberdade, conhece êsse moço; dir-nos-á se é solteiro ou casado, e nos fará o obsêquio de oferecer-lhe um convite para assistir ao sarau que daremos no dia do batizado de minha filha.

— Pois, minha senhora, disse Brás-mimoso, pode contar com o moço da gravata azul celeste, que é sem mais nem menos o meu amigo Otávio.

— Otávio!... exclama Félix.

— Também o conheces?...

— Perfeitamente.

— E portanto podes dizer-nos...

— Sem dúvida, tudo quanto minha tia quiser; bem entendido, se o Sr. Brás der licença, e minha prima Rosa se ameigar um pouco.

— Pois anda, sobrinho, dize-nos o que sabes.

— Sei que o Sr. Otávio vai fazer trinta anos...

— Pois que! é quase da minha idade?... perguntou Tomázia, não deixando passar aquele ensejo de caçoar com o tempo.

— Pouco mais ou menos, prosseguiu Félix rindo-se; vai, como disse, fazer trinta anos, posto que mais moço pareça: é rapaz de ótimas qualidades, de muito bom gôsto, e ainda mais, negociante rico.

— Mas como é possível que nós não o conhecêssemos?... eu então, eu que conheço todos os homens solteiros e ricos, desde que a minha Rosinha fez quatorze anos: como? como me escapou êste?

— Fácilmente, minha tia; Otávio era, ainda há cinco anos, guarda-livros de seu pai; não



tinha licença para freqüentar nem saraus, nem assembléias; não contava amigos; eu era o único, que o podia visitar, e ser por êle visitado; há cinco anos morreu-lhe o pai, e depois...

— E depois?

— Ele teve de embarcar-se para arranjar certos negócios... enfim, para facilitar o comércio de certas fazendas que não pagam direito na alfândega, porque desembarcam em praias desertas, e...

— Entendo... entendo...

— Tem sido por isso obrigado a repetir miudamente suas viagens, e apenas ontem chegou: eis o que lhe posso dizer, minha tia, o resto pertence à prima Rosa.

— Vamos lá...

— Priminha, Otávio é solteiro... bonito... benfeito... rico... sensível... e provavelmente não poderá resistir aos seus olhos pretos.

— Ótamente! disse Tomázia, será um convite de conseqüências!

— Mas espere, minha tia! continuou Félix, pôsto que devemos contar muito com o poder dos olhos da prima Rosa, contudo...

— Contudo o que?...

— Quem é a madrinha da menina?!

— Pois já te não disse que era D. Lucrecia?! O primo soltou uma risada.

— De que te ris, Félix?

— De uma coincidência, minha tia.

— E qual?...

— Paciência, prima Rosa; mas a madrinha de sua mana é há dois anos a dama dos pensamentos de Otávio.

— E' possível?...

— Tão possível, como a minha prima tirar-lhe o lance.

— Ora... quem diria?!... mas enfim, Sr. Brás, não se perde nada em trazê-lo para perto de nós.

— Sua comadre, minha tia, há-de agradecer-lhe muito.




Tomázia arrastou sua cadeira para perto da de Brás-mimoso, e com êle travou uma conversação cerrada, e em tom de quem não queria ser ouvida.

Félix escondia debaixo de sua fingida jovialidade uma dose de ciúme, que já muito cruelmente o incomodava; Rosa afetava ter tomado pouco interêsse no que dissera sua mãe; e Manduca continuava a devorar pão com manteiga.

Rosa aproveitou aquele momento e dirigiu-se a Félix, falando-lhe também em tom baixo.

— Mas você não tem razão, meu primo, que culpa tenho eu que me achem bonita?...

— Mas você tem razão, minha prima, eu ainda não a acusei de falta alguma.

— Sempre lhe conheci ciumento.

— Ora... quando se ama uma moça tão firme, como minha prima...

— Senhor!... basta de ironias!

— Senhora!... eu estou falando, como Salomão, com o coração na mão.

— Eu não desço de minha dignidade para fazer caso do que o senhor diz.

— Bravo, mana Rosa! bravo! exclamou Manduca com a boca cheia.

— Então que é isso? perguntou Tomázia.

— Era uma história, que eu contava, respondeu Félix.

— E' verdade, minha mãe; era uma história, que êle contava à minha mana.

— Pois se era uma história, nós todos queremos ouvi-la.

— Agora, meu primo! exclamou outra vez Manduca, conte a história a minha mãe.

— Pois lá vai, disse Félix sem hesitar; é uma história muito verdadeira, e o que é mais, acontecida há pouco tempo: ia eu ontem para S. Cristóvão, no ônibus das cinco horas da tarde; quando chegávamos à ponte do Aterrado vimos vir um homem que, montado em vivo cavalo, todavia acompanhava a custo uma jo-



ieb

vem, que cavalgava branco palafrém, boleado, árdido e fogoso; nem eu, nem nenhum dos que no ónibus vinha, se importou mais com o cavaleiro, que a seguia; nossos olhos ficaram embebidos na jovem cavaleira.

— Isso é muito natural, disse Brás-mimoso.

— O vestido da moça era verde-escuro; nada mais engraçado do que sua cinturinha delicada, do que o corpinho justo de seu vestido, que desenhava as mais encantadoras e voluptuosas formas: ela trazia na cabeça um simples boné preto que, muito pequeno para esconder seus cabelos, deixava cair uma multidão imensa de belos anéis de madeixas negras, que voavam pelos ares na impetuosidade da carreira que trazia o cavalo: oh!... ela passou junto do ónibus!

— E então?...

— Oh! minha tia, é cruel; mas enfim, os anjos devem passar assim, rápidos e brilhantes como o relâmpago!...

— Portanto, não sabes se é bonita ou feia?...

— Sei, sei muito bem; nesse curto instante nós admirámos, desprendendo um leve chicotinho, uma pequena mão de querubim.

— Mas o rosto?... o rosto?...

— O rosto será talvez pálido; mas a agitação lhe acendia o rubor nas faces... meigo sorriso estava deslizado em belos lábios cõr de nácar... e seus olhos grandes... negros... ardentes... brilhavam como o sol no mais claro dia. Oh!... palavra de honra, minha tia, é o rosto mais bonito que tenho visto!

Rosa soltou uma gargalhada, e disse:

— Continue a sua história, meu primo; na verdade está muito bonita.

— Essa moça causou-nos, como era de esperar, a mais viva impressão; e um jovem poeta, que conosco ia, exclamou: — eis o tipo romântico —! e em toda a viagem não falámos senão na moça romântica.




— E depois?...

— Voltando de S. Cristóvão para a cidade achei a notícia de que meu amo, o Sr. Hugo de Mendonça, havia chegado e partido logo para Niterói, onde tinha mandado alugar uma chácara. Fui imediatamente vê-lo, e quem o diria?... o homem que seguia a jovem cavaleira e de quem desviei os olhos, para só empregá-los nela, era meu amo!

— E a jovem cavaleira?...

— A jovem cavaleira é filha dêle, a quem não conheci, sem dúvida pela grande rapidez com que passou junto do ônibus.

— Pois bem: e como a achou?

— Desgraçadamente não a pude ver: estava descansando.

— Foi na verdade uma desgraça enorme!... disse Rosa.

— Certamente, acudiu Félix; mas foi uma desgraça, da qual eu espero que minha tia tome o cuidado de vingar-me.

— Como?...

— Já que minha tia não se furta a oferecer convites para o seu sarau a pessoas a quem não conhece, eu lhe rogo que me encarregue de levar uma carta ao Sr. Hugo de Mendonça, meu amo.

— Eu sei... mas...

— Não o deve fazer, minha mãe, disse Rosa.

— Oh! minha prima! não se perde assim uma moça bonita, quando se trata de um sarau.

— Temos muitas, e muito bonitas!

— Sim, minha mãe!... há-de se convidar a moça romântica, eu quero dançar com ela.

— Eu entendo que ela deve produzir efeito, disse Brás-mimoso; sempre é uma novidade...

— Não ceda, minha mãe!...

— Ora... dir-se-ia que minha prima tem mêdo da concorrência...

— Com efeito!... meu primo está hoje... insuportável.

— Por que, minha bela prima?... por fa-



lar na concorrência?... não, eu tenho a certeza de que minha prima não tem medo...

— Eu vou mostrar-lhe que não tenho medo!... minha mãe, mande convidar essa gente que veio do campo.

— Pois sim, convidar-se-á.

— Bravo, minha mãe!... gritou Manduca.

— Estou louco pelo sarau, disse Brás-mimoso.

Os dois primos estavam exasperados um contra o outro: Tomázia quis vê-los fazer as pazes.

— E vocês, meninos, parecem crianças! andem, engajem-se aí para a primeira contradança.

— Não posso, minha mãe, disse Rosa.

— E' impossível, minha tia, acudiu Félix.

— Oh! e por que?...

— Porque eu quero guardar a primeira contradança para o Sr. Otávio.

— Porque eu fiz votos de dançar a primeira contradança com a moça romântica.

— Que loucos! exclamou Tomázia.

IV

HONORINA E RAQUEL

A pouca distância dêsse mar sereno e amouroso, que lambe as brancas orlas da voluptuosa Niterói, se levanta uma graciosa casa cercada de lindos jardins, e meio escondida por trás de sibilantes casualinas e frondosas mangueiras, e olhando como namorada para a cidade do Rio de Janeiro, defronte da qual se terminam seus curtos e floridos domínios por um gradil a cavaleiro do mar, para quem abre passagem engraçado pórtico campestre ladeado de bancos de relva.

Alta ia a noite: o silêncio das deshoras deramava não sabemos que feiticeiro encanto sô-



bre essa pequenina e deleitosa cidade, adormecida ao clarão de cheio luar, por entre seus vales e bosques, pelas encostas de seus montes, e com uma de suas faces banhadas por mansinhas ondas, e toda ela enfim embalada em seu dormir pelo sussurrar dos zéfiros, que velavam galanteando as flores de seus mil jardins.

Mas, contrastando com esse geral silêncio, como dois belos gênios da noite, duas moças conversavam recostadas a uma janela da casa, que ficou acima notada; perto e defronte delas um pé de casualina se elevava, e a lua penetrando por entre seus galhos, espargia-se gostosa sobre os semblantes de ambas! Ao clarão do luar pareciam igualmente pálidas, e em descuidoso desalinho, que a hora e a solidão desculpava, longas madeixas, negligentemente soltas, caíam como espessa nuvem negra sobre espáduas côr de leite; dir-se-ia duas sombras encantadas e belas.

Depois de separação dilatada, essas duas moças de novo se abraçavam: quem sabe, quem tem sido testemunha do afã com que se dizem mil coisas duas amigas da infância, que há muito tempo se não vêem, compreenderá facilmente o porque velavam em tais deshoras Honorina e Raquel.

Depois de longos meses passados no campo, Honorina, a jovem romântica de quem havia dado notícias Félix, tornava para a sua bela côrte, e pela primeira vez a sós com Raquel, a camarada de seus jogos de infância, a companheira de suas travessuras de menina, a co-madre de suas bonecas, ela olvidava que a noite corria, e conversavam juntas.

Um momento haviam ficado ambas em silêncio, quando Raquel, que até então só tivera de responder à sua amiga, entendeu que cumpria por sua vez interrogar.

— Mas, Honorina, doravante deixarás tu de ser freira!...

— E eu devo crer que sim, Raquel; pois



ieb

que é morto meu avô, e meu pai não olha para o mundo como o encarava aquele.

— E portanto, tu vais ser a bela princesa de nossas festas?

— Pensas isso?...

— Com tão lindos olhos, e tão belo rosto, disse-lhe Raquel dando-lhe um beijo, impera-se nas sociedades, e escolhe-se um escravo para marido.

— Mas, casar-me-ei eu?...

— Que pergunta? terás medo de não achar quem jure que te ama?...

— Quem sabe?... e também, Raquel, cheguei eu a amar?...

— Em conclusão, e ainda que tu e eu fossemos feias, é tudo isso muito indiferente para acharmos quem nos proteste amar, e queira casar conosco.

— Mas por que?...

— Porque somos ricas.

— Oh, Raquel, isso é horrível!...

— E todavia nada há neste mundo mais verdadeiro; e como é neste mundo que devemos viver, demos graças a Deus que nos deu fortuna e riqueza.

— Permita Deus, Raquel, que tu me estejas mentindo; porque eu teria vergonha de viver em um mundo como esse.

— Escuta, Honorina, a diversidade de nossos pensamentos a tal respeito nasce da diferença de educação, com que se nos fez crescer. Ambas temos dezesseis anos; mas tu és muito mais nova que eu. Nossos pais nos amam com amor igual, quiseram ambos dar-nos a maior felicidade possível; ricos, como são, desejaram que nós tivéssemos todas as prendas peculiares no nosso sexo, e mais ainda, que nosso espírito fosse afincadamente cultivado; de modo que nós adquirimos o dobro da instrução, que soem ter nossas patricias, com a educação ordinária.

— Raquel, continua.



ieb



— Mas, para conseguir esse fim, nós trihamos caminhos absolutamente opostos: comecei por ti, Honorina. Tu tinhas um avô, que te idolatrava com excesso, homem do século passado, que chegara até o nosso com todas as velhas idéias firmes e inabaláveis. Ele combateu a vontade de teu pai, opôs-se ao gênero de educação que se te queria dar, e para que este conseguisse vêr-te instruída, foi preciso conceder que toda a instrução te fosse dada debaixo dos olhos de teu avô. Esse bom velho via o mundo cheio de mentiras e traição, de perigos e de enganos; e tremendo pelo seu querido anjo, temendo que o bafo do vício manchasse a flor de seu coração, ele te escondeu dos homens; tu eras a sua bela violeta... modesta, oculta entre suas folhas; previdente, ele fugia contigo em sua alma, quando sonhava um perigo; escolhia a casa, em que devias passar uma só hora em uma noite; cobria teu rosto com um véu para te levar à Igreja; tinha os olhos fitos sobre teus mestres, e ensinou-te a amar a virtude no seio da solidão; e tu crescestes; e aos quinze anos eras bela, sem saber que o eras; alegre, sem conhecer o mundo, e pura e inocente, como a florzinha; porque enfim nunca se havia queimado a teus pés o turíbulo lisonjeiro dessas reuniões perigosas, onde reina uma febre de vaidade tão fatal, como contagiosa; porque enfim nunca falara a teus ouvidos o galante mancebo, que jura quando mente; que festeja quando atraiçoa; que diz que ama, e vai rir-se!

— Oh! foi assim! exclamou Honorina abraçando sua amiga.

Raquel prosseguiu.

— Há um ano tu perdeste teu avô, e teu tio. Foram dois golpes de uma vez; teu pai teve de sair da Côte para tomar conta de fazendas e bens, que seus dois parentes haviam deixado; dez meses passaste no campo, e agora voltas mais bela, mais interessante que nunca; teu



ieb

pai, que não desposa os costumes dos velhos tempos, vai atirar-se contigo no meio do tumulto da Côrte; e pois as sociedades te vão abrir suas portas, e tu entrarás por elas com o receio no coração, e um mundo novo se apresentará a teus olhos. Hás de corar ao mais simples cumprimento, tremerás ao mais leve gracejo, e não compreenderás tão cedo esse viver de ilusões e de mentiras que se vive nas sociedades elevadas, essa arte preciosa, e naturalmente cortês, de encobrir a frieza do coração com o fogo dos olhos, e ocultar a indiferença ou a maldade dos sentimentos com o sorriso dos lábios; poderás tu passar pela noite de um sarau, como um raio de luz através de um corpo diáfano?... não levarás nenhuma lembrança dele? dormirás sem sonhar, acordarás sem suspirar?... não te chegará à alma nenhum olhar, e não irão em alguma vez até ela as palavras ardentes do homem, que te requestar uma noite inteira?... oh, Honorina, tu não comprehendes o que é um homem, que nos tenta enganar!... no seio da paz e da solidão, onde crescestes, tu sonhaste com o mundo... e o sonhaste nobre, puro, sincero como tu mesma; julgaste todos os homens por teus pais e teus mestres; acostumada com a verdade, não sabes desconfiar da mentira, e até há pouco criada e associada só com a virtude, tu a vês... tu pensas encontrá-la por toda a parte; e não sabes pensar que neste mundo se apresentam semblantes, que se parecem com o dela, mas que não o são; que são máscaras traidoras, que escondem o aspecto horrível do crime!... e portanto, Honorina, sendo bela como o dia, tu és ainda inocente como a pomba do vale, pura como o favônio da madrugada: sim, graças à tua educação, tu és a própria virtude, não conheces o vício; mas ah! por isso mesmo difficilmente escaparás de suas redes!...

Honorina ocultou o rosto no seio de sua amiga, e só passados alguns instantes disse:


 ieb


— E tu, Raquel?...

— Comigo, Honorina, passou-se o contrário de tudo isso. Meu pai viu também medroso o mundo cheio de mentiras e de traições, de perigos e de enganos; tremeu por mim, que me ama também, como o seu anjo; mas em lugar de esconder-me dos homens, levou-me para o meio deles; em vez de fugir comigo dos perigos, conduziu-me à borda dos abismos, e fez-me medir com os olhos o seu fundo até recuar horrorizada!... Amante carinhoso, pai e amigo ao mesmo tempo, ele procurou e soube ganhar a minha confiança inteira: oh! Honorina, ele lê no meu coração como no seu livro; meu pai é uma segunda consciência que eu tenho.

— Oh! fala mais, Raquel!

— Com efeito, Honorina, desde a mais tenra idade, eu comecei a não ter segredos para meu pai, a ser a seus olhos tão transparente, que ele lia quanto se passava na minha alma; era em tal que baseava todo o edifício de minha educação moral. Aos doze anos eu pisei no grande mundo; meu pai me fazia freqüentar as sociedades, os saraus e as festas: Honorina, eram lições, que me êle dava. Quando voltávamos à casa, interrogava o meu coração; a verdade falava por meus lábios, e meu pai me mostrava a ação em que havia um erro, as palavras doces que eu tinha ouvido, e que eram uma vil lisonja, uma perigosa mentira, ou que vestiam uma traição! Diante do espelho êle me convencia de que eu não era encantadora, como me tinham dito; à força de um raciocínio simples e veemente, êle fazia vir à flor d'água a verdade, que fôra submergida no mar de loucos e falsos protestos, de exagerados obséquios, e dessas primeiras e temerosas súplicas que nos fazem, e que são sempre a chave, que abre a porta a mil atrevidas pretensões. Honorina, meu pai nunca voltou as costas ao perigo, nem os olhos ao vício; era para ao pé de



ieb

ambos, que êle gostava de me conduzir: eu dansei, eu passeei cem vezes ao lado do homem depravado, do homem de quem toda a mulher devia rezear; e depois, quando me achava a sós com meu pai, êle me dizia: "Raquel, danças-te e passeaste com um miserável: os sedutores falam e praticam como êle".

Honorina, eu vi a mulher perdida; observei-a em todo o horror de sua vida, de seus martírios e de suas vergonhas, e era meu próprio pai quem ma apontava com o dedo para dizer-me depois: "Raquel, eis a mulher pervertida!" E assim, Honorina, eu aprendi a conhecer o sedutor, e vi com terror os efeitos da sedução.

— Deve ser assim, Raquel, mas fala ainda...

— E portanto, Honorina, tua educação te faz muito mais nova do que eu; eu vi o mundo desde que raciocinei, e tu até agora sômente ouviste falar dêle; tu temes o vício pelos seus espinhos, oh! Honorina, é preciso temê-lo ainda mais pelas suas flores!... e então êste nosso mundo, que hoje nos está lambendo os pés para amanhã cuspir-nos no rosto!... êste nosso mundo, em que as mulheres são sempre nossas rivais, que nos observam e nos estudam para morder-nos, e perder-nos; e os homens quase sempre sacerdotes de um culto horrível, que nos ornâ as cabeças com flores insanas, para logo depois imolar-nos no altar de seu Deus de torpezas!...

Honorina respondeu a essas palavras de Raquel com um pungente gemido. Em seus feliceiros sonhos de moça ela tinha imaginado modesto e nobre, virtuoso e alegre êsse mesmo mundo cuja descrição, talvez exagerada, lhe fazia agora estremecer de espanto e de horror.

Raquel ainda prosseguiu:

— E que pensarás tu, minha Honorina, ou ainda melhor, que pensa a rica herdeira a quem se corteja num sarau?... oh!... se acredita sômente na décima parte, do que lhe dizem... é já uma louca.


 ieb


— Como!

— E é quase impossível não enlouquecer, Honorina; porque ali cerca-se de todos os lados uma moça rica; não se lhe fala, senão com a linguagem da adulação; trata-se de afogar-lhe o bom senso com o fumo perfumado da lisonja; vêm dez, vinte, cem elegantes mancebos jurar-lhe amor e ternura... e ela... ela, já louca, conta por vitórias de seus olhos os triunfos do seu dinheiro!...

— E portanto, só as ricas são amadas?... perguntou ingenuamente Honorina.

— Oh! lá não se perde nada!... a senhora de grande dote é o amor... o cálculo do futuro; a bela jovem de fracos teres é o amor... o passatempo do presente. Vivemos em um século de frias idéias, em uma época de algarismos; tudo é positivo... o comércio tem invadido tudo; negocia-se também com o sentimento.

— Ah! Raquel! e no entanto tu estás sempre alegre!

— Porque é preciso rir, Honorina, já que o chorar não dá remédio... e também com ânimo e virtude assoberba-se a tempestade. Olha, nós somos amigas dos primeiros anos; caminhemos pois juntas, e nos ajudaremos mutuamente; além de que, Honorina, e para tornar ao ponto donde saímos, nós pertencemos ao pequeno círculo das mais felizes: eu te dizia, temos ricos dotes.

— Mas essa idéia de devermos tudo ao nosso dinheiro não te acanha, Raquel?

— Eu sei, Honorina; porém nesta vida não nos dão licença de pensar senão no casamento; e a esperança d'este está mais em um bom dote, do que em dois honitos olhos; portanto, demos graças à Providência, já que nem por feias espantamos, nem por pobres desesperamos.

— Oh! porém é torpe, Raquel, disse com entusiasmo Honorina; é torpe que um homem venda seu coração, ou pelo menos a liberdade,



ieb

por um cofre cheio de ouro! é um horrível sacrilégio ir um homem ajoelhar-se aos pés do altar, receber a bênção do sacerdote, estender a mão para uma triste mulher, com os olhos em seu rosto, e o pensamento no seu dinheiro!... e mais baixo, e mais torpe que tudo isso é um homem negociar com a desgraçada simpatia, que lhe tributa uma infeliz mulher, enganá-la quando ela conta com o seu amor; e quando a conduz do templo para casa, antes de outorgar-lhe o primeiro beijo de espôso, correr a seu escritório a escrever no livro de suas contas mais uma parcela na coluna dos rendimentos!... Raquel, se eu me casasse com um homem desses, daria todo o dote que tivesse de meu pai, para que ele se não assentasse junto de mim; porque eu teria nojo de sua alma!... Raquel, diz que zombavas de mim, quando falavas há pouco, ou então eu te juro, que melhor me fôra ser pobre!...

— E pensas, Honorina, que ganharias muito com isso?...

— Pelo menos, Raquel, quando eu chegasse a ser amada teria a certeza de sê-lo por mim mesma.

— E no entanto, com êsse teu belo rosto, mais que a nenhuma outra, te armariam traições e cavariam debaixo de teus pés um abismo de que escaparias, eu sei, com tua virtude, mas também com trabalhos, sofrimentos e lágrimas. Honorina, o pensamento dos homens, a respeito de nós outras, é êste: “venda-se o homem pelo ouro da mulher rica, para com êsse ouro tentar perder a mulher pobre”; repito, o nosso mundo é êste, vivamos pois com êle, e tanto mais, que não vejo razão para a celeuma que tens feito.

— Oh! Raquel! quando se nos quebra contra o coração o único sentimento, que pode fazer a ventura da mulher neste mundo!... quando se nos apaga no espirito a única luz, que nos pode tornar brilhante o caminho da


 ieb


vida! quando parece, que nos estão dizendo "mulher! não ames!..."

— Meu Deus!... mas tu és romântica, Honorina!...

— O amor!... o amor!... o amor!... exclamou Honorina com sentimento e fogo.

— Amor, minha cara amiga, é uma vã mentira; amor não é mais que uma das muitas quimeras, com que a fantasia nos entretém na vida, como a boneca, que se dá à criança para conservá-la quieta no berço... o amor não é mais que a flor de um só dia, que abre de manhã, e antes da noite está murcha...

— Raquel!... pensar assim com dezesseis anos!... dizer que amor é uma quimera!... flor de um só dia... oh! pois bem! mas essa flor tem um aroma que há-de embriagar; que deve adormecer-nos num belo sono cheio de lindos sonhos, do qual só deveríamos acordar para passar de suas delícias para as delícias do paraíso!...

— Honorina! eu tenho medo de ti!... pensa bem nisto; o amor é uma hora de felicidade em chamas, que levantam altas labaredas, mas que se extinguem cedo para deixar após a cinza e o fumo da indiferença ou do aborrecimento, que tolda para sempre o horizonte da vida dos amantes, se o zéfiro da amizade não vem a tempo para limpá-lo.

— Oh! pois bem, Raquel, a desgraça de toda a minha vida... o horizonte dela toldado pela indiferença, ou pelo aborrecimento; mas uma só hora dessa felicidade em chamas, que tão cruelmente pintaste!... oh! sim!... o amor de um homem, que se misture com minha vida e com o meu futuro; que comigo faça um só ente; que se esqueça de meu ouro, dêse ouro vil, para se lembrar de mim só... como eu me lembrarei só dele!... ah! Raquel, um amor de poeta!... um amor de fogo, ainda que acabe na desgraça e na morte, mas que seja sempre o mesmo amor, deve ser bem belo!...



Os entusiásticos e nobres pensamentos da moça foram interrompidos por soluços, que quase a sufocavam. Ela chorava, e tinha razão para chorar.

Alma tão ardente e angélica, tão cheia de poesia e de imaginação, devia doer-se sentindo-se presa em um mundo todo de matéria, de gelo, e de torpe positivismo.

A educação tinha arrojado essas moças para dois extremos, ambos perigosos. Uma, acostumada a ouvir com santo amor filial todos os conselhos de seu pai desde os primeiros anos; afeita a olhar para o mundo sempre pelo lado peor; tendo aprendido a amar a virtude, menos pelos encantos desta, do que pelo horror, que deve inspirar o vício; escutando a todas as horas a voz de uma moral franca, grandiosa, mas fria e melancólica, abafou, sem talvez o querer, dentro do coração, os sentimentos brilhantes, arrojados, e ardentes, próprios de sua idade. O amor é por ela considerado uma mentira, ou um abismo; e orgulhosa de sua educação e de sua prudência, ri-se do mundo, e para o mundo.

Uma moça pensando como Raquel pode causar surpresa; mas certamente faz entristecer, porque sua sensibilidade parece embotada, e a sensibilidade é o perfume da beleza.

A outra, criada longe do bulício da sociedade, separada do grande mundo pela vontade de sua família, porém ao mesmo tempo instruída com esmero; tendo até então conversado somente com os livros, imaginou o que não podia ver; cresceu na solidão, como uma flor, pura, inocente, cheia de deleitosas fragrâncias; e a solidão alimentou, acendeu, inflamou sua imaginação brilhante que voou livremente... Ela sonhou pois com um mundo... com cem amigas... com uma belo mancebo... espôso, e amante, e todo o seu sonho era encantador... feliz... adorável! Tanto tempo, dezesseis anos fechada consigo mesma... com a alma


 ieb


repleta de ternos e ardentes sentimentos, e sequiosa de generosas impressões, ela que lera romances, e poesias, ela que se fizera poeta na soledade e no retiro... pensava em amor com religioso encantamento; separava dêsse ente ideal, mavioso, angélico e vivificante toda a idéia material, e bruta... não, não separava; antes nunca se tinha lembrado ela, virgem e inocente, que se pudesse ligar uma só dessas miseráveis idéias, com aquele filho mimoso do coração, amamentado, criado, embelecido, endeusado pela imaginação.

E portanto ambas essas moças se enganavam com o mundo, e talvez que seu erro seja para ambas funesto.

E' possível que um dia desperte no coração de Raquel o sentimento, que aí dorme, e nesse caso terrível deverá ser a reação.

E Honorina achará nesse mundo, em que vai entrar, seu belo sonho de poesia? haverá nesse mundo, que sem talvez estar tão pervertido, como o pinta Raquel, é todavia egoísta, mau, e enregelado; haverá nele ainda um homem, que compreenda a alma dessa mulher-anjo que pede ao céu um amor de poeta e de fogo?... dessa nobre moça, que com a ponta de seu pé arrojara para longe de si o cofre de ouro do homem que ela não amar, e que pretender possui-la?...

Oh!... se a realidade fria e negra aparecer sempre desmentindo sua imaginação alva e fervente, quanto não custará a essa criatura angélica o arrastar a vida por êsse nosso campo de misérias!...

Mas Raquel, que primeiro escutara admirada a linguagem sentimental e entusiástica de sua amiga, apertou-a contra o peito, vendo-a chorar tão tristemente; e como se anteviesse os perigos, que ela ia correr com tão inflamado espírito, exclamou quase sem sentir:

— Infeliz da minha Honorina!

— Sim, sim, Raquel, bem infeliz; porque



vivo neste mundo de ambições e de vergonhas, onde tu dizes, que se ama a mulher pelo seu dote.

— Nada de tristezas agora... e tanto mais, que se fores enganada no teu amor, saberás olhar de bem alto para o homem, a quem comprares com o teu dinheiro.

— Raquel, e pois que a solidão me fez tão sensível e tão capaz de amar, perdoa; mas preciso é confessar que também o aspecto e as lições do mundo têm embotado em tua alma o mais fino dos sentimentos! nós temos tocado os extremos, arrebatadas pela educação, que nos deram nossos maiores; eu serei demais inocente; mas tu ficaste sabia demais.

— Accito o cumprimento, Honorina, e te ofereço toda a minha ciência; façamos um contrato: segundo as necessidades do momento eu te emprestarei metade de minha malícia, ou tu me darás algumas doses de tua inocência. Ora pois: realizemos os votos de nossa infância; soldemos para sempre os laços de uma amizade velha como a nossa vida; celebremos uma dupla aliança ofensiva e defensiva, e primeiro que tudo, Honorina, — confiança por confiança.

— Sim, Raquel, — coração por coração.

E as duas moças acabavam de selar com um beijo o tratado de aliança, quando sentiram rumor, como o que faria alguém que furtivamente se retirasse por entre os arbustos do jardim.

— Meu Deus!... é alguém...

— Honorina! eu tenho medo!

As duas moças instintivamente cerraram a vidraça, trancaram a janela, e depois de escutar se de novo faziam algum ruído no jardim, lançaram-se ambas sobre o mesmo leito.

.....
Elas dormiam ainda no momento em que Lúcia entrou no quarto, e as acordou dizendo:

— Já são nove horas da manhã, senhoras!...

As duas moças ergueram e trataram de vestir-se; depois lembrando-se da noite que haviam passado, elas foram à janela, recostadas à qual tinham tanto conversado. Debaixo da vidraça dessa janela estava um papel: Honorina o puxou... era uma carta.

Lúcia já as tinha deixado a sós.

— E' uma carta... disse Honorina, admirada.

— E sem sobrescrito... nem selo, disse Raquel.

— Portanto... que faremos?...

— Abri-la sem dúvida.

— Mas... eu não sei... se devo...

Porém, quando Honorina disse — mas... — tinha os dedos na carta: chegando ao pronunciar — eu não sei... — começara a abri-la; e ao dizer o — se devo... — já a carta estava completamente aberta.

A carta escrita com lapis, e dirigida a Honorina, era assim concebida: "Honorina! eu ouvi os teus pensamentos da noite passada; e portanto eu te amo! eu te amo com êsse amor de poeta, com êsse amor de fogo que ainda quando acaba na desgraça e na morte, contanto que seja sempre o mesmo amor, é por força bem belo! Sim: eu te amo! e tu me verás em toda a parte, seguindo-te, beijando as pisadas de teus pés, obrigando-te a amar-me ainda contra a tua vontade, e não me deixando conhecer senão na hora, em que tiveres de ser minha para sempre... oh! moça cheia de imaginação e de sensibilidade... querias um amor de poeta?... uma paixão de louco?... em mim o tens."

— Mas, meu Deus, isto é inconcebível murmurou Honorina toda vermelha de pejo, um homem amar uma mulher só por tê-la ouvido!...



— E' verdade... porém não te lembras, que falámos tanto na tua riqueza?...

— Oh!... exclamou a moça indignada, e executando um movimento para rasgar a pobre carta.

— Honorina, disse Raquel suspendendo-a, um papel destes guarda-se para fazer rir as amigas.

— Não, respondeu a jovem romântica; mas guarda-se, porque o homem, que nele escreveu, tem talvez de ser o bom anjo, ou o génio mau de minha vida.

V

HUGO

Era quase meio dia: Raquel já havia partido com seu pai, quando Honorina entrou de novo na sala.

Duas pessoas aí se achavam: Ema e Hugo: a avó e o pai da moça.

Ema era uma estátua do século passado: uma mulher de setenta anos, gorda, respeitável, coroada por seus cabelos brancos, com seu rosário na mão direita, trajando as vestes negras da viuvez, e com uma expressão de bondade misturada com orgulho em sua fisionomia.

Hugo era, pôsto que às vezes timidamente, um representante da nova época: o primeiro que de sua família abandonara os antigos hábitos, e velhas idéias, foi por isso menos estimado de seus pais, que um irmão, morto há alguns meses, e via-se então chefe da casa: era o contraste de sua mãe; pois pensava, falava e vestia-se segundo a ordem do dia.

E Honorina é sua filha querida. Ela tem dezesseis anos; é de estatura regular; longas e negras madeixas se mostram presas em avultada trança ao mesmo tempo que dos lados



lhe caem como esquecidos bastos anéis delas, que voam em caracol beijando-lhe o nascer dos seios; a fronte é lisa, branca, e elevada; os olhos pretos, grandes, cheios de doçura e langor; a tez de seu rosto é alva, fina, transparente mesmo, sem fogo, e deixando apenas adivinhar longinquo rubor e entrever neste ou naquele ponto um azulado ramúsculo venoso, que para logo desaparece. No entanto, admira-se ai essa palidez, que interessa, e arrebatada; nada mais majestoso que seu colo, nada mais perigosamente belo do que seu peito cõr de leite com a mais feliz perfeição encarnado, transpirando amor e desejos de cada vez que, respirando, se eleva; sua compleição é fraca e delicada; e há em seu sorrir, em suas menores ações, em todos os seus traços, enfim, um não sei que de tocante e melancólico, que quem a vê, a observa, a estuda por força; sua voz é doce, meliflua, como o gemer saúdo da frauta noturna e afastada; e pela angélica pureza de suas vistas, pela celeste candura de seu semblante parecem transluzir todos os pensamentos de sua alma: seu pisar é sutil, e imperceptível; dir-se-ia ao vê-la passar silenciosa, que não é uma mulher que anda, mas a imagem de um anjo que, refletida em um espelho, se desliza por êle, e desaparece impalpável e bela.

Pôsto que já um ano tivesse decorrido depois da morte de seu avô e tio, trajava Honorina ainda nesse dia vestido preto, que mais fazia realçar a alvura de suas mãos perfeitamente torneadas, e a encantadora palidez de seu rosto; o bico de um sapatinho também preto, que a furto tinha escapado por baixo da barra do longo vestido, deixava adivinhar um pé tão delicado, como bem feito.

Na manhã dêsse dia lera Honorina a carta misteriosa, que com Raquel achara na janela de seu quarto; ela estava pensativa e melancólica.



ieb

Apenas Honorina acabava de sentar-se junto de sua avó, seu pai, que ao pé da janela lia com avidez uma extensa carta, voltou-se para elas e exclamou:

— Loucuras sôbre loucuras!...

— Eu o previa, disse a velha, êle é um fruto degenerado!... o que nos diz portanto nesse papel?

— E' uma longa história; quer minha mãe ouvi-la?

— Seja: meus derradeiros dias são votados ao desgosto de ver uma a uma perdidas todas as belas heranças de nossos velhos pais! ouvirei pois a carta dêsse, que foi o primeiro a ferir-me no coração.

Naquelas palavras havia uma indireta atirada contra Hugo que, fingindo não entendê-la para não entrar em novas questões com sua mãe, arrastou uma cadeira, e sentando-se perto dela, começou a ler:

“Meu tio. — Depois de sete longos anos de ausência de minha família, que julgou dever tão completamente esquecer-me, que nem ao menos me quis dar parte da morte de minha adorada mãe que, sucumbindo um ano depois de minha partida, foi talvez vítima das saudades de um carinhoso filho, horrível e injustamente lançado fora da casa de seus pais, recebi finalmente uma carta de vossa mercê, em que me mandou a fatal notícia da morte dos meus amados avô e pai: foi portanto preciso que a mão da desgraça pesasse sôbre nós todos, para que eu fosse lembrado por aqueles, a quem o dever ordenava que de mim muito se lembrassem. Eu já respondi com todo o sentimento, com toda a dor pungidora da orfandade a essa fúnebre carta.

“Ultimamente, vossa mercê escreve-me de novo, mostrando-se admirado de me não ver chegar ao Rio de Janeiro para tomar conta dos bens, que devo herdar de meu avô e de



"meu pai, os quais, segundo vossa mercê diz, devem montar a mais de sessenta contos.

"Meu tio; há sete anos que eu soffro em silêncio todos os meus infortúnios; há sete anos que engulo meu gemidos; mas o gemido é a expressão da dor e tarde ou cedo é necessário que o homem gema, quando seu padecer é longo e não acaba. Leia pois esta carta como se fosse um gemido que estivesse ouvindo, e dê-me o seu perdão, se em algum ponto dela eu abusar de sua bondade.

"Meu tio: declaro que não voltarei ao Rio de Janeiro, que não apparecerei diante de vossa mercê, nem de minha avó, enquanto lhes não puder provar que foi uma calúnia infame de que se serviram para perder-me, êsse crime, que meu pai e todos os meus parentes não duvidaram de julgar-me capaz de o haver cometido.

"Vossa mercê lembrar-se-á que no fim do ano de 1837 tinha eu feito dezessete anos e concluído os meus estudos preparatórios, quando desapareceu do gabinete de minha prima Honorina, menina então de nove anos de idade, uma cruz, chamada por todos nós — a cruz da família — toda crivada de riquíssimos brilhantes. Um jovem caixeiro de nossa casa accusou-me de a haver furtado; algumas aparências pareceram justificar essa infame imputação e a-pesar-de todos os meus protestos de inocência, a-pesar-do grito saído do coração de minha mãe, que então vivia, e que, única, defendeu seu filho, eu fui lançado fora da casa dos meus maiores; e se escapei das mãos da justiça, foi porque pensaram elles, cumpria esconder a vergonha, de que participavam todos.

"Eu me lembro perfeitamente do que então se passou. Meu avô disse: — Vai-te para sempre de meus olhos! e se tens piedade de nós, muda teu nome.

"Minha avó disse: — Torne-se em pedra o



ieb

"pão que comprares com o dinheiro, pelo qual vendeste os brilhantes da cruz da família. O ladrão não me faça corar de vergonha aparecendo ainda diante de mim.

"Meu pai me disse: — Consuma o fogo todas as minhas riquezas antes que tu possas tocar em uma só moeda de meus cofres.

"E minha mãe disse: — Vai, meu filho; mas volta um dia com o rosto descoberto para provar tua inocência.

"Na sala estavam ainda três pessoas que nada disseram: vossa mercê, meu tio, que hesitava; Honorina, minha prima, que nada parecia compreender; Lúcia, que me tinha dado de mamar, e que chorava com minha mãe.

"Quando eu saí da sala ouvi as maldições de meus maiores; quando eu me aparteí da casa vi que as portas se fecharam para mim. Delirante e exasperado corri para o mar: eu ia vingar-me suicidando-me, quando uma escrava fiel me veio entregar uma bolsa, e um anel dos cabelos de minha mãe. Então eu me lembrei de suas palavras: — "Vai-te, meu filho; mas volta um dia com o rosto descoberto para provar tua inocência".

"Eu tornei à vida! guardei o precioso anel, guardei a bolsa, oh!... era a bolsa de minha mãe, que podia receber sem corar!... eu tornei à vida; um anjo me tinha arrancado do suicídio; isto não é um sacrilégio; uma mãe é o segundo anjo da guarda do filho.

"Agora, meu tio, vossa mercê consentirá que eu conte, em poucas palavras, quanto me tem sucedido de então para cá.

"Sem plano algum de vida, sem destino e sem meios, eu me vi só no mundo e na idade das loucuras: era preciso seguir um caminho, tomei o primeiro que se me apresentou. A cidade da Baía se achava em braços com o gênio da revolta; o governo chamava soldados; eu me ofereci, como voluntário, vesti uma farda, tomei uma espingarda, e parti.



"Lá, no empenho do jôgo dos combates, em que tantas mil vezes um homem defronte de outro pára a vida contra a vida, eu estive cem vezes a ponto de perder a partida; mas fosse porque o anel de cabelos de minha mãe seja um talismã sagrado, ou porque a morte fuja daquele que a não teme, e antes a procura, eu ouvi assobiar por cima de minha cabeça e em derredor de mim mil balas inimigas, sem que uma só me tocasse. O corpo, a que eu pertencia, foi um dos primeiros, que entrou na cidade.

"Houveram cenas horríveis, que é necessário esquecer.

"Uma porém dentre todas preciso eu lembrar; porque teve ela benéfica influência sobre a minha vida.

"Sabe-se que o desespero e o delírio dos vencidos ateou o archote do incêndio. Em certa ocasião uma força, na qual eu me contava, era empregada em apagar as chamas que estavam terrivelmente devorando algumas casas. Defronte de uma dessas eu vi um homem velho, respeitável, com os vestidos queimados e caído por terra; ouvi suas vozes... eram gritos de dor indizível... — minha filha!... — dizia êle... depois uma mulher, também velha, também respeitável que uma, duas, e três vezes se havia atirado às chamas e três vezes caído para trás sufocada, avançou para nós, e com lamentos que repassavam o coração dos que a ouviam, com acento de aflição tão profunda, como o amor de uma mãe, ela, apondo para uma janela, exclamou: — minha filha!... minha filha!...

"Eu olhei, e vi através das chamas aparecer e debruçar-se na janela uma moça, que recuou pela força do fumo... ela tinha estendido seus braços implorando compaixão... pedindo que a salvassem... e a morte, a morte com cem linguas de fogo ia prestes devorá-la...



ieb

"Era uma cena horrível... e na minha
"alma brilhou o pensamento de salvar essa
"moça...

"Outra vez olhei... as chamas tinham con-
"quistado toda a casa... fantasmas de fumo de-
"fendiam as portas... o instinto da conservação
"me empurrava para longe daquele inferno...
"o generoso pensamento de salvar a moça ia
"apagar-se.

"E a mãe da desditosa chorava... pedia...
"mandava... bradava convulsa e delirante...

"Seu grito era um... único... cruel, e des-
"pedaçador... sempre o mesmo, e mil vezes
"repetido... ela bradava:

— Minha filha!

"Oh!... mas aquela dor de mãe caiu no
"meu coração, e se espalhou na minha alma...
"lembrei-me de minha mãe! e beijando o anel
"de seus cabelos, gritei — eu a salvo! — e de-
"sapareci nas chamas.

"Eu ouvi o sussurro da multidão, que se es-
"pantava de minha temeridade... quase sufoc-
"ado... subi o primeiro andar... a pobre mo-
"ça tinha caído desmaiada... levantei aquele
"precioso fardo, e desci...

"No entretanto o que eu sofria era inexpli-
"cável: uma nuvem de fumo densa e ardente
"me sufocava e me abrasava as entranhas...
"aqui a escada cedia debaixo de meus pés, e eu
"tombava com o meu pobre fardo... ali havia
"um caminho de brasas a atravessar com os
"meus pés nus... acolá uma tábua caía sobre
"mim... uma parede estava prestes a esmagar-
"nos... oh!... era horrível!... e só a bonda-
"de de Deus, e a lembrança de minha mãe me
"deram forças... chegávamos à porta... eu ia
"outra vez passar por um mar de chamas: mas...
"um monstro de fumo, imenso... abrasador...
"insuperável me empurrou para longe!...
"oh!... eu senti um desespero horrível no co-
"ração... minha cabeça pesava-me... minha
"boca se abria... as narinas se me dilatavam...



ieb



“e o fumo, o fumo entrava por elas para quem-mar-me! um não sei que brilhou diante de meus olhos... um amor da vida, um desejo de salvar-me, forte, e irresistível se apossou de mim... abracei-me com a infeliz moça... e fechei os olhos, atirei-me às chamas, e não vi mais nada.

“Quando eu abri os olhos, achei-me num quarto decentemente mobiliado: eu estava deitado, e uma jovem senhora velava junto de meu leito.

“E essa moça tinha eu salvado das chamas com a minha temeridade, ela por sua vez me salvava então com seus cuidados e dedicação. Ela chamava-se Emília.

“Graças a mil obsequiosos desvelos eu me restabeleci prontamente; o pai de Emília alcançou a minha baixa e me empregou em sua casa; pois que êle é um rico negociante da Baía.

“Vendo pela minha educação, e por essa fraca instrução que eu tinha adquirido, que só um grande infortúnio me poderia ter obrigado a fazer-me soldado, perguntou pela minha família e pelo meu passado. Eu abaixei os olhos, e guardei silêncio; o pai de Emília respeitou o meu segredo e deu-me sua estima.

“Emília era bela, e eu sensível: nós nos amamos; a gratidão de sua família alimentou o nosso amor.

“Ao tempo coube fazer o resto.

“Em Janeiro de 1842 eu estava casado com Emília: pareceu-me que a fortuna começava a sorrir-se para mim...

“Era ilusão! a fortuna tinha apenas preparado um novo golpe para ferir-me no coração...

“Há dezoito meses que sou viúvo.

“Por consequência, meu tio, agora estou livre: podia voltar ao Rio de Janeiro; mas há alguma outra prisão, que não posso quebrar: é essa cena, que teve lugar na última hora, que



ieb

"eu passei na casa de meus pais. Meu tio, minha resolução é irrevogável.

"Em falta de um nome ilustre, na carreira de tradições de antigos parentes, condes, marqueses, duques, ou elevados fidalgos, nossa família, meu tio, alimenta seu orgulho com a lembrança de certas qualidades, com a memória de um caráter forte e talvez extravagante, com que sempre se têm apresentado todos os que têm o sobrenome, que eu tive.

"Quando algum de meus antigos parentes se comprometia a alguma coisa, cumpria a promessa por força, quaisquer que fossem os sacrifícios a que devesse sujeitar-se.

"Um de meus velhos avós porque uma vez, em Lisboa, não viu o Rei, que passava, e um soldado lhe fez tirar o chapéu, tratando-o vilmente, jurou que nunca mais traria chapéu sobre a cabeça, viveu ainda cinquentena anos, e cumpriu à risca o juramento.

"Um outro, sendo levado à inquisição para ser obrigado a descobrir um segredo que jurara guardar, cortou a língua com os dentes, temendo que as torturas o pudessem nalgum momento, fazer esquecer sua palavra.

"Uma de nossas antepassadas, porque seu filho mais velho se havia portado sem valor em um encontro com os infiéis, tomada de vergonha, protestou que nunca mais sairia do seu quarto: só dez anos depois saiu pela primeira vez... em um esquife para enterrar-se.

"Meu avô e meu pai deram exemplos da mesma vontade forte, da mesma força de caráter.

"Diziam eles, porém, que a árvore já de velha começava a perder o antigo viço; que em vossa mercê começava ela a definhar; e que eu não era mais que um fruto degenerado.

"Mas eu quero mostrar que, se não sigo em tudo os passos daqueles, que me repeliram, acompanho-os todavia em alguma coisa; que se não tenho as velhas idéias, os velhos cos-



ieb



"tumes, os velhos prejuizos que elles trouxeram
"do século passado, e queriam fazer vigorar no
"presente, herdei d'elles a mesma fortaleza de
"coração e firmeza de vontade.

"No meio de todas as extravagâncias, de
"que eu próprio acuso o meu gênio, sei tornar-
"me inabalável naquilo a que uma vez me de-
"termino.

"E pois, meu tio, eu jurei a mim próprio, e
"aqui o declaro a vossa mercê, para o fazer
"presente à minha avó, à minha prima, e à mi-
"nha pobre Lúcia, declaro, digo, que cumprirei
"as ordens que recebi de meus maiores, execu-
"tarei suas vontades, modificando-as apenas
"em um ponto para obedecer também a mi-
"nha mãe.

"Assim meu avô disse: — vai-te para sem-
"pre de meus olhos, e se tens piedade de nós,
"muda teu nome —: eu cumpri, e cumprirei o
"que elle quis, pois nunca mais lhe apareci;
"e se não mudei meu nome, pelo menos até ago-
"ra ainda ninguém me viu assinar o sobreno-
"me, que eu tinha de familia.

"Minha avó disse: — Torne-se em pedra o
"pão, que comprares com o dinheiro, pelo qual
"vendeste os brilhantes da cruz da familia. O
"ladrao não me faça corar de vergonha, apa-
"recendo ainda diante de mim —. O meu pão
"se não tem torpado em pedra, porque o di-
"nheiro, com que o compro, é ganho com o suor
"de meu rosto; mas cumprirei também a vontade
"de de minha avó; pois enquanto ella se não
"convencer que eu fui vilmente caluniado, não
"terá, eu o juro, não terá de envergonhar-se,
"vendo-me diante de seus olhos.

"Meu pai disse: — Consuma o fogo todas
"as minhas riquezas, antes que tu possas tocar
"em uma só moeda de meus cofres —. Não
"quero portanto um ceutil da herança, que me
"deve caber pela desgraçada morte de meu
"avó, e de meu pai: cedo todos esses bens para
"dote de minha prima, e se vossa mercê os



ieb

"não quiser aceitar, divida-os com a minha
"boa Lúcia, e os pobres. Quanto a mim, res-
"peitarei a vontade de meu pai, nada queren-
"do de suas riquezas.

"E minha mãe disse: — Vai meu filho;
"mas volta um dia com o rosto descoberto pa-
"ra provar tua inocência —. Eis aqui enfim a
"ordem de minha mãe, que eu ainda não cum-
"pri; mas que ainda espero cumpri-la toda in-
"teira, sim, minha mãe! para ir, beijando a se-
"pultura, em que descansas, dizer às tuas cin-
"zas — já tenho o rosto descoberto! já provei
"minha inocência!

"Mas enquanto a vontade de minha mãe
"não for executada à risca, não, nenhum da-
"queles, que injustamente me condenaram, me
"tornará a ver.

"E vossa mercê, meu tio, que nessa hora
"de maldições estava também na sala, e não
"praguejou contra mim, porque hesitava...
"não hesite, e creia que me caluniaram.

"E minha prima, que também aí estava, e
"parecia nada compreender, do que se passava,
"compreenda agora que há no mundo uma ser-
"pente enormemente venenosa, que morde na
"honra do homem! é a calúnia: foi ela quem
"me mordeu.

"E Lúcia, que chorava, porque sabia que
"eu não era capaz de cometer uma ação infame,
"me não se arrependa de haver chorado: ela
"me fazia justiça; e depois de minha mãe, foi
"o dela o único coração que eu tive, onde mi-
"nha inocência achasse abrigo.

"Mas eu vejo que tenho abusado da paciên-
"cia de meu tio; esta carta já vai sendo por de-
"mais extensa. Meu tio fica por ela sabendo mi-
"nhas inabaláveis resoluções, e portanto eu a
"termino aqui. A bênção de minha avó, e a
"amizade de meu tio, outrora as pedi eu inútil-
"mente; agora só por outra maneira as preten-
"do conseguir: consegui-las-ei. Há porém al-



"guma coisa, que me não envergonho de mandar, é uma saúde à minha pobre Lúcia.

"Cidade de Baía... Junho
"...de 1844.

"LAURO".

— E então, minha mãe, exclamou Hugo, o rapaz está louco ou não? vão agora arrancá-lo de lá.

— E faz bem em não vir, disse Ema? porque eu me esconderia para não ser obrigada a ver-lhe outra vez o rosto.

— Mas, minha mãe, êle escreve de modo tal, que custa muito a não pensar que a caluniaram.

— Também tu, Hugo?...

— Minha mãe, é que há uma força tal nas palavras dêste pobre Lauro!...

— Palavras!... disse Ema, e não é êste tempo de escândalo, de irreligião, e de liberdade, o tempo das palavras?... todos vós falais bem, falais assim; mas outrora um só cabelo da barba de um homem valia mais do que valem os vossos mais sagrados juramentos!

— Eis aí minha mãe mortificando-se sem razão.

— Pois não é assim!... tantas leis, tantas constituições, tantas câmaras, e para quê?... para desmoralizar o povo, para perverter a mocidade, como se perverteu aquele rapaz até chegar a roubar um objeto sagrado.

— Porém, minha avó, se fosse uma calúnia, como êle jura que é?...

— Até tu, Honorina?... até tu, quando foi a ti mesma, que êle roubou?...

— A mim, minha avó?... mas como eu não me lembro...

— Oh! era preciso que não falássemos nisso, como não falámos, para ocultar no silêncio a nossa vergonha; lembrar que um filho nosso cometeu tal crime, é aprofundar ainda mais uma chaga, que não pode sarar nunca; mas



ieb

enfim... eu quero contar-te, e tanto mais que de direito te pertencia o objeto sagrado. Escuta.

Honorina chegou-se para sua avó com viva demonstração de curiosidade.

VI

A HERANÇA PATERNA

Honorina, disse a velha Ema depois de empregar alguns instantes em coordenar suas idéias, foi há muito tempo, talvez há seis séculos passados, que sucedeu o que te vou contar.

Nas imediações da cidade de Lisboa havia uma família que se compunha de marido e mulher, cujos nomes não puderam chegar a nós, e de uma moça filha deles, que se chamava Arabela; pobre, mas temente a Deus, essa família passava seus dias sossegada e felizmente.

Arabela porém era o que dizia a terminação do seu nome: tão encantadora e engraçada, que, quando passava por alguma rua, os que estavam à janela gritavam para dentro das casas — lá vem ela —, e todos corriam para vê-la, porque já sabiam que quem vinha era Arabela, tão carinhosa e humana que não havia no seu bairro, quem, pela ventura de Arabela, não rezasse algumas orações.

Também nunca em tão fresca idade, pois que bem moça era, se vira unidos a tanta inocência, caráter tão firme, prudência tão consumada, e tão seguro e são juízo; por isso todos a tinham em grande respeito e estima. Seus próprios pais com ela se aconselhavam nas conjunturas difíceis, em que às vezes se achavam: as palavras de Arabela eram para eles oráculos infalíveis, sua vontade como uma ordem santa que com prazer à risca se cumpria.

A-pesar-de sua pobreza, tão formosa Arabela se mostrava, que era conhecida de todos pelo nome de — Rosa do Tejo —; porque o ru-



bor de suas faces semelhava o aspecto, e a virtude de sua alma o perfume da flor.

Arabela tinha feito dezoito anos, e via-se cercada de apaixonados requestadores, que à porfia se extremavam em dar-lhe mais altas provas do amor que os consumia, e que surda ou insensível achando-a, corriam dela para os pais, a pedir-lhes a filha.

Os pais de Arabela, porém, sabendo o quanto era a moça prudente e recatada, jamais fizeram por dirigir-lhe a vontade para aquilo de que ela parecia querer fugir.

Entretanto appareceu entre os pretendentes de Arabela um rico e jovem fidalgo, que levado dos lindos olhos e perfeições da pobre moça, se esqueceu de que alta era sua linhagem, elevados os seus teres, e descendo de seu brilhante palácio a uma rasteira casinha, veio pôr seu coração de grande senhor aos pés de uma humilde aldeã.

Embalde seu muito ostentar de galas e louçainhas, embalde seu alto despender de agrados e extremos, o grande senhor passava por debaixo dos olhos da pobre aldeã com seu amor tão mal atendido, como os outros: ainda não era a D. Rui Vaz, que devia pertencer a alma inocente de Arabela.

Mas o amor de Rui Vaz era tão ardente, como puro; e pois foi elle, a despeito das repulsas da moça, oferecer seu nome à familia dela: era um partido imensamente brilhante; era um nome de fidalgo que ia cobrir o desconhecido e simples da popular; era um palácio que se trocava por uma cabana; era um futuro, que se oferecia a quem não tinha passado e só podia contar com um pobre presente. Os pais de Arabela foram entusiasmados aplaudir a filhá; mas recusaram espantados, porque ella lhes respondeu:

— Não foi para este que eu nasci.

— Mas olha, Arabela, disse o pai, que se trata do Sr. D. Rui Vaz, rico fidalgo de alta linhagem.



— Que hoje me ama, tornou a moça, que comigo casando-se me há de ainda amar um ano, e depois se envergonhará de meus pais e terá enfim pjeo de andar comigo a seu lado.

Os pais calaram-se, porque era isso, em verdade, o que havia de acontecer; mas depois a mãe disse:

— Pensa, Arabela, que feito tens dezoito anos, e que é já tempo de tomares um marido, que te proteja: cumpre pois escolher um noivo.

— Eu já o tenho escolhido, minha mãe.

— E quem é?

— Gil-Mendonça.

— Bom mancebo é êle, minha filha; mas tão pobre!

— Como eu também o sou, minha mãe; porém ambos nos amamos.

— Homem, disse a mulher ao marido, irás levar a resposta de Arabela ao Sr. D. Rui Vaz.

— Irei, mulher; pôsto que me pareça loucura preferir um aldeão a um fidalgo; mas Arabela tem mais juízo do que nós pensamos; e ela que assim o fez, é porque assim o devia fazer.

A vontade de Arabela foi prontamente cumprida; e ao mesmo tempo que D. Rui Vaz se sentia despeitado de sua má fortuna, tudo se dispunha para o casamento da linda popular com o feliz Gil-Mendonça.

Na véspera do casamento, em derredor de uma tão frugal como alegre mesa estavam os noivos e os pais de ambos, quando entrou o fidalgo, que tentar vinha o derradeiro esforço.

Convidado a tomar parte na parca ceia, êle sentou-se, comeu com boa vontade, e depois de levantados da mesa pôs em ação quanto podia para desviar Arabela de casar-se com Gil-Mendonça, e aceitar a sua mão; pretendeu chamar a seu partido os pais da moça, dando-lhes conta de suas imensas riquezas, e ganhar o mesmo Gil-Mendonça, apelando para sua generosidade, dizendo-lhe que, se êle muito e sinceramente amava Arabela, devia sacrificar o seu



ieb



amor para vê-la feliz na posição elevada, que se lhe oferecia.

Os pais de Gil-Mendonça ficaram duvidosos; os de Arabela inclinados a favor de D. Rui Vaz, porém calados, porque tinham sua filha na conta de muito prudente e sabida, e pensavam que tudo quanto ela fazia era somente o que devia ser feito.

Gil-Mendonça, silencioso e com os braços cruzados, esperava frio e impávido a resposta de Arabela.

— Sr. D. Rui Vaz, disse Arabela, eu sou reconhecida a seus extremos, e provar quero que os não desmereço: a mulher que esquece o pobre a quem ama, pelo rico a quem apenas estima, tem coração que com dinheiro se compra!

— Oh! não... bradou o fidalgo.

— E o coração da mulher, prosseguiu a moça, deve ser tesouro sagrado, que nunca se venda, nem vender se possa, e que só se troque por outro coração igual a êle. Sr. D. Rui Vaz, eu vos dedico a minha estima: Gil-Mendonça, tu és o dono do meu amor.

— E tu, Gil-Mendonça, disse o fidalgo, tu que dizes?...

— O que ela disse; respondeu o rústico.

— Pois bem, tornou Rui Vaz; pois bem, Gil Mendonça, eu te dou metade de minhas riquezas, eu te armarei cavaleiro, e te ofereço duas de minhas vilas e um de meus castelos e o mais rico de meus palácios; mas em troca de tudo isso, tu, que és dono do amor de Arabela, cedeme o seu amor.

— Mais vale, Sr. D. Rui Vaz, o coração de Arabela.

— Pois tudo, Gil-Mendonça, tudo que é meu... eu te cedo, tudo...

— E' pouco ainda.

— Oh!... dize! dize pois com que se pode comprar êsse amor, que eu aspiro, e a posse daquela moça?...



ieb

O popular sacudiu friamente a cabeça, como quem dizia:

— Amor nem se compra, nem se vende.

— E eles nem pensam no futuro daquela linda moça!... exclamou o fidalgo tomando o chapéu. Gil-Mendonça! pobre Gil-Mendonça! que darás tu por herança ao filho de Arabela?... oh!... pobreza!... sempre pobreza!...

O rosto do plebeu pareceu anuviar-se; passado um momento, êle levantou a cabeça, e disse:

— Nobre Sr. D. Rui Vaz, o filho de Arabela não herdará de mim nem palácios, nem castelos, nem um colar de cavaleiro, porque plebeu nasci, e plebeu morrerei; mas aqui juro, à face de Deus, que dia e noite trabalharei por êle, e para deixar-lhe uma herança que o livre da miséria e do infortúnio.

Depois, voltando-se para sua noiva, acrescentou com voz grave, e firme:

— Arabela! a Deus o juro!

No dia seguinte Arabela era à face dos altares mulher de Gil-Mendonça.

Alguns dias depois o nobre e leal cavaleiro Sr. D. Rui Vaz tinha desaparecido das terras de Portugal; era um jovem fidalgo, que aos vinte e cinco anos de idade, aborrecia o mundo...

Ao lado de Arabela, Gil-Mendonça, senhor de seu coração, e certo de sua felicidade, vivia feliz e sossegado: três anos se passaram, em que êle pedia ao céu um filho, e na esperança de vir a tê-lo, trabalhava com ardor indizível para preparar-lhe uma herança.

Êle não esquecia nunca o seu juramento.

E no fim de três anos Arabela concebeu, e Gil-Mendonça, festejando com entusiasmo tal acontecimento, sentiu todavia com tristeza que se achava ainda tão pobre, como dantes. E trabalhou mais ainda...

No fim de nove meses Arabela deu à luz uma linda menina, a quem puseram o nome de Isabel.



No dia, que se seguiu ao do batizado, Gil-Mendonça falou a sua mulher:

— Arabela, tu tens visto com que ardor eu trabalho, e como mal nos paga a fortuna. Todos os dias parece-me estar ouvindo as palavras daquele fidalgo, que te amou: — que darás tu por herança ao filho de Arabela —?... enfim tu me deste uma filha, e eu me lembro também, que por Deus te prometi dar-lhe uma herança; vejo que nada faço na minha terra, e vou partir.

— Partir para onde?...

— Vou correr mundo, Arabela, e conseguirei sem dúvida uma herança para deixarmos a Isabel.

A despeito das lágrimas e dos conselhos de Arabela, Gil-Mendonça fez de sua roupa uma trouxa, tomou um bastão, e o chapéu, e recebendo a bênção de seus pais, beijou a sua filha, abraçou ternamente a sua esposa, e partiu.

Gil-Mendonça não sabia escrever, e pois não esperava Arabela notícia dêle; contentou-se com chorar suas saudades consolando-se com o lindo anjinho, que de suas entranhas recebera em nome do céu.

O tempo foi correndo; os dias e semanas foram passando, depois meses e anos, sem que chegasse notícia alguma de Gil-Mendonça.

No entanto ia crescendo Isabel: linda e engraçada como fôra Arabela nessa feliz idade, sua mãe espelhava os seus antigos encantos infantis no rosto, e suas virtudes no coração de Isabel.

Com toda a sublime ternura do amor maternal, Arabela perdeu primeiro suas noites velando junto do berço querido, bebeu depois entusiasmada os sorrisos meigos e inocentes da filha de sua alma, escutou e decorou sua primeira palavra, ensinou-lhe a repetir o nome de seu pai, dirigiu seus primeiros passos, e quando Isabel começou a falar, aprendeu para



ieb

logo de sua mãe a pedir a Deus o regresso de Gil-Mendonça.

Ao amanhecer de todos os dias Arabela levava Isabel pela mão à porta da rua, e mostrando-lhe uma estrada, que fronteira ficava, dizia-lhe:

— Foi por ali, Isabel, que por amor de teu futuro se partiu teu pai; é por ali que êle deverá voltar; todas as manhãs viremos esperar por êle, todas as tardes também; no entanto, Isabel, continua a ser boa menina, para que êle te ache bonita, e te ame como eu.

E depois Arabela voltava o rosto para esconder suas lágrimas de Isabel, que poderia chorar também, e affligir assim seu coração maternal. Ainda se passou muito tempo sem que murchasse na alma de Arabela a esperança de ver chegar seu marido, e sem que êste tornasse. Finalmente chegou o dia do natalício de Isabel.

Tinham-se passado nove anos depois que se fôra Gil-Mendonça em demanda de melhor fortuna.

Ao amanhecer, Arabela, como costumava, levou pela mão a Isabel até à porta, e disse:

— Isabel, fazes hoje nove anos; há quase outro tanto que teu pai, por amor de teu futuro, deixou-nos, partindo por ali... e é por ali que êle deverá voltar; esperemos...

O dia se passou como tantos outros, e ao quebrar da tarde Arabela, que se sentia abatida e aflita, sem contudo adivinhar a causa do que sofria, recolheu-se a seu pobre quarto, e mandando sua filha para a porta, ficou só, chorando em segrêdo suas saúdes.

Isabel foi, segundo costumava fazer com sua mãe, sentar-se à porta da casa, e fitando os olhos na estrada fronteira, como não tivesse a seu lado sua mãe para repetir-lhe as palavras, que sempre lhe ouvia, repetiu-as ella mesma:

— Foi por ali, que por amor de meu futuro,



se partiu meu pai; e é por ali que deverá voltar: continuarei a ser boa menina, para que elle me ache bonita e me ame como minha mãe.

E então ella viu vir chegando em direção à sua casa um velho peregrino, que parou a dois passos diante d'ella.

— Boa tarde, minha menina! disse o peregrino.

— Boa tarde, meu velho! respondeu ella.

— Olhavas com tanta curiosidade para mim, que me lembrei de vir perguntar a causa.

— Ora... é que o senhor vinha pelo caminho, por onde deve vir meu pai.

— Teu pai?... e como te chamas menina?...

— Isabel, meu velho.

— Isabel?! repetiu o peregrino com violenta comoção; e depois continuou: Isabel, eu tenho fome, dar-me-ás que comer?...

— Sim, sim, entre; nós lhe daremos pão, ovos, bolos, e vinho.

O velho peregrino entrou, e daí a pouco foi cercado por toda a familia, que lhe offereceu uma frugal refeição. O semblante d'esse homem era respeitável; sua cabeça estava toda branca, sua voz era trêmula e compassada.

— Boa gente, disse elle, depois de dar fim à sua alimentação, é hoje o dia, em que faz nove annos aquella menina.

— Sim... sim... e como sabeis?...

— Eu vos trago novas do Sr. Gil-Mendonça...

Um grito de Arabella interrompeu o peregrino:

— E onde está elle?... perguntou.

— Na eternidade, Arabella! respondeu o velho.

— Morto!... morto!... Isabel... tu és órfã! e eu sou viúva!... minha misera filha!...

Arabella, abraçada com sua filha, soluçava de um modo terrível; era a expressão de uma dessas dores profundas, que se trocaria em amar-



ieb

goso e despedaçador silêncio, se ao pé não estivesse uma filha para desfazê-la em lágrimas.

— Minha filha! minha pobre Isabel! exclamou depois de muito tempo Arabela, que te resta agora?...

— A herança de seu pai; respondeu o peregrino: a herança de seu pai trazer-vos venho. Todos olharam admirados para aquele homem.

— Arabela, continuou êle, modera tua justa aflicção, e escuta-me; vós todos ouvi-me: Isabel, sossega tua mãe, e atende-me também. Gil-Mendonça, casando-se com Arabela, jurou que à força de seu braço saberia ganhar bastante para deixar ao filho, que tivesse, uma herança, que o tirasse da miséria e do infortúnio. Trabalhando sem descansar, trabalhando com ardor admirável, Gil-Mendonça não deu um passo avante, e no fim de três anos o céu lhe havia concedido uma filha; mas êle achava-se ainda tão pobre como dantes. Então, entendeu que lhe cumpria ir buscar em outras terras a fortuna; deixou pátria, espôsa, filha e família, deixou tudo, e com sua vontade de ferro no coração, vagou pelo mundo oito anos; mas parece que sua estrêla o tinha condenado a ser pobre, de modo que, baldados todos os seus esforços, êle se via sempre o mesmo, tendo por únicos bens a trouxa de seus vestidos, e o bordão de peregrino.

Sempre animoso, sempre trabalhando, êle correu a Espanha, a Itália, grande parte da Alemanha, e voltou de novo à Itália, entrou na França, sem que a fortuna lhe tivesse sido um dia menos adversa. Há seis meses passados enfim, êle estava em Provença, e se dirigia à cidade de Aix.

Passava perto de uma ermida, viu sua porta aberta, e a ela se dirigiu para ofertar suas orações ao Altíssimo... Dentro da ermida havia sussurro, e passavam-se cenas de horrível profanação; Gil-Mendonça entrou, e ficou pasma-


 ieb


do do que via; o altar estava destruído, imagens santas feitas pedaços rolavam pela terra... homens furiosos... uma horda de demônios em delírio, que em uma mão traziam o facho, e na outra um machado, pareciam querer levar a destruição inda além.

Eram os maniqueus, os devastadores dos templos e das imagens, os gênios de destruição e de horror!

Um pobre e velho eremita, um desgraçado monge, coberto de cabelos brancos, e meio caído em um canto da ermida, se abraçava com ardente devoção com uma pequena e santíssima cruz de ouro, que tinha arrancado do altar destruído logo depois, para assim salvá-la das mãos sacrílegas dos maniqueus.

Esse velho indefeso e inerte estava cercado por vinte miseráveis, que contra êle despejavam pragas, maldições e ameaças.

— Tem ainda uma cruz nas mãos! exclamou um dêles, seja quebrada! seja destruída!

— Não! não! não!... exclamou o pobre monge, matai-me antes!...

Mas uma onda de maniqueus caiu sobre êle, e um desses monstros arrancou-lhe a cruz dentre as mãos...

O monge caiu de joelhos, e levantando as mãos para o céu pôde apenas exclamar:

— A cruz de Jesús Cristo!... quem salva a cruz de Jesús Cristo!?...

O sacrilego, que arrancara o santo lenho das mãos do monge, estava a dois passos de Gil-Mendonça, em quem os maniqueus não tinham reparado, e levantava uma pedra para quebrar a cruz quando, com voz de trovão, Gil-Mendonça bradou:

— Judeu! pára!...

Sua voz resouu terrivelmente no seio da ermida: uma multidão de braços se levantou contra êle... mas Gil-Mendonça sem hesitar descarregou o seu bastão sobre a cabeça do sacrilego, e ao mesmo tempo que êste caía de-



ieb

sanimado, êle se apossava da cruz. Então os maniqueus avançaram sôbre Gil-Mendonça, que nobremente se defendeu; enfim, cercado de todos os lados, depois de ferido cem vezes, tendo sempre a cruz em seu peito, e já tinta com seu sangue, o valente cristão caiu debaixo de tantos golpes, quando também uma centena de religiosos agricultores, entrando na ermida, começaram a bater e lançar por terra os maniqueus.

Meia hora depois os sacrilegos tinham sido completamente postos em fuga, deixando muitos dos seus companheiros mortos: no meio dêsses cadáveres o monge foi levantar o frio corpo daquele que sacrificara sua vida em defesa do santissimo lenho.

Gil-Mendonça ainda respirava, e com força indizível apertava a cruz contra o coração.

Graças aos cuidados, que lhe foram prodigalizados, êle abriu os olhos, viu ao pé de si o monge, e pôde falar. Contou então em poucas e entrecortadas palavras a história de sua vida: disse ao monge o nome de sua mulher, e de sua filha, ensinou-lhe o lugar, onde morava, concluiu dizendo:

— Monge! eu vou morrer; mas esta cruz é minha! esta cruz é o fruto de perto de nove anos de trabalho! esta cruz é a herança, que deixo à minha filha; ela será feliz. Monge, tu me deves talvez a vida, serve-me pois, no que te vou pedir: irás a Lisboa, sabes já onde moram meus parentes; de hoje a seis meses faz Isabel nove anos; tens cento e oitenta e um dias contados para lá ir; tu lhe entregarás nesse dia a cruz que passo agora a tuas mãos; dize-lhe que foi resgatada com o sangue, e com a vida de seu pai, que lha deixa por herança.

Uma herança havia eu jurado legar-lhe... herança que a pusesse a salvo do infortúnio e da miséria... perto de nove anos trabalhei para cumprir meu juramento... eu buscava ouro... ouro para minha filha... e graças a Deus, eu deixo mais do que ouro, mais do que tudo...



a ela... e a todos os meus descendentes. Essa cruz deverá fazê-los felizes!... protegerá a inocência e a fraqueza! dize à minha filha que sempre que nascer para o futuro uma herdeira do nosso nome, entregar-se-lhe-á a cruz, quando fizer nove anos, até que venha uma nova herdeira, e complete também essa idade!... Monge... a herança de minha filha é sagrada!... cumpre o que te peço... leva minhas despedidas a meus pais... a Arabela... e a Isabel... e enfim... reza por minha alma...

Gil-Mendonça deixou então cair a cabeça, e expirou: o monge rezou duas horas ao lado de seu cadáver, e erguendo-se depois, disse em voz baixa:

— E êle morreu sem reconhecer-me!

Agora, Isabel, tu já ouviste as disposições de teu pai; recebe pois a herança, que te pertence.

E isto dizendo, o velho peregrino tirou do seio uma cruz de ouro, que entregou a Isabel.

Toda essa história tinha sido ouvida com a maior atenção, no mais profundo silêncio. No fim dela a cruz foi por todos beijada, e o pranto da família recomeçou.

Ao amanhecer do seguinte dia, o velho peregrino abençoou a triste familia, e partiu para mais nunca voltar.

Quando, ao quebrar da estrada, a casa de Arabela tinha de desaparecer para sempre a seus olhos, o peregrino voltou-se, e limpando duas grossas lágrimas, disse:

— E Arabela viu-me!... ouviu-me!... e não me reconheceu!...

E êsse monge, cujos cabelos estavam completamente brancos, êsse monge pálido... magro... com o rosto enrugado... as mãos tremulas... o andar mal seguro... êsse monge, que todos julgaram octogenário... tinha apenas trinta e oito anos!... Oh!... é porque há alguma coisa que envelhece e gasta o homem ainda mais do que o tempo... é a paixão desgra-



ieb

çada, que não se extingue nunca... que escondida no fundo do coração... acabrunha o espirito e muda o aspecto do homem...

E aquele monge...

Gil-Mendonça esteve nos seus braços... viu-o... ouviu-o... e não o reconheceu!

E esse peregrino...

Arabela hospedou-o em sua casa... viu-o... ouviu-o... e não o reconheceu!

Nunca mais se tinha ouvido falar, e mais nunca se falou em D. Rui Vaz.

VII

A CRUZ DA FAMILIA

Subida tinha sido a atenção com que Honorina escutara aquela velha história; espalhou-se no seu espirito ardente e romanesco aquele firme e inabalável propósito de um homem, que a todo o custo queria uma herança para sua filha, e que, enxotado de seus lares pela má fortuna, foi correr mundo, até que a preço do seu sangue e vida conseguiu haver, e deixar à herdeira de seu nome um legado tão novo, como santo: achara enfim eco em seu coração êsse amor puro, e nunca vencido do rico fidalgo que, por não acceto pela pobre aldeã, olvidara nome, riquezas, e mundo, eremita se fizera, e em tão poucos anos tanto o pungira sua paixão veemente e desgraçada, que lhe enrugara o rosto, que lhe tornara grisalhos os cabelos, e prematuramente o envelhecera por tal modo, que nem seu próprio rival, nem sua antiga amada puderam conhecer no hábito de eremita o antigo Sr. D. Rui Vaz.

Passados alguns momentos, e quando ainda duas lágrimas, mimosas pérolas de ternura, alvejam pendentes nos negri-longos cílios da bella moça, Ema prosseguiu, dizendo:

— Eis aí pois, Honorina, a origem dessa



cruz, que em tão grande amor e devoção tinha-mos, e que tanto devemos eternamente chorar.

"E certamente; uma sagrada cruz, arrancada por semelhante maneira das mãos de homens loucos e ferozes, tinha de ser o talismã protetor dos descendentes dêsse homem, que seu sangue derramara, e dera a sua vida para não vê-la menoscabada.

"E assim foi, porque, minha filha, Deus não se esquece daqueles que dêle se lembram, e nele confiam.

"Desde que o sagrado lenho entrou em casa de Arabela, a ventura começou a sorrir-se para sua família: as privações foram desaparecendo, como por encanto, seus bens se aumentaram de dia em dia, e o sossêgo e o prazer presidiram de mãos dadas à corrente de seus anos.

"Os desejos e a recomendação de Gil-Mendonça foram completamente satisfeitos: a cruz de sua filha fez-se a cruz da família, a cruz que aos nove anos de idade recebia a herdeira de seu nome. Essa obrigação cumpriu-se religiosamente durante talvez seis séculos; essa herança chegou ainda até nós pura, como a tinha recebido Isabel de Mendonça.

"E nunca uma herdeira dessa cruz houve, que não passasse vida feliz e sossegada.

"Enfim, forçados pelo império das circunstâncias, nós, que jamais havíamos deixado nossa pátria, viemos buscar seguro asilo na terra de Santa Cruz, fugindo dos horrores, da destruição e da impiedade que a todos os cantos da Europa levava a espada terrível de um monstro que se chamou Bonaparte.

"Além de um tão cruel desgosto um outro, Honorina, me acompanhava. Eu não tinha tido senão dois filhos: o céu me havia negado uma herdeira para a cruz da família; casámos, pois, a Raul de Mendonça, nosso filho mais velho; porém o primeiro fruto dêsse himeneu foi ainda um varão, e minha nora não concebeu mais. Restou-nos uma única esperança, era Hugo;



ieb

nós o casámos também, e graças a Deus, Honorina, um ano depois dêsse casamento, nasceste tu para sossegar-nos, para ser a herdeira da cruz da família.

Suspendeu-se por um momento Ema na relação que fazia, e voltando-se para Hugo, disse com voz pausada e grave:

— Hugo, eu hei-de dizer tudo o que penso e sinto a Honorina; se te não áchas disposto a ouvir-me, ou se temes incomodar-te com o que vou dizer, será melhor que te retires.

— Pois bem, minha mãe, respondeu Hugo sorrindo-se, eu me vou, para deixá-la em completa liberdade: Honorina fará justiça a seu pai.

Logo que Hugo saiu, Ema continuou:

“O mundo, minha filha, passando estava e está passando por uma revolução espantosa; revolução que nada respeita, desde a política e a religião até mesmo às mais nobres e generosas crenças de idéias individuais. Demônios eloqüentes, penas temperadas no fogo do inferno, tinham anos antes espalhado e prégado, segundo mil vezes me repetiu o meu santo confessor, princípios fatais à humanidade, desorganizadores dos tronos e do altar: máximas ardentes e perigosas eram oferecidas ao povo, e como incensavam sua vaidade, foram bebidas e aceitas com entusiasmo por muitos; um vulcão se preparava, vulcão horrível, que rebentou primeiro na América, que logo depois prorrompeu em França, e do qual se ressentiu o mundo todo; depois, adiante da infernal propaganda, na frente da ímpia cruzada, apareceu êsse flagelo inqualificável, essa vingança de Deus, chamada Bonaparte, que fez estremecer os templos do Senhor e os tronos dos reis; que regou com ondas de sangue humano a árvore da impiedade. Enfim, êsse homem succumbiu, depois de triunfar mil vezes; porém as idéias que êle replantou com a ponta de sua espada germinaram e vegetam ainda hoje!




“Uma palavra mentirosa, mas de fogo, embriagava os homens; era ela — liberdade —: em nome da liberdade os grandes homens subiam a infamantes patibulos... esgotavam-se os cofres públicos... cometiam-se horripéis sacrilégios... desterravam-se e exterminavam-se modestos religiosos!... ninguém mais se supôs pequeno. Uma outra palavra também mentirosa, mas também de fogo, fazia gigantes os mais desprezíveis anões... era ela — igualdade!

“Ninguém concebe quantos milhões de vítimas se tem sacrificado nos falsos altares desses dois ídolos de fumo.

“Como precisa consequência de tão nefandos princípios, o gênio do mal, para alimentar e dar mais intensidade ao facho da anarquia, vomitou sôbre e contra nós a liberdade da imprensa, máquina de calúnias e de intrigas... veneno dos espíritos... guarda avançada das revoltas.

“Tudo mudou. Os meninos deixaram de aprender a rezar para ler periódicos e discutir presumidos direitos do homem; os operários abandonaram suas fábricas para cuidar em eleições; a plebe imunda e perigosa agitou-se radiosa e triunfante em todas as nações.

“A peste chegou até ao Brasil. Esta nação, criança, que ainda mal andava sustida pelos bracinhos, levantou orgulhosa a cabeça, dizendo que era um gigante, que não corria porque lhe atavam as pernas; que era uma águia que não voava, porque lhe prendiam as asas; que queria, que havia de caminhar só e livre: e, o que é mais, Honorina, um Príncipe, um homem, em cujas veias corria o sangue mais nobre do mundo, foi o mesmo que, cheio de mal empregado entusiasmo, e bravura, tomou a dianteira ao povo, e bradou — independência ou morte!

“Portanto, a embriaguez se tornou mais notável. As idéias deste século pervertido são con-



ieb

tagiosas; povos inteiros padeceram o mesmo mal; o brasileiro não podia formar exceção.

"E pois não se falou mais aqui senão em liberdade, câmaras, deputados, e constituição...

"Os velhos se tornaram crianças... os meninos não tomaram mais a bênção a seus pais... as moças desprezaram os véus da modéstia, e a vida sossegada da solidão para ir com o rosto bem à mostra, e carregadas de adornos e de modas indecentes dançar em saraus, onde a licença, e o desregramento tomaram o nome de civilização e de progresso!

"Tudo isso foi devido à liberdade...

"A peste entrou também em nossa família: teu avô, teu tio, e eu nos conservámos firmes em nossos antigos princípios, com as belas inspirações de nossos antepassados; desprezando todos êsses erros, detestando todos êsses crimes da época, todas essas mentiras de liberdade, igualdade, direitos do homem, constituição, e não sei que mais... tendo finalmente por glória única sermos sempre devotados ao — altar e trono — e mais nada.

"No meio de nós, porém, levantava-se uma cabeça de louco, e criava-se um coração de serpente.

"Teu pai, Honorina, a-pesar-da educação que lhe demos, e dos exemplos que sem cessar lhe oferecíamos, tinha-se feito sectário das novas idéias: era um liberal delirante, que trouxe no braço sua legenda, como na cabeça suas loucuras; que cem vezes se enfeitava com flores e folhas para ir bramar nas praças, para tomar parte nas orgias do povo desenfreado.

"Era uma cabeça de louco.

"E o filho de Raul, teu primo Lauro, Honorina, desprezando os conselhos de todos nós, a despeito dos castigos que seu pai lhe fazia sofrer, cedendo a seu gênio inquieto e desastroso, crescia correndo pela estrada da perdição. Vivo e sagaz, travesso e imprudente, como nenhum outro, sempre cheio de resolução e audá-



cia, possuindo talento e habilidade em alto grau, poder-se-ia fazer d'êle um grande homem, se o tempo em que vivemos não bastasse para pervertê-lo. Tentámos aproveitá-lo, e o fizemos estudar; compreendia suas lições com facilidade espantosa, progredia rapidamente; mas ao mesmo tempo opunha-se com repreensível obstinação às idéias de seus mestres, quando não lhe agradavam; ria-se diante dêles, se os ouvia dizer o que êle chamava um absurdo; abandonava as aulas para passar horas inteiras nas galerias da câmara dos deputados; decorava os discursos mais veementes, e arremedava os oradores mais fortes; enfim, mesmo em minha presença, atrevia-se a combater e a zombar de minhas nobres crenças, a que êle ousava dar o nome de — prejuizos dos séculos de escravidão, e ignorância!

“Era um coração de serpente.

“Não: nem os avós, nem o pai dêsse menino protegeram com criminoso desleixo ou estúpida indiferença os erros, filhos de sua má índole; mas êle tinha uma mãe... indulgente como quase todas; uma mãe, que o amava extremamente, que fechava os olhos a suas faltas, e que, finalmente, sem o querer, cooperou para sua perdição...

“Ao correr dos seus dezesseis anos êsse menino tinha concluído seus estudos preparatórios e redobrado a viveza, a resolução, a audácia, e a insolência, que lhe eram naturais.

“Então... a serpente morden-nos.

“Tu, Honorina, chegavas à época feliz dos nove anos... De antemão nós fruíamos o prazer de ver brilhar êsse dia, em que a cruz da família tinha de passar às tuas mãos...

“Mas eu nunca me enganei... eu tive sentimentos de que uma grande desgraça estava prestes a cair sobre ti... sobre nós... Essa desgraça foi preparada por teu próprio pai.

“Sentindo aproximar-se o dia de teu nono



ieb

aniversário, Hugo declarou-nos que queria mandar ornar a cruz da família com preciosos brilhantes: teu avô, teu tio, Honorina, aplaudiram essa idéia, porque pensavam demonstrar assim o muito apreço em que tinham a sagrada cruz, e porque também isso satisfazia a ternura, com que te amavam todos.

"Fui eu a única que me opús: eu sempre entendi que cumpria conservar pura e intacta a nobre herança havida de nossos avós, a nobre herança de Isabel deixada por Gil-Mendonça. Mas que podia uma triste mulher contra todos os parentes?... Foi com lágrimas nos olhos, que eu vi levarem a cruz da família...

"E chegou o dia de teu nono aniversário.

"Todos nós jantámos reunidos. Duas únicas pessoas que não tinham o nome de Mendonça jantaram conosco: Lúcia, que dera de mamar a teu primo Lauro e a ti, e Félix, que é hoje o guarda-livros de teu pai; pobre e desvalido moço a quem por compaixão recebemos para nossa casa, e que nos tem sabido pagar com admirável gratidão.

"Acabado o jantar, Honorina, eu te chamei para junto de mim; todos vieram cercar-me e ouviram-me repetir a história da cruz, que ias receber, e que, conseqüentemente, foi lançada em teu pescoço.

"Tu, Honorina, pôsto que contasses nove anos, eras inocentinha, como uma pomba; porque, em falta de tua mãe (pois já a tinhas perdido), nós, teus avós, te guardávamos, e zelávamos sobre a tua educação, para que teu pai te não enlouquecesse com suas extravagantes idéias.

"Inocentinha portanto, como eras, tu beijaste a cruz com alegria infantil, e sem ainda compreender o valor dela, orgulhosa a andavas mostrando a todos nós.

"Então, Lauro te disse sorrindo-se:

— Honorina... eis uma bela cruz para ser



furtada! tem ricos brilhantes, que se podem vender...

"Tu, Honorina, correste instintivamente para mim, e eu respondi a teu primo:

— Lauro, tu és um louco: não se graceja sôbre um objeto sagrado.

"Este episódio não passou dali. Às sete horas da noite adormeceste, como costumavas, e a tua cruz foi em uma salva de prata depositada perto de teu leito.

"Às dez horas da noite a cruz da família tinha desaparecido.

"A dor, que sentimos, não se pode descrever; e antes de procurar conhecer o ladrão, tens avós e eu, Honorina, já tínhamos adivinhado quem fôra.

"Todas as suspeitas recaíram sôbre Lauro.

"Félix, e uma velha parenta nossa, declararam que o tinham visto entrar no teu quarto com precaução, e cuidado; que êle por algum tempo aí se demorara, tendo tomado e examinado a cruz atentamente.

"Lauro, ouvindo o testemunho de ambos, corou, e disse com sua costumada audácia:

— Tudo isso é verdade.

— E a cruz? onde a puseste?... bradámos nós.

— Deixei-a lá mesmo; foi sua única resposta.

"O resto tu sabes, Honorina; a carta, que ouviste teu pai ler, me poupa o trabalho de referir a cena de maldição, em que eu proferi as palavras de que êle se lembra, palavras que nunca me arrependi de haver proferido, palavras que repito ainda..."

E a velha Ema, levantando a voz, disse com força:

— Torne-se em pedra o pão, que êle comprar com o dinheiro, pelo qual vendeu os brilhantes da cruz da família!... o ladrão não me obrigue a corar de vergonha aparecendo ainda diante de mim!...



ieb

VIII

O PRIMO FELIX

Era a hora em que (segundo a fraseologia das moças) — se prega o ponto —, e da costura ou do bordado corre-se para a janela. Entendamo-nos; não queremos com isto dizer que nossa civilização esteja tão atrasada, que se imponha ainda ao belo sexo o importuno cativo da agulha: nada; isso não! é somente propósito nosso fazer sentir que tinha chegado a hora feliz, em que o sol não reflete mais seus raios sobre as janelas das casas da nossa cidade, e consequentemente naquelas aparecem as elegantes e mimosas filhas de Niterói.

D. Rosinha estava, conforme o seu costume, de janela, e então conversava fortemente com uma vizinha tão sua camarada, que já uma vez chegara a sustentar seriamente que ela não era feia: sentia-se pois tão enlevada, no que praticava como o — seu pensamento —, como a chamava, que não viu entrar o seu primo Félix.

Antes de irmos por diante convém lembrar que temos aqui dois objetos, que, sendo muito comuns, merecem todavia momentos de reflexão: são elles uma moça, que está de janela, — e um primo de moça bonita.

Mas é preciso prevenir também que as observações, que vão ser lidas sobre o primeiro ponto, não poderão caber senão a um restrito número de jovens, que não podem formar febra, que são tristes exceções entre as do seu sexo. E para ainda menos ofender a susceptibilidade de quem quer que seja, tratando delas, não diremos — uma moça; diremos — uma moça loureira.

Uma moça loureira, que está de janela, e que é do número dessas que sabem estar de janela, põe em ação a ciência mais difficil do mundo, e que é ao mesmo tempo tão positiva, como a matemática, e tão cheia de — coisas




nenhumas —, como a diplomacia. Ela tem a vista tão segura, que pelo menear da bengalhinha conhece o jovem, que vem no principio da rua; pelo tirar do chapéu adivinha se é moça ou velha a pessoa, a quem elle cortejou; e pelo cortejo que recebe, se o padecente ainda tem de voltar pela mesma rua ou não. Tem o ouvido tão apurado, que pelo som da corneta prediz o official, que comanda a guarda que vai passar; pelo longínquo trotar de um ginete, quem é o cavaleiro, que o cavalga; e pela — boa tarde — que lhe dá a vizinha, sabe para logo se ela já viu... ou se ainda espera. E a mãozinha de moça loureira, que está de janela?... com seus dedinhos côr de rosa, fala essa mão ainda mais que um papagaio de seminário! um lenço nessa mão move-se e dá mais sinais que o telégrafo do castelo; uma rosa ou um cravo entre seus dedos é mais brilhante que a fogueira de Sesto; mais eloqüente que um discurso de M. de Lamartine.

E uma moça loureira não perde nada; antes de tudo tira partido nessa posição: se por exemplo apanha um maninho, um sobrinho, uma criança enfim de poucos meses... que de carícias não recebe o pobre inocente!... ensina-lhe a dizer adeus com a mãozinha... abraça-a mil vezes... e em conclusão a criança não é mais do que um trunfo, no qual se embarca uma bisca.

E se há loureiras, como ela?... misericórdia! isso sim, é que é maçonaria, onde não penetra o vulgo profano: fazem elas um tratado de aliança tal, que deve muito bem causar inveja a todos os diplomatas das quatro grandes potências; a mais sonsa delas vale o dobro do príncipe de Metternich. Velha ou moça, que passa, não vai sem sofrer uma análise crítica e miúda de todos os seus vestidos, e a enumeração de todas as imperfeições de seu físico: velho ou moço, que tem a desgraça de por aí fazer seu caminho, não volta o canto sem levar



ieb

nas costas a sua alcunha; e os senhores apaixonados tenham também paciência; será bom que vão passando com a certeza de que, se as queridas lhes perdoam, as vizinhas não podem deixar de lhes fazer ao menos uma careta, de dizer ao menos — que tolo —! Ainda o que vale, é que às vezes tais enredos e ciúmes se levantam entre elas, que mutuamente se beliscam, e se atrapalham, que faz gosto ouvi-las e vê-las, de tão lindamente arrufadinhas, que ficam.

Julga muita gente que logo que olha para a moça loureira que está de janela, pode dizer, a respeito do que está pensando, do que ela cuida, e o que ela sente: pois elas riem-se e riem-se com razão; porque lá dos segredos da arte das janelas ainda ninguém tocou o fundo... Os vaidosos acreditam ter compreendido assaz, por haver tirado as seguintes consequências:

1.^a Moça que estando de janela tem os olhos fitos no lado do mar, é porque espera que venha alguém desse lado.

2.^a Moça que não conversa com as vizinhas, que olha ora para baixo ora para cima, sempre cuidadosa e suspirante, é porque não sabe por onde surdirá um rapagão que, por ciúmento, ou adoidado, não tem nem hora, nem ponto certo, em que apareça.

3.^a Moça sentada à janela com a face pousada sobre a mão — tem saudades.

4.^a Moça que, quando sente vir o predileto da parte de cima, fita os olhos no lado de baixo, e ao senti-lo defronte de sua janela faz com a cabeça um movimento, formando um arco de círculo, e olha para a parte, donde êle veio, fingindo não tê-lo visto — está de arrufos.

5.^a Moça que ao ver aproximar-se o jovem, que a requesta, volta-lhe as costas, e foge para dentro — morre por êle.

Mas basta de falar em janelas, e já que por demais foi longe a reflexão sobre tal ponto, se-


 ieb


ja em compensação ligeira a que tocar aos primos.

Um jovem primo é pouco mais ou menos o espirito maligno em forma humana, calçando botas, e vestindo casaca: há uma tal queda para os primos, que se faz preciso andar sempre com os olhos bem abertos sobre elles.

Um jovem primo foi uma criança que brincou o — tempo será — com as primas, que chamou a uma delas minha mulher, e foi por essa chamado meu marido; que se acostumou desde então a entrar na casa delas sem bater palmas, que faz quadrinhas para os lenços delas, que é o compadre de suas bonecas, e que agora ou é desses, que fazem garbo da liberdade, que têm com as primas, e à vista de gente grita, corre, e patusca com elas, e então não passa de moço de — bom tom — fogo de palha — casca de grande coisa com âmago de coisa nenhuma; ou, pelo contrário, é um primo — com cara de tolo —, que não perde terço, nem novena, que reza muito na presença dos tios, e tem um oratório em casa, onde faz festas aos santos de sua devoção, e que enfim em noites de reunião em casa das primas, enquanto ellas palestram, dançam e se divertem, elle se deixa ficar em um dos cantos da sala bocejando e coxilando, uma vez por outra dando tabaco ao tio, espivitando as velas, e indo ajudar as primas a preparar o chá.

Esta é que é a casta de primos mais perigosa no seio de uma familia, do que um doente de sarampo ou bexigas.

Félix, a quem de antes conhecemos, pois que já o encontrámos almoçando com a familia de Venâncio, é um primo do primeiro género; perdido de amores por sua prima Rosinha, tem mais ciúmes dela do que uma criança do colo de sua mãe: Rosa que o vê com olhos de quem quer casar, e que, além disso, é moça entendida em negócios diplomáticos, o julga um moço que, em falta de outro, lhe poderá servir para mari-



ieb

do, e, por consequência, segundo a tática, que em outras pode ser observada, nem o despede, nem se deixa dominar; trá-lo atrás de si, como o seu gatinho; se o vê exasperado e disposto a fugir-lhe, sorri-se para êle, e assim o amansa, e o faz beijar-lhe os ferros; se o observa muito altaneiro, e confiado em sua constância, não olha para êle um dia inteiro, e o põe com o juízo em voltas, e a esperança em alarma. Já se vê portanto que Félix pertence ao número dos tolos de amor.

Pois êle não se quis fazer anunciar: com toda a sua perigosa liberdade de primo, entrou pé por pé para a sala; vendo aberto o piano, em que tantas vezes tocava a sua querida Rosinha, o foi beijando tecla por tecla... já tinha lambido metade do teclado quando se lembrou de causar um — susto à prima que, no fervor da sua conversa com a vizinha, não o havia ainda percebido; mas não tardou a mudar de resolução, e encobrendo-se atrás de um aparador, dispôs-se a escutar o que diziam as duas.

— Mas, meu pensamento, perguntava nesse instante a vizinha, isso é sempre assim?...

— Sempre assim de três dias a esta parte!... foi há três dias a primeira vez que o vi, e desde então tanto eu o amo, como minha mãe o mostra aborrecer.

— Amar há três dias?... pensou o ciumento do primo; há três dias viu ela Otávio no teatro?... mas como é que a mãe o detesta, e o manda convidar para o sarau?...

E prestou dobrada atenção.

— Mas por que tanto ódio, meu pensamento?...

— Porque diz que é indigno de mim, e que eu me não devo ocupar com êle: oh! isto já me aborrece!... talvez que em breve vá descansar.

— Sim!... estimarei bem.

— Sou capaz de, em menos de dois meses, estar casada com o meu primo Félix.




— E êle te há-de amar tanto!

— Por certo: morre por mim.

— Disseram-me que é excessivamente ciumento.

— Sim... sim... mas embora; ainda quando lhe não tivesse amor algum casar-me-ia com êle, só para ver-me livre do mau gênio da minha mãe; ora... só o ódio, que ela vota ao meu querido...

— A quem?... a teu primo?

— Não: quando eu digo — meu querido — deves adivinhar que não é a meu primo, que me refiro.

— Ah!... disse a vizinha de D. Rosa; porém, como ainda me não disseste o nome...

— E' que o seu nome não tem nada com o amor, que eu lhe tenho.

Félix começava a sentir-se cada vez mais curioso.

— Pois bem, continuou D. Rosa, como te eu dizia, minha mãe vota-lhe um ódio de morte: diz que por causa dêle, não coso, não bordo, e não estudo piano há três dias.

— Que injustiça!...

— E' verdade! então êle, que gosta tanto de me ouvir tocar! uma vez, quando levantei-me do piano, êle estava ao pé de mim, sem que eu saiba ainda como pôde entrar na sala; e sabes o que fez?... beijou-me a mão.

— Que amor! disse a amiga.

Félix já estava realmente incomodado.

— Al está! não diria isso minha mãe: não sei porque o detesta; ainda ontem, depois de ralar comigo, e de amaldiçoá-lo, perguntou-me afetando um sorriso irônico: "por que te não casas com êle?..."

— Que mau gênio de senhora!...

— Ainda mais, a todo o momento o chama desenxabido e feio.

— Outra injustiça, não é assim, meu pensamento?...



ieb

— Sem dúvida; e respondo chamando o teu testemunho: diz, meu pensamento, serão feios aqueles olhos vivos e travessos, será feio aquele rosto redondo e branco?... serão feios aqueles pés tão pequeninos, e feias aquelas mãos tão finas, e tão macias?... oh!... como deixar de amá-lo!...

— Bem se vê que tens toda a razão.

— Sim!... eu o amo... amo-o, e muito! será um capricho, uma loucura; mas não posso passar sem êle... eu dou-lhe os meus sorrisos de dia, e sonho com êle de noite!...

— Que paixão, meu pensamento!...

— E o mais é que eu entendo que tenho todo o direito de amar, a quem bem me parecer...

— Eu também sou da tua opinião, meu pensamento: a vontade do cidadão é livre.

— Pois não é assim?... não se fala tanto em direitos e garantias?... quanto a mim, o direito e a garantia da mulher é amar a quem lhe agradar.

— Apoiado! meu pensamento, apoiadissimo.

— Por consequência, minha mãe não me pode coagir a não amar o meu querido...

— Não, de certo; isso seria uma suspensão de garantias...

— E portanto hei-de amá-lo sempre, e cada vez mais...

— E farás muito bem.

— Quando vier tocar piano, deixarei a porta da sala aberta para que êle venha ouvir-mê... e beijar-me a mão...

— Isso... isso...

— Em todas as tardes, enquanto minha mãe dormir a sesta, êle e eu havemos de comer, no mesmo prato, do melhor doce, que tivermos em casa...

— Assim, assim, meu pensamento.

— E a-pesar-de minha mãe, hei de sempre achar meios de acariciá-lo, e de gozar suas ca-



rícias; ao levantar-me da cama... durante o dia... de noite mesmo procurarei vê-lo... mostrarei que o amo.

— Ora, aí está como deveríamos ser todas nós... fortes... decididas...

O infeliz primo Félix já se não podia sustentar... suave ciúme por todos os poros do seu corpo.

— Agora minha mãe, para affligir-me, diz que quer ver se quando eu me casar, e for dona de casa, ainda farei as mesmas meiguices, e me portarei do mesmo modo com êle.

— E tu que pensas?

— Penso que posso muito bem, depois de casada, amá-lo como agora; penso que terei tempo de me ocupar d'êle, sendo mesmo dona de casa; penso, enfim, que me será fácil conseguir que meu marido o ame também.

— Eu também julgo tudo isso muito possível, e natural.

— O meu querido!... o meu querido!... prosseguiu D. Rosa; ah!... mal podes conceber o susto que por causa d'êle passei ainda há pouco: eu te conto. Minha mãe mandou-me estudar a lição de piano: eu vim e apenas tinha tocado a introdução de uma peça, entrou êle pela porta da escada, que estava aberta, como agora e, segundo seu costume de três dias, veio encostar sua linda cabeça no meu colo, para ouvir-me tocar; mas cinco minutos não se haviam passado, quando senti os passos de minha mãe; ah!... não tive tempo senão de entrar na alcova, e de escondê-lo atrás das cortinas do leito... então êle, que é tão medroso!...

— E depois?

— E depois, minha mãe não me deixou mais; vim para a janela, para não fazê-la desconfiar, e se o meu querido ainda não fugiu, vou agora dar-lhe escápula.

E D. Rosa voltou-se para ir abrir a porta



ieb

da alcova, quando Félix ergueu-se, e mostrou-se pálido, trémulo, e desfigurado.

— Ouvi tudo!... balbuciou êle a custo.

— Senhor!... meu primol... exclamou a moça.

— Digo que eu estava ali, continuou o infeliz ciumento com voz rouca e sinistra, estava ali e ouvi tudo!... tudo...

— Que quer dizer?... perguntou D. Rosa, confusa.

— Quero dizer que se há uma mulher, que reúna em si quanta perfídia, quanta ingratidão, quanta astúcia... e vileza tem vomitado o inferno, essa mulher... é a senhora.

— Senhor!...

— E a prova, do que eu digo, está bem perto de nós... vai mostrar-se já; porque eu vou abrir a porta desta alcova, e o infame há-de aparecer para logo depois sair daqui... comigo.

D. Rosa soltou uma risada de escárneo.

— Escarneça!... escarneça!... mas o escárneo, que me está lançando! há-de ser lavado com o sangue do covarde!

E Félix dirigiu-se à porta da alcova.

— Um duelo?! exclamou D. Rosa com indizível expressão de ironia; um duelo?... nunca o acreditei tão intrépido.

— E será um duelo de morte!

— Vergonha a quem recuar! disse a moça.

— Não serei eu! bradou Félix enfurecido.

— Vergonha a quem recuar!... repetiu a moça abrindo em par as portas da alcova.

Félix avançou furioso para o leito...

Com as mãos trêmulas, correu as cortinas...

Olhou com olhos flamejantes de cólera...

Soltou uma gargalhada...

E entrou de novo na sala trazendo o seu rival nos braços.

O querido de D. Rosa era o seu cachorriño; o seu branco e felpudo dogue.



IX

NOITES DE VISITAS

Félix, com o dogue nos braços, alcançou para logo o perdão das parvoíces que havia dito a Rosa, que recebeu, apertou contra o peito, e beijou cem vezes o feliz e felpudo animalzinho, pelo que já o padecente primo começava a fazer uma quadrinha imitante de outras por êle lidas, e principiava a dizer assim:

Quem me dera ser cachorro,

Para...

Quando foi estagnada sua veia poética pela repentina chegada de Tomázia, que, ouvindo as risadas que há pouco tinham soado, vinha pedir a explicação delas, encontrando o dogue nos braços de sua filha, seu rosto tomou expressão de cólera; mas cedo riu-se também com a melhor vontade sabendo do qui-pro-quo de seu sobrinho, e em louvor de tal prometeu a Rosa fechar os olhos à sua paixão pelo cãozinho.

Félix, que já se achava mais a sangue frio, reparou então que alguma novidade devia haver na casa de sua tia: a sala estava cuidadosamente ornada; haviam flores frescas nos vasos, e velas ainda virgens nos castiçais; as duas senhoras mostravam-se vestidas no último apuro da mais afetada simplicidade.

— Então que quer dizer isto?... perguntou êle; minha tia, eu aposto que se esperavam visitas aqui!

— E ninguém será tão louco, que queira perder apostando contra ti, respondeu Tomázia, sentando-se com um cuidado admirável para não amarrotar o vestido.

— Mas quem são portanto as pessoas que se devem mostrar hoje?... eu quero saber, se me cumpre fugir ou ficar.

— Fica, fica, meu Félix, ao menos para me ajudares a sofrer com paciência as parvoíces



ieb

do Sr. Estanislau, de sua terrível metade, desenhada filha, e malcriado filho... eu bem me não quero meter com semelhante gente... são as amigas de meu marido.

— Porém, minha mãe, disse Rosa, em compensação meu primo apreciará a sociedade de D. Mafalda, que, sem dúvida, traz consigo a lindeza de sua sobrinha.

— Fico, minha prima, fico: ainda que seja só para ouvir D. Mafalda, e ver D. Inácia.

— Pois o que tem de bom ouvir-se D. Mafalda? perguntou Tomázia.

— Muito, tiazinha; ela sabe e conta a crônica dos mortos, dos vivos, e até dos que ainda estão para nascer.

— E o que tem de bom ver D. Inácia? inquiriu Rosa sorrindo-se de antemão.

— Misericórdia!... minha prima!

— Ora... estou vendo que o senhor não a queria...

— Oh!... se a queria! mas para ganhar minha vida, andando pelo mundo a mostrá-la como raridade; que carão, minha prima, que carão!...

— Quanto mais se ela não andasse de vestido tão comprido.

— E então por que?...

— Tem as pernas enormemente zambras, e um pé duas polegadas maior do que outro.

— Bravo! que belo achado!

— Mas que é isto, meu primo, que alegria é essa?...

— Um feliz achado; um amigo meu se ocupou em escrever os Mistérios do Rio de Janeiro, e vou oferecer-lhe em D. Inácia uma — Cambeta.

— Cala-te, língua má! disse por entre risadas de gosto Tomázia; cala-te, e esperemos todos pelas nossas visitas.

No entanto que estas cenas se passavam em casa de Venâncio, em duas outras casas estiveram desde as sete até às oito horas e meia da




noite demonstrando toda a sua paciência dos pobres homens, mártires da moda.

Porque, em verdade, não é um martírio; mas é a provação mais segura da paciência de um homem, o fazê-lo esperar por uma senhora gamenha, que se veste para sair: assim como no fogo se prova o ouro e prata, assim também nessa longa hora, em que o pai ou marido leva a bocejar, coçar a cabeça, passear pela sala, e consultar o relógio, fica-lhe provada a santa virtude da paciência, e, o que é mais, são-lhe de justiça descontados boa meia dúzia de seus pequenos pecados.

De ordinário as senhoras fazem voto de sair cedo de casa; pois que, principalmente entre as moças, não se conta uma só, que não beba os ares por uma noite de teatro, de visita às amigas, ou de passeio pela rua do Ouvidor; mas quando se vêem defronte do toucador (aqui para nós, um toucador é a cachaça das moças) esquecem-se das horas que passam, e de lá se não desgrudam, sem que os pais ou maridos gritem por elas cem vezes, de cansados de esperar que se acham.

Há no entanto duas cenas sobremaneira apreciáveis: aqui se vê um homem que, apertado dentro de sua casaca, e enforcado por sua gravata, passeia impaciente ao longo da sala; lá, uma, ou meia dúzia de moças, que, firmes ante o toucador, dão graças à natureza, pois não há nenhuma, que se não julgue bonita, e arregam e gritam com as escravas e criadas, para que as apertem até o ponto de sufocá-las.

Na sala, o pobre homem exclama de momento a momento: "andem, senhoras! venham meninas! pois ainda não estão prontas?..." do toucador responde uma delas: "já vamos, meu paizinho! estamos pondo os anéis" e ainda lhes falta todo o ânimo preciso para afastar-se de defronte do feiticeiro toucador... e ainda elas se ocupam em beliscar as orelhas para torná-las vermelhas, em morder os lábios para fazê-



ieb

los rubros, em preparar certo mover neles para fingir um sorriso, com que derrotem, quem o merecer, e ensaiar um quebrar de olhos, com que ponham em fino cascalho o coração mais de pedra, que lhes venha à mente conquistar.

Finalmente, depois que na sala muito se esperou e se gritou, sai a senhora do toucador, exclamando que não se pode aturar um homem rabujento, e as meninas confessando, em segredo, que seu paizinho, à medida que se vai fazendo mais velho, se está tornando mais impertinente. Ainda ao descer a escada, e mesmo da porta da rua, elas voltam ou mandam buscar o vidro de essência de rosas, a flor, o leque, o lençinho escolhido, e outras coisinhas, de que ordinariamente se esquecem para lembrar-se nesse lugar, o que não deixa de ter seu mérito — no grande tom —. Em resultado é sempre uma vitória de péso o vê-las em ordem de marcha. As senhoras negam estas observações; mas... respondam os mártires. Foi pouco mais ou menos isto mesmo o que se passou com o Sr. Estanislau, e com Brás-mimoso, que tinha sido convidado para acompanhar D. Mafalda.

Às oito horas e meia da noite chegaram as visitas com diferença de minutos uma da outra. Escusado é dizer que muito tempo gastaram as senhoras em dar-se muitos beijos, e em dizer-se mil coisinhas muito lisonjeiras, de que no interior elas mesmas se estavam rindo por havê-las dito.

Achavam-se pois presentes o Sr. Estanislau com sua mulher, filha e filho; o Sr. Brás-mimoso com D. Mafalda, e D. Inácia; e Venâncio, Tomázia, Rosa e Félix.

Manduca tinha ido a um teatrinho de bonecos; divertimento de que era muitíssimo apaixonado.

Depois de sentados na sala, a sessão começou, como era de esperar, pela apresentação da recém-nascida, que foi trazida e mostrada a



todos, passando pelo colo de todas as senhoras, recebendo um beijinho de cada uma delas.

— Dou-lhes os parabéns, Sra. D. Tomázia, disse D. Carlota, que assim se chamava a mulher de Estanislau; sua filha é um perfeito cupidinho.

— E que viveza, minha senhora!... quando me vê já estende os bracinhos e move com os lábios, como para dizer — mamãe —: olhe — ma — já ela chegou a dizer ontem à tarde!... é o meu encanto... ri-se, brinca... conhece a todos de casa... não chora de noite... enfim, não é por ser minha filha, mas eu nunca vi criança como esta.

— Isso é verdade... eu nunca vi criança como esta, disse automaticamente Venâncio.

— Com quem se parece, Sr. Estanislau?...

O Sr. Estanislau na verdade que quando a criança lhe fôra apresentada, havia dito — que lindo anjinho! — mas, aqui para nós, nem de leve lhe reparara nas feições; todavia ouvindo a pergunta de Tomázia, entendeu que deveria responder satisfatoriamente, e por isso disse sem hesitar:

— Ora, minha senhora... basta um rápido olhar para se reconhecer o retrato de V. S. no belo rosto daquele querubim!...

— Então, Venâncio, não te tenho eu dito que esta menina é o meu retrato?...

— Basta vê-la, Tomázia; eu penso do mesmo modo.

— Olhem... exclamou Tomázia... olhem como ela chupa o dedo! que graça! que encanto!... quer mamar, e não chora: uma outra criança já nos teria ensurdecido com seus vagidos; leva-a, rapariga, leva-a com cuidado, e dá-lhe de mamar; por esta vez...

— As crianças dêste tempo, disse D. Mafalda, são todas vivas e maliciosas logo que nascem: desde que se proclamou a constituição não se vê mais criança tôla.



ieb

—Tomara eu que chegasse o dia do batizado!...

— Por falar no batizado; já sei que deve-se achar em trabalhos com o seu baile.

— O certo é que me tenho visto doida com pedidos de convites.

— A propósito, minha tia, disse Félix; devo dar-lhe conta de minha comissão.

— De que comissão me falas, sobrinho?

— Do convite que me obriguei a oferecer ao Sr. Hugo de Mendonça...

— O Sr. Hugo de Mendonça?... disse Estanislau: é o homem, de quem te falei, minha Carlota.

— O homem que tem uma filha, que se diz ser bonita?...

— Esse mesmo.

— O pai da jovem, a quem chamam romântica?... perguntou D. Rita, filha de Estanislau.

— Exatamente, respondeu Félix.

— Mas que tem ela para se chamar romântica?... tornou Carlota.

— Eu não sei: ainda não a vi.

— Eu já tive a honra inapreciável de vê-la, disse com ar meio irônico a sobrinha de D. Mafalda.

— E então?...

— E então?...

— Pinte-nos êsse belo anjinho.

Todos se voltaram para D. Inácia, e fizeram voto de lhe prestar a maior atenção. Brás-mimoso era, porém, da roda o que se via mais atrapalhado: o filho de Estanislau, menino de sete anos, o rapazinho mais espirituoso do Rio de Janeiro, como supunha Carlota, o não deixava parar; empregava todo o seu espírito em incomodar o pobre homem; havia principalmente implicado com a corrente do relógio, e com os belos cachos da postiça cabeleira de Brás-mimoso.



— Espere, nhonhô... Sr. Juca... espere, disse êle.

— Aquieta-te, Juca... olha que eu te prendo em uma cadeira, acudiu Estanislau.

— Estanislau, deixa a criança, exclamou Carlota; tu sabes como o Sr. Brás ama ao nosso Juca... aposto eu que-êlé está gostando... Juca é tão engraçado...

— Sem dúvida, tornou Brás-mimoso meio desapontado, eu gosto muito dêle... venha, Sr. Juca... sente-se aqui no meu colo.

O Juca não esperou segundo convite: sentou-se no colo de Brás-mimoso que, para vingar-se do menino, que com as mãos lhe torcia a corrente do relógio e com os botins lhe esfregava as calças, deu-lhe um comprido beijo na face, fitando os olhos em D. Rita.

— Mas, meus encantos, disse Rosa a D. Inácia, a romântica, a romântica?...

— A romântica... é... uma moça.

— Até aí sabemos nós; falta o essencial: principiemos pela idade; quantos anos tem?...

— Não lhe vi ainda a certidão de batismo: a tal respeito não será bom fiarmo-nos no que ela disser.

— E' bonita?...

— Isso é conforme... para mim todas são bonitas.

— Ora...

— Ora, não; se quiserem, o que eu posso fazer é dar os principios, e depois podem as senhoras tirar a consequência.

— Pois comece, meus encantos; não vê a nossa ansiedade?...

— Começarei pelos cabelos... são negros... negros de meter medo!...

— Lisos, ou crespos?...

— Não se conhece bem... parecem crespos, mas assim uns crespos a custo de muito trabalho...

— Curtos?...



ieb

— Não serão curtos; mas logo se adivinha, que ela há-de vir a ser calva.

— Oh!... exclamaram todas as senhoras a um tempo, isso é horrível!...

— A testa, continuou D. Inácia, é alta; mas sem nobreza...

— Antes fosse baixa... isso é já um defeito, acudiu D. Rita; uma testa alta sem nobreza... vejam só como há-de ser.

— Os olhos?...

— Os olhos... na verdade que são grandes e pretos; mas ao mesmo tempo são amortecidos... requebrados...

— Santa Bárbara! gritou D. Carlota, olhos requebrados são coisas muito indecentes... antes ser cega...

— O nariz... não pequeno... é afilado... a falar seriamente, eu não julgo o nariz dela bem feito.

— Eu faço idéia, disse D. Rosa, dando uma risada.

— Os lábios são rubros... quando ela os morde... é um hábito, que ela tem desde criança.

— Olhem que tal!... assim todos têm lábios bonitos.

— Os dentes muito brancos... ora este excesso...

— E' um sinal de tísica pulmonar complicada com tubérculos pulmonares, acudiu Tomázia.

— O queixo... eu não me lembro bem, se ela tem queixo.

As senhoras desataram a rir.

— A tez é branca, muito branca... não é amarela; mas também ela não tem a palidez da moda... a palidez romântica...

— E' uma côr sem alma.

— Isso mesmo, minha mãe: o colo não é lá essas coisas... os braços podiam ser mais bem feitos... as mãos um pouco mais bran-



cas... os dedos... os dedos tão finos, que causam pena...

— Adiante, adiante meus encantos.

— Que direi mais... meus encantos, você bem sabe que o corpo se arranja muito bem com algodão, saias, e vestidos, de modo que só parece malfeita, quem quer assim parecer.

— Por consequência?... perguntou Félix rindo-se.

— Há-de ser calva, disse uma.

— Tem olhos indecentes, disse outra.

— Não é bonita.

— E' feia.

— E' horrível.

— Não, não, tornou D. Inácia, ela não é lá essas coisas, que querem dizer; mas também não consinto que a julguem horrível!... olhem, eu simpatizei muito com ela; talvez seja suspeita por isso; pois quem simpatiza com uma moça, sempre a julga melhor, do que na verdade é.

— Pois bem, disse Rosa, nós a veremos em poucos dias; porque não creio que seu pai rejeitasse o convite, que lhe levou meu primo.

— Ah! acudiu Tomázia; é verdade, Félix, vamos ao resultado da tua comissão.

— Foi uma batalha, minha tia.

— Como?...

— E' o caso, que a mãe do Sr. Hugo de Mendonça detesta os bailes tanto como qualquer outro progresso nacional, e por consequência opôs-se furiosamente à aceitação do convite.

— Então tem o atrevimento de rejeitar?...

— Ela por certo que não virá ao sarau de minha tia.

— Também não se precisa de semelhante original; e o Sr. Hugo?...

— Finalmente, aceitou o convite, depois de uma discussão de duas horas, em que a Sra. D. Ema de Mendonça saiu fora da ordem mais de cem vezes.



ieb

Um grito de Brás-mimoso interrompeu a Félix. Todos olharam: o mais extravagante successo tinha acontecido ao infeliz gamenho; o Juca, que não lhe havia deixado mais o colo, e que tinha passado o divertimento de suas mãos da corrente do relógio exclusivamente para os cabelos emprestados de Brás-mimoso, em um dos arrancos, que lhes deu, atirou com a cabeleira ao meio da sala, de modo que a linda calva de Brás-mimoso ficou patente aos olhos de toda a sociedade.

Seguiu-se um momento de contração de risadas.

Um outro de hilaridade prolongada.

Enfim, Estanislau passou a repreender o Juca; quando, porém, se dispunha a pô-lo de penitência em uma cadeira, Carlota chamou para junto de si o filho, e deu-lhe três beijos seguidos, como mãe muito boa, e extremosa que era.

Enquanto Brás-mimoso concertava a cabeleira, chegou o chá.

Depois do chá, D. Inácia cantou uma modinha. — D. Rita — um romance — e Brás-mimoso — um lundú.

As onze horas as senhoras levantaram-se para retirar-se, às onze horas e meia chegaram ao tópo da escada, e alguns minutos depois da meia-noite desceram a escada, voltando ainda D. Rita da porta da rua para dar um beijo na filhinha de Tomázia.

Na primeira esquina as duas famílias deviam separar-se. Al conversaram ainda boa meia hora; entre muitas outras coisas, disse D. Carlota:

— Aquela D. Tomázia é a velha mais tola e vaidosa, que conheço.

— E' uma amizade, que a gente entretém para não dar que falar, disse D. Mafalda: quanto ao mais, direi que só o pobre do Venâncio podia aturar semelhante bicho.

— E a tonta da filha?... exclamou D. Rita.

— E' uma víbora, acudiu D. Inácia; é o retrato da mãe.




— Leva de má lingua, disse Estanislau; vamos, que é quase uma hora.

Separadas que foram as duas famílias, cada qual conversou, como pôde.

— Estanislau, disse D. Carlota, que peça importante é esta D. Mafalda! que lingua venenosa que tem!

— Meu paizinho, e a filha deia?... é a moça mais estúpida com quem tenho conversado.

— Oh! Sr. Brás, dizia na outra rua D. Mafalda, já viu mulher como aquela D. Carlota?... enfim, tem os mesmos costumes da avó, e da mãe, que por minha desgraça conheci: é uma família de mexeriqueiros.

— E D. Rita, mamãe?... dizia também D. Inácia, que desenxabida maitaca!... que cavell! não se cala um instante.

— E o Juca, minhas senhoras, respondia Brás-mimoso, que menino malcriado!

Chegando à porta da casa, Brás-mimoso despediu-se das senhoras. Apenas havia voltado as costas:

— De que empada nos fizemos acompanhar, Inácia!... disse D. Mafalda.

E Brás-mimoso ia pela rua, dizendo consigo:

— Oh! que duas pamonhas aturei eu esta noite!

Em casa de Venâncio, Tomázia havia exclamado apenas as visitas saíram:

— Que duas velhas tão detestáveis!...

E Rosa tinha dito:

— Que duas moças tão impertinentes e feias!

E Venâncio exclamara coçando a cabeça:

— Que maçada!



ieb

X

O CABELEIREIRO

Tinham soado quatro horas da tarde do dia em que devia ter lugar o sarau de Tomázia. No gabinete de vestir de Honorina achavam-se duas pessoas: ela, que esperava pelo cabeleireiro que tinha de toucá-la, e Lúcia, que no entretanto a distraía conversando.

A mãe Lúcia, como Honorina a chamava, era uma mulher de mais de quarenta anos, alta, gorda, cheia de saúde e vivacidade; havia nascido longe da côrte, e perto de uma das fazendas do pai de Hugo, por quem fôra convidada para servir de ama de leite ao pequeno Lauro de Mendonça. Lúcia, que nada tinha de seu, e aos vinte anos de idade, que então fazia, acabava de perder, quase ao mesmo tempo, o marido, que amparava, e uma filhinha de três meses, que ternamente amava, aceitou sem hesitar o convite; prudente, sossegada, e carinhosa, amamentou com tanto amor, tantos desvelos o pequeno Lauro, que mereceu e teve a gratidão e amizade da família dêle. Graças à solicitude de Raul de Mendonça (pai de Hugo) casou-se Lúcia, pela segunda vez, e dando à luz um menino exatamente na mesma época, em que nasceu Honorina, soube com esta repartir o leite de seu filho: mas roubando-lhe a morte também estes, concentrou todos os seus cuidados e amor na menina, que a seus seios confiaram. Alguns anos depois, ficou de novo viúva, e só no mundo; e então a família — Mendonça — a recebeu para sempre em sua casa.

Tanta amizade, tanta confiança merecia essa mulher de toda a família, que a muitos pareceria uma parenta dos Mendonças: sua voz é naquela casa atendida, seus desejos estudados, e sempre satisfeitos; ainda na véspera do dia, em que se passa êste capítulo, uma simples insinuação de Lúcia bastou para que Hugo



mandasse admitir entre os caixeiros de seu armazém um menino, a quem nunca tinha visto, mas que a ama de sua filha apresentou, como seu sobrinho.

Tendo dado uma sucinta idéa da mãe Lúcia, iremos agora acompanhar com ela a linda moça, que espera pelo cabeleireiro.

— Mas tu vês, mãe Lúcia, disse Honorina, que assim tenho por força de aparecer no sarau mal vestida, e mal toucada, de modo que todos se hão-de rir de mim.

— Oh! não tenha medo disso, Sra. D. Honorina; com os olhos e rosto que tem, poderá causar inveja, mas não riso.

— Ora, mãe Lúcia!

— Além de que ainda temos tempo de sobra para tudo aquilo: às cinco horas chega o cabeleireiro, às seis estará penteada, às sete vestida, e em uma hora poderá chegar à côrte.

— Porém, sempre foi bem má lembrança de minha avó o exigir que eu me preparasse e vestisse para o sarau aqui, em vez de o ir fazer na Côrte, mesmo em casa de Raquel.

— O que quer?... a nossa boa velha tem suas idéias, mais ou menos extravagantes: não ouviu o que ela disse?... — fora de mim carregar-te-ão com essas modas e enfeites indecentes, de que terás vergonha de ti própria!... A Sra. D. Ema está exatamente no ponto em que estava há cinqüenta anos atrás.

— E' verdade, mãe Lúcia, e o ódio que ela vota a meu primo?... é um ódio tão elevado, como só o é também o amor que lhe tens!

— Pois então, menina?... êle, como a senhora, beberam o leite de meu peito, disse Lúcia, enxugando uma lágrima; e não é justo que se ame, como a filhos, as crianças que mamam o nosso leite?...

— Obrigado, mãe Lúcia, obrigado! também pela minha parte eu te amo tanto, como meu primo.

— Oh! o Sr. Lauro me amava muito!...



ieb

- E eu, mãe Lúcia, e eu?
 — Também, também! mas o Sr. Lauro...
 — Sim... é porque tu o amas muito mais do que a mim, disse a moça tristemente.
 — Não, Sra. D. Honorina; mas é porque se deve mais ternura aos que estão ausentes: a senhora lembra-se d'êles?
 — Eu era tão pequena, quando êle partiu...
 — E que amor, que êle lhe tinha, menina!.. parecia seu irmão!

Nesse momento uma escrava apareceu, e anunciou a chegada do cabeleireiro.

— Ah!... que entrel... exclamou Honorina desabafando um suspiro, e arranjando-se para logo defronte do toucador.

O cabeleireiro entrou; era um moço alto, vestido à — fantasia —, isto é, trazia uma coisa que ficava entre casaca e sobrecasaca de côr verde, enfiada e segura pelos braços; a gravata era amarela, o colête vermelho com botões de metal doirado, as calças roxas, e calçava botinas de duraque de côr questionável com ponteira envenizada; quanto ao seu parecer, o cabeleireiro tinha os cabelos excessivamente ruivos, trazia óculos, e seu rosto era tão rubro, que parecia usar de carmim.

Depois de cumprimentar as senhoras com respeitoso movimento de cabeça, colocou-se em posição de começar o seu trabalho.

— Faço mal conversar, enquanto me penteio?... perguntou a moça.

O cabelereiro fez um movimento que parecia querer dizer — não: — depois desatou a fita, que prendia os cabelo de Honorina, e as bastas e aneladas madeixas da moça caíram como uma nuvem negra até o chão. Honorina tinha as costas voltadas para o cobeleireiro; Lúcia olhava com prazer inefável para os cabelos da querida filha de seu leite, e por isso nenhuma das duas viu através dos vidros dos óculos do mancebo o fogo que de seus olhos lançava,

ieb



como querendo devorar êles tão precioso tesouro.

— Pois que não faz mal conversar enquanto me penteio, disse Honorina, podemos continuar, mãe Lúcia.

— Pois sim, Sra. D. Honorina, eu lhe dizia que o Sr. Lauro a amava muito, e lhe perguntava se se lembrava d'êle.

— E eu te dizia que não, mãe Lúcia, isto é, de sua figura me não lembro nada, mas de sua amizade, sim, conservo ainda bem agradáveis recordações!

— E' possível?...

— Mas não é bem verdade que nós nos lembramos sempre docemente do que conosco se passou no tempo de nossa infância?...

— Certamente.

— E portanto, é por isso que eu me recordo de muitas coisas passadas então comigo, com minha mãe, contigo, mãe Lúcia, com minhas camaradas, e com meu primo.

— Também com êle?... ora...

— Então, duvidas de mim, mãe Lúcia?... pois eu podia provar-te já, que é verdade o que digo... eu me lembro de mil pequeninos episódios...

— Passados com o Sr. Lauro?...

— Sim... também com êle: olha... sim, por exemplo... a boneca côr de rosa...

— E então?... a boneca côr de rosa?...

— Eu te conto. Não que idade deveria eu ter — ai... senhor, não me puxe assim os cabelos!... — mas, eu era bem pequenina, bem travessa, e segundo o que diziam, bem engracada; falava como um papagaio; ora, tu, mãe Lúcia, para me fazeres adormecer, costumavas embalar-me, cantando uma balada, ou o que quer que seja, uma cantiga enfim; tão fácil era a música, e tantas vezes a havias cantado embalando-me, que eu já a tinha de cor, e a cantava também com minha graça infantil; riam-se tanto de me ouvir cantar, que me faziam



repetir vinte vezes por dia a tal cantiga; meu primo era insaciável: a-pesar-de meu gênio condescendente, um dia já de tão cansada que estava, teimei, e não quis cantar para ele ouvir. Ele fingiu-se enfadado... chamou-me de feia... tola... e disse-me que já tinha outra prima mais bonita do que eu, e que no dia seguinte lhe compraria uma boneca; ora, eu era louca por bonecas... — Mas o senhor o que faz?... está parado... não me penteia... há mais de meia hora que tenho os cabelos soltos!... Mãe Lúcia, faça que ele me penteie.

Com efeito o cabeleireiro estava em elevada contemplação: o colo de alabastro de Honorina, todo nu e alvejando debaixo de seus olhos, lhe havia feito esquecer o pente e o dever de seu ministério: já mesmo tinha levantado os óculos sobre a fronte, e com vistas ardentes atentava as perfeições do colo da moça. Ouvindo a observação que lhe era dirigida, êle, sempre em teimosa mudez, não pronunciou uma só palavra, e continuou o trabalho que havia, talvez, sem querer, interrompido.

— Ande, senhor, disse Lúcia; avie-se depressa: Sra. D. Honorina, continue a sua história.

— No outro dia, às horas de jantar, meu primo appareceu trazendo uma linda boneca de vestido côr de rosa: apenas a vi, lembrei-me da ceia passada; mas sentida do que êle fazia e que eu julguei um insulto, despeitada e talvez um pouco ciumenta, olhei para a boneca e não lha pedi.

— Então, Honorina, disse-me minha mãe, não é tua aquela boneca?

— Não, minha mãe, respondi eu, é da prima bonita dêle.

Sem querer, meus olhos se encheram de lágrimas; mas meu primo Lauro fingiu que me não via chorar. Acabado o jantar, Lauro disse que ia guardar a boneca para levá-la de noite à sua prima, e entrou para o seu quarto: de-



pois safu... e desapareceu. Eu me sentia ansiosa por conseguir tão linda boneca; meus olhos não se podiam arrancar da porta do quarto de meu primo; minha mãe, que estava lendo no meu coração, disse:

— Honorina, vai furtar a boneca da prima bonita de Lauro.

Eu achei tão justo e agradável o conselho de minha mãe, que entrei correndo no quarto de meu primo.

Havia no fundo do quarto uma espécie de altar: Lauro tinha feito da colcha de sua cama uma cortina, que caía até abaixo, tapando a frente de uma mesa, no fundo da qual eu vi a boneca.

Muito pequena para chegar até ela, eu arrastei uma cadeira, trepei-me, e fui pegar na boneca; mas quando minha mão estava quase tocando-a, ela ergueu-se acima de minha mão... levantei esta... a boneca abaixou-se... abaixei a mão... ela fugiu para um lado... persegui-a ali, e ela escapou-se para outro!!... espantada... supondo-me só no quarto... eu recuei... dei um grito, e corri para onde estava minha mãe... — ora... ora... isto é demais!... mãe Lúcia, este homem está beijando os meus cabelos!

— Senhor!... exclamou Lúcia erguendo-se.

O cabeleireiro não fez o menor movimento: tinha com efeito beijado duas ou três vezes alguns anéis das belas madeixas de Honorina; mas conhecendo que ela se ofendia com isso, continuou a penteá-la sempre, sem dizer palavra.

— Porém, mãe Lúcia, não é isto ousadia demais?...

— Provavelmente êle não quis ofendê-la com tal ação: se a senhora visse como o rosto do pobre homem está exprimindo dor tão pungente...

— Está bem, mãe Lúcia, não lhe digamos nada: coitado! é um estrangeiro, que ignora os nossos costumes. Eu creio que êle não sabe



ieb

uma palavra do português: ainda não disse nada.

— Eu também penso do mesmo modo, disse Lúcia, mas vamos à conclusão da história.

— Sim, continuou Honorina; eu corri para minha mãe, e lhe contei assustada o que acabava de acontecer-me, assegurando que a boneca era encantada: minha mãe, contrafazendo-se para não rir, disse-me que sabia um segredo para destruir o encanto da boneca, e depois de me ouvir instar muito para que mo dissesse, depois de me ver beijá-la, e abraçá-la mil vezes, ensinou-me que fosse outra vez ao quarto, e que, subindo na cadeira, cantasse defronte da boneca a minha cantiga: eu olhei para minha mãe, como quem duvidava; mas tanto ela insistiu e me assegurou que com isso seria destruído o encanto, tantas vezes me repetiu as mesmas palavras, que acabei por acreditar e entrei de novo, posto que menos apressada, no quarto de meu primo.

— E então?...

— Entre a dúvida e a esperança eu coloquei-me defronte da boneca, e comecei a cantar tremendo...

E eu vi a boneca fazer um movimento para mim...

Quase que soltei um grito... pouco depois já mais animada continuei... cantei o segundo verso...

E a boneca aproximou-se algumas polegadas do meu lado...

O meu espanto só podia ser igualado pelo meu prazer: a-pesar-da comoção que sentia, cantei ainda... cantei sempre.. cantei até o fim...

E a boneca veio ainda se chegando... sempre mais... sempre mais... até que ao terminar minha cantiga, estendi os braços, e prendi-a entre minhas mãos. Então eu pude ver que alguns arames sustinham a boneca em pé, e que diversos cordões, que se perdiam por bai-



xo da mesa tinham servido, não sei como, para fazê-la mover-se em diferentes sentidos: desatêi êsses cordões, livreí a minha boneca dos arames, e abraçada com ela ia saltar da cadeira, quando caí nos braços de meu primo, que me cobriu de beijos... oh! mãe Lúcia! todo aquele encanto de arames e cordões, era êle que tinha ideado... êle não tinha prima bonita... a boneca fóra comprada de propósito para mim.

— E depois?...

— Nós fizemos as pazes, e eu lhe cantava todos os dias a minha cantiga... Ah!... oh!... mãe Lúcia, êste homem me cortou uma porção de cabelos!...

— Senhor! exclamou Lúcia.

— Senhor! disse a moça fazendo-se côr de nácar, saiba que eu amo muito meus cabelos para consentir que êles sejam assim cortados contra minha vontade!... Mãe Lúcia, onde está meu pai?...

— Ainda não veio, senhora.

— Pois devo eu estar sofrendo as loucuras dêste homem?... eu juro que êle não é cabeleireiro... ainda tenho os cabelos soltos!... oh!... será possível que Raquel me mandasse cá semelhante homem para me pentear!...

O cabeleireiro, sempre silencioso, e parecendo não compreender coisa alguma do que a moça estava dizendo, depois de guardar furtivamente no bôlso de sua casaca ou sobrecasaca um belo anel de madeixa, ia continuar, quando Honorina se levantou: a moça estava rubra de despeito.

— Senhor, quero saber se me quer pentear ou não?... se quer, já o podia ter feito, se o não sabe fazer, deixe-nos.

Nada mais encantador do que a figura graciosa de Honorina: com uma mão pousada sobre o encosto da cadeira, em que estivera assentada, com os seus cabelos caídos até à altura dos joelhos, com as faces fortemente enrubecidas, ela encarava com olhos de despeito o



ieb

homem que se atrevera a cortar-lhe um anel de suas belas madeixas.

O insolente cabeleireiro a princípio pareceu comovido por tantos encantos; depois, sempre sem dizer palavra, tomou o chapéu, cortejou as duas senhoras, e foi saindo sem cerimônia alguma, e sem mesmo cuidar em apanhar um papel, que do seio lhe caiu.

— Então êle se vai, mãe Lucia?...

— Parece que sim...

— Será crível!... que homem é êste?...

— Olhe, Sra. D. Honorina, êle deixou cair um papel... vejamos.

— Dá-mo.

— Ei-lo.

Honorina abriu o papel e soltou um grito.

— Que é isto?... perguntou Lúcia.

— E' êle, mãe Lúcia, é êle!...

— Êle quem?... êle quem?... diga!...

— O desconhecido, que jurou amar-me!... o desconhecido, de quem te falei!...

— Meu Deus!... e o que diz êle?...

— Ouve, respondeu Honorina, lendo o que estava escrito naquele papel. "Honorina!... perdooa, se te roubo um anel de madeixas; mas eu te amo! eu te amo com êsse amor de poeta, com êsse amor de fogo, que ainda quando acaba na desgraça, e na morte, contanto que seja sempre o mesmo amor, é por fôrça bem bello!..."

— Oh!... mas isto é já uma loucura!... balbucion Honorina.

— E' admirável!... porém aquele que se esconde no mistério é um homem de quem se deve fugir.

— Sim, mãe Lúcia, disse automaticamente a moça, é um homem de quem se deve fugir.

E deixando-se insensivelmente sentar na cadeira, Honorina pareceu entregar-se à mais profunda meditação.

Era de ver-se essa jovem tão bela e tão interessante caída nessa posição desleixada, e tão



fechada consigo mesma no íntimo de seus ocultos pensamentos; pálida, como a sombra da mais linda virgem refletida em água de fonte sossegada; com as mãos esquecidas sobre o colo; com seus cabelos espalhados, e soltos negligentemente; com seus belos olhos desmaiados em doce quebrantamento; e em todo o seu semblante com traços ligeiros dessa melancolia inefável, que tanto pode nos corações!

Lúcia olhava em silêncio para Honorina... parecia querer adivinhar seus pensamentos na expressão de seu rosto... hebe-los no ar que ela, respirando, deixava sair embalsamado por entre seus lábios cor-de-rosa.

No fim de um quarto de hora a moça levantou a cabeça, e com as mãos afastou para trás das orelhas as aneladas madeixas, que lhe brincavam nas faces; estava então perigosamente fascinadora! era já absolutamente outra!... via-se sua fronte umedejada por leve suor, em seus olhos brilhava fogo celeste... suas faces mostravam-se brandamente coradas... suas narinas um pouco dilatadas... e pelos lábios entreabertos escapava-lhe respiração difícil e quase suspirante, que lhe agitava o seio; como se se sujeitasse a repetidos choques elétricos, de momento a momento estremecia; depois de alguns instantes mais, ela passou a mão pela testa, e erguendo-se desassossegada:

— O sarau!... exclamou, o sarau!... que se me penteie... que se me vista depressa!... eu preciso sair... eu quero respirar o ar livre... e depois esquecer-me do mundo e de mim mesma na embriaguez de uma noite de prazeres ruídosos!... Mãe Lúcia, a minha cabeça me está ardendo! eu tenho nela alguma coisa, que me queima... que me devora... que pode enlouquecer-me de um instante para outro!

— Menina!

— Que me penteiem!... que me vistam depressa!



ieb

— Então será preciso mandar vir um outro cabeleireiro.

— Oh! quanto tempo perdido! mas é impossível que fosse Raquel, quem me mandasse aquele homem!... é impossível que se ela tenha ligado com êle para conspirar contra o meu sossêgo!...

— Um cabeleireiro, que vem da parte da Sra. Raquel; disse uma escrava, aparecendo na porta do gabinete.

— Que entre! exclamou a moça: mãe Lúcia... não foi portanto Raquel quem o mandou cá!...

O cabeleireiro entrou: a moça estava perfeitamente toucada uma hora depois.

No entanto o primeiro cabeleireiro, que havia estado com Honorina, pouco depois de ter saído da casa dela, buscou apressadamente o ponto da praia onde em Niterói se encontram as faluas: aí, cercado e perseguido pelos patrões e remadores que à porfia lhe ofereciam seus batéis, o mancebo livrou-se dêles empurrando-os rudemente para os lados, e saltando dentro da primeira falua que viu, gritou:

— Para a Córte! velas ao vento, remos ao mar! e uma boa molhadura, se curta for a viagem!

Meia hora depois o mancebo desembarcava no cais da — rua Fresca —, devendo apenas notar-se que, com a pressa com que saltou fora do batel, desarranjou-se-lhe a cabeleira ruiva que trazia, e êle, para não demorar-se consentando-a, arrancou-a, e guardou-a no bôlo da casaca.

XI

O SARAU DE TOMÁZIA

Este mundo é um grande campo, esta vida uma longa batalha, mercê de quem, todos se combatem, embora a cada espécie e ainda a

ieib



cada sexo caiba seu gênero de peleja particular, assim como a cada classe sua estratégia peculiar. Os homens, que têm para si tomado o que há de mais grave, e talvez de mais difícil na ordem da sociedade, se dão batalha por diversos modos: e pois o político se bate no parlamento, e nas ante-salas de palácio; o diplomata nos brilhantes salões; o literato no prelo; os artistas nas exposições, etc. As senhoras não podiam deixar de ter no mundo o seu campo de guerra; elas o têm: o mote de todas é um só — quero agradar —, e o triunfo de uma significa a derrota de todas as outras.

Elas pelejam mostrando-se. No teatro elas pelejam, mas no teatro só são vistas por metade: no passeio elas pelejam, mas no passeio só de relance se mostram: seu grande campo é pois a noite de sarau. Então desde a flor do cabelo até o bico do sapato tudo se ostenta. Então se luta; luta-se uma noite inteira espírito contra espírito, gracejo contra gracejo, ironia contra ironia; então se opõe sêda a sêda, jóia a jóia, brilhantismo a brilhantismo; então se dança e se canta, se olha e se sorri, se fala e suspira com estudo, com arte e intenção. Uma flor vale all uma espada, uma amiga serve às vezes de escudo, um leque pode falar de longe, um lenço branco vale mais que tudo isso.

E a batalha é geral: não há camarada, nem parenta, que não possa ser uma rival, às vezes é uma prima, uma irmã mesma a inimiga, a quem se hostiliza, a quem se não dá tréguas, a quem se faz opposição na sala e se persegue até no toilette.

E o triunfo!... o triunfo está na imaginação: ao entrar no carro, ao apoiar-se dela em casa, ao despír seus atavios, que foram suas armas, ao deitar-se no leito de repouso, a moça suspira fatigada, e diz — agradei —! Eis sua vitória.

Pois uma dessas interessantes batalhas, em



ieb

que damas são lidadores, e armas os encantos delas, se dava com vigor em casa de Venâncio.

Conceba-se agora uma espaçosa saia em que se deve dançar, uma outra mais curta onde se joga, um gabinete onde se há-de tocar, uma escada gostosamente iluminada pela qual sobem as senhoras para o toilette, uma sala que devera ser a de jantar, e que ora nela se servem os refrescos, e enfim ao lado dela um agradável terrado cujos parapeitos estão cobertos de lindos vasos de flores, das quais se pode gozar o aroma sentido em bancos crivados de conchinhas brancas; e ter-se-á feito uma justa idéia da casa de Venâncio.

Conceba-se mais todo o belo ruído, toda a sublime desordem do começo de um sarau; as senhoras que chegam; os beijos que estalam lábio a lábio entre as camaradas, que se encontram, o murmúrio das que criticam; os planos que se forjam nas rodas de moças; as quadri-lhas, que se engajam; as lisonjas que se dizem; as desculpas que se oferecem; e sobretudo os parabens que recebe a Sra D. Tomázia; e ter-se-á feito também justa idéia do que aí se passava pouco antes de começar o sarau.

Nesse tão forte ostentar de agrados e louçainhas, e entre as que mais se extremavam, via-se a madrinha da filha de Tomázia, D. Lucrécia, jovem viúva de vinte anos, orgulhosa de suas faces côr de rosa, de seu rosto fresco e bello, do interêsse que lhe dava seu estado de viúvez tão prematura, e que, cõncia de tais atrativos, ainda mais se deixava adormecer, sem cuidados do futuro, no seio da segurança e da felicidade que lhe prometiam seus avultados teres.

Tomázia não cabia em si de contente: haviam umas poucas de razões por que se julgava venturosa. Antes de tudo ela conhecia que jamais enganara com mais habilidade a si própria: com effeito, nunca tingira melhor seus cabelos brancos, nem até então lhe havia Mme.



Gudin cortado com mais feliz mão um vestido de sêda; depois, Tomázia não deixava de ser mãe e via com orgulho sua querida filha, que, como toda moça que tendo dezesseis anos não é feia, e mostra-se espertinha, brilhava aos olhos da sociedade. Sem dúvida Rosa fazia-se acompanhar em seus menores movimentos de boas dúzias de olhos masculinos, como conquistador, que em triunfo arrasta após si vencidos algemados, tão galantina, tão faceira e (digamos em francês para mais agradar) tão coquette, que estava.

Finalmente Tomázia se dava alegremente parabens pelo gosto e brilhantismo de sua festa: fosse como fosse, Venâncio arranjou-se o melhor que pôde; o dinheiro havia aparecido, e Brás-mimoso, que tinha dedo para negócios tais, forjara e estava executando um plano de sarau tão bem concebido, determinado, e pôsto em prática, que nada deixava a desejar.

A casa já se achava cheia de convidados, e todos os momentos vinham chegando novos. Entre os jovens mais elegantes, primava Otávio. Tomázia o tinha recebido com a maior afabilidade, e Rosa com engraçado sorrir, pôsto que ambas já não contavam com êle: Félix as tinha precedentemente desanimado com a relação da amorosa inteligência, que se dava entre êle e D. Lucrécia; e também Otávio, que tanto olhara para Rosa no teatro, que a fóra esperar à saída, e que até tomara nota da rua onde ela morava, nem uma só vez viera passar por defronte das janelas da moça, e nem mais se lembrara de seu lindo rosto moreno.

À vista de semelhante procedimento, Rosa tinha riscado o nome de Otávio da lista de seus adoradores, e olhava-o quase com indiferença, quase que com os mesmos olhos com que observava a multidão de moças, que vinham entrando e espalhando-se pelas salas.

As oito horas e um quarto da noite, pouco mais ou menos, ouviu-se na sala um sussurro



ieb

geral... os homens precipitaram-se para ver uma pessoa, que entrava, as senhoras moveram-se todos... umas sorriram-se, outras estenderam os pescoços... foi enfim um movimento de curiosidade geralmente demonstrado por toda a assembléa.

Era Honorina, que entrava.

A curiosidade que tinha sido igual tanto nos homens como nas senhoras, nascia, porém, de um desejo absolutamente contrário: as senhoras desejavam dizer — é falso — e os homens — é verdade —.

Não é uma ficção de romance. Uma moça, que dizem ser formosa, e que chega a qualquer cidade, é pedida e desejada pelos olhos de todos; todos a querem ver, e no coração de todos se prepara um sentimento para ela, que antes da primeira vista é apenas interrogativo. No coração das moças se pergunta: "será uma rival perigosa"... No coração dos moços se diz ao contrário: "será um encanto poderoso"?...

E pois Honorina estava nesse caso. Fôra, é certo, nascida e educada na Córte, mas longe dos olhos da multidão, abrigada à sombra do amor, e escondida debaixo do véu dos prejuízos de uma família, que, arraigada a graves usanças, se espantava e corava diante da civilização galanteadora da — furta-côr França —. Enfim, conquistada pelo gôsto da época, ela entrava pela primeira vez em uma dessas salas de prazer ardente, onde parece que se quer com olhos de fogo devorar a beleza, que chega.

Honorina entrou ao lado de Raquel: comovida e trêmula, ela hesitou um momento; inocente ainda, não compreendeu o que queria dizer o sussurro que se levantava à sua chegada; mas Raquel, que de coração a amava, vendo-a com os olhos no chão, e mais pálida que nunca, disse-lhe ao ouvido:

— Princesa da festa, levanta a cabeça; pois que a vitória é já tua.


 ieb


Honorina levantou os olhos, e com êles percorreu toda a sala... o rubor do péo tingiu suas faces... foi como as primeiras rosas da aurora insinuada em um céu côr de leite.

Com efeito o triunfo era dela. O murmúrio, que se escuta, quando uma moça entra numa assembléa, ou demonstra o horror, que se vota ao vício, ou a admiração e entusiasmo, com que se contempla a virtude e a beleza. O vício estava longe de Honorina; a virtude se aninhava em sua alma, e a beleza se mostrava em toda ela; e pois o triunfo era dela.

Honorina vinha toucada e vestida do seguinte modo: dois largos bandós de lindos cabelos negros descidos até dois dedos abaixo das orelhas e para trás se voltavam, indo suas extremidades perder-se por entre longas tranças de perfeitíssimo trabalho, que se enroscavam terminando em cesta; uma grinalda de flores brancas salteadas de pequeninos botões de rosa se entretecia nesse belo tecido de madeixas; duas rosetas de brilhantes pendiam de suas orelhas; nenhum enfeite, nenhum adorno ousara cair sôbre seu colo que nú, alvejava, arredondado, virginal, e puro; um vestido de finíssimo blonde, que deixava transparecer o branco cetim que cobria no corpinho todo talhado em estreitas pregas, que desenhavam elegantes formas, era debruado por uma longa fila de flores semelhantes às dos cabelos, as quais ainda se deixavam de novo ver formando uma cercadura em que acabavam as mangas curtas, justas, e singelas; êsse vestido cruelmente comprido para esconder dois pequenos pés calçando sapatinhos de cetim, se terminava por uma simples barra bordada de branco; no braço esquerdo da moça fulgia um bracelete de riquíssimos brilhantes; e enfim suas mãos calçavam luvas de pelica branca, guarnecidas de arminho e com borlas de sêda frouxa.

Raquel se tinha vestido, toucado, e adornado absolutamente como Honorina. Não se via



ieb

em uma nada de menos, e nada de mais, do que na outra; eram duas irmãs, e ambas da mesma altura, ambas com cabelos e olhos pretos, ambas quase igualmente belas; apenas no rosto diferiam; porque a primeira o tinha corado, vivo e alegre; e a segunda pálido e melancólico.

Honorina e Raquel ocuparam duas cadeiras, que estavam aos lados de D. Lucrécia. Esta senhora beijou as duas moças, e Honorina viu fitos em seu rosto dois lindos olhos azues cheios de encantadora doçura, e ouviu que a jovem viúva lhe dizia:

— E' preciso ser bem feliz, minha senhora, para que com tanta formosura se ganhe ao primeiro momento todo o coração de outra moça!...

E D. Lucrécia se sorriu com um sorrir angélico... e era uma rival que se sorria!...

Honorina, vivamente tocada do que lhe dizia Lucrécia, mal teve tempo de apertar docemente a mão da moça, que segurava na sua, porque uma multidão de mancebos se precipitavam para ela.

— Meu Deus!... exclamou a moça encostando-se o mais que pôde na cadeira.

A primeira, a segunda, a terceira... até a décima segunda quadrilha já estavam concedidas, e a coluna dos cavalheiros cada vez se tornava mais compacta e forte.

A cada mancebo galante que corria para Honorina, um novo e engraçado sorriso se deramava pelos lábios de Lucrécia, e uma seta penetrava em seu coração.

— Raquel! disse Honorina passando a cabeça por detrás da cadeira de Lucrécia, Raquel! acode-me; eu já não posso...

— Escuta, respondeu-lhe a amiga; ao primeiro que te falar, responde: "já tenho para todas".

Quando Honorina voltou a cabeça, já esta-




vam três cavalheiros defronte dela: o primeiro que lhe falou foi Brás-mimoso.

— Minha senhora, venho implorar a V. Exa. a honra de uma contradança...

— Mas, se eu já tenho para todas...

— Porém, quantas são todas, minha senhora?...

— A falar a verdade... eu me não lembro... Raquel, tu lembras, quantas contradanças prometi?...

— Vinte e três, respondeu Raquel sem hesitar.

— E V. Ex., minha senhora?... disse Brás-mimoso, voltando-se para D. Lucrecia.

— Vinte e quatro, respondeu a viúva.

— E V. Ex., senhora D. Raquel?...

— Vinte e cinco, disse Raquel rindo-se.

As três moças viram-se felizmente livres de seus cruéis perseguidores; no entretanto Félix achava-se preso desde que entrara Honorina nas redes de sua interessante prima Rosinha. A moça, no meio de uma roda de quatro ou cinco companheiras tão travessas, tão galantinhas, e levianas como ela mesma, entretinha o primo, contando-lhe uma história muito comprida e cheia de mil supérfluos episódios, tendo, porém, os olhos fitos na bela romântica.

Quando conheceu que seu primo não poderia obter mais contradança alguma de Honorina, exclamou:

— Oh!... mas, meu pensamento, nós nos esquecíamos de que meu primo deverá estar ansioso por alcançar para uma quadrilha o sim da interessante senhora, que acabou de entrar... vá meu primo, se já não veio engajado de casa, vá depressa.

— Sim, minha prima, eu vou... porém... minha prima ainda me não deu uma contradança...

— Eu já tenho par para todas, disse a moça soltando uma risada, que foi acompanhada pelas das outras moças,



iehb

— Muito sinto, disse Félix, fazendo-se vermelho. Conheço perfeitamente que as senhoras zombavam de mim; mas protesto que a jovem romântica me vingará.

Félix aproximou-se de Honorina... falou... e em resposta escutou essas terríveis palavras, que êle já de Raquel tinha aprendido: essas cinco palavrinhas, que ainda pronunciadas com toda a doçura por uma boca de moça bonita, têm gôsto de fel, e pesam, e soam horrivelmente para os pobres rapazes que, mal as ouvem, voltam-se desapontados.

Às oito horas e meia da noite teve principio o sarau. Será bom considerá-lo em três partes distintas.

XII

COMEÇA O SARAU

Uma bela ouverture foi o sinal do começo do sarau. Logo depois dançou-se a primeira quadrilha. A prova de que Honorina recebia as honras da noite é que todos os olhos estavam fitos nela, como querendo beber seus movimentos.

Não se diga, nem se pense, que loucura é querer concluir da graça duma bela jovem pelos — vai e vem — que simplesmente fazem as moças, quando contradanças: é inegável que nos mais brilhantes saraus a dança não passa, quanto aos homens, de meia dúzia de — arrasta pés — acompanhados de outras tantas cortesias, e quanto às moças, de igual número de interessantes deslizamentos; porém, quando uma senhora tem em si isso, que se não pode explicar, mas que por demais se sente no coração, isso, que alguns têm chamado — graça —; mas que não se diz tudo, dizendo-se somente — graça —; porque graça não define essa bela reunião de uma boca, de onde saem palavras



que nos fazem sempre sorrir de gôsto, e que nos ficam de cor; de olhos, cujas vistas nos obrigam a hesitar e estremecer e que penetram até o âmago de nossos corações; de um mimoso andar, que nos faz embeber os olhos nos vestígios das pisadas que deixou, para procurarmos ver alguma coisa que não vemos, mas que devera ter ficado ali; do mimoso andar de um corpo, que deixa na coluna de ar que cortou, alguma doce... encantadora... inefável exalação de si próprio, como a rosa impregna de seus eflúvios a branda aragem que lhe varreu a face... isto tudo, e muito mais ainda, que nenhuma boca pode dizer, que nenhuma pena pode explicar, não é somente graça... é antes um sopro saído dos lábios de Deus, que cerca de uma atmosfera — mágico-celestina — a criatura feliz: não somente graça; ou então — é a graça de Deus.

Pois este dom sagrado, que nenhum homem tem, que pertence exclusivamente a algumas senhoras, pode-se apreciar e de fato se aprecia nas próprias contradanças francesas, apesar de toda a sua monotonia, e desagradável simplicidade. E Honorina o tinhal... e eles pois a viram andando... (porque dizer dançando, além de uma mentira seria fazer um insulto ao bom gôsto da época) e eles pois a viram andando... não... deslizando-se doce e imperceptivelmente, como um leve batel, a quem o sopro do brando zéfiro faz lambar a superfície de um lago sossegadol... e ainda mais: para o encanto ser completo, Honorina, de momento a mometno, tornava-se dobradamente interessante. Com efeito, Honorina havia entrado na sala mais pálida do que era; trêmula, receiosa, com os olhos baixos, e toda cheia dêsse acanhamento que acobarda a jovem campesina, que pela primeira vez aparece em uma assembléia da Côte, côncia de sua ignorância, dos usos do — belo tom —, ela temia que em cada simples vista de seus olhos



ieb

houvesse um erro, em cada palavra sua um crime de lesa-bom-gosto; por isso ela tinha os olhos no colo, e respondeu apenas por monossilabos; porém sua organização eminentemente nervosa lhe devia dar a vitória sobre si mesma. Desde que a música rompeu, o milagre foi operado.

Ouvindo as primeiras harmonias dessa feitiçeira inspiração de Auber, o *Domino-noir* (que foi exatamente a *ouverture*, com que se deu princípio ao sarau), Honorina sentiu um choque inexplicável... depois... sempre... até o fim, ela se foi animando... seu coração pulsando com mais força... sua alma pareceu inflamar-se... seu rosto ergueu-se... e ela começou a viver para o mundo, onde estava.

Enfim, todo esse movimento, todo esse ruído de um sarau, o calor que fazia, a agitação das contradanças, cuja alegre música podia tanto nela, acenderam ainda mais o fogo que a salvara do seu acanhamento: já tinha as faces levemente coradas... seu peito arfava... ela começava a gostar de tudo o que via... seu cavalheiro já lhe havia jurado que ela era encantadora... Honorina já se tinha sorrido para Raquel... estava alegre, estava feliz; e sua alegria a tornava mais bela que nunca.

Mas o centro, o alvo das atenções dos homens deveria ser o dos ciúmes, pelo menos da maior parte das senhoras, Lucrécia vivamente se incomodava com os obséquios que a via receber; e tanto mais que Lucrécia era realmente bela, e dobradamente orgulhosa. Flor das sociedades, não cedendo até então a primazia a nenhuma, Lucrécia queria todos os homens a seus pés; e nessa noite Honorina lhe conquistou a maior parte de seus adoradores.

Além disso um episódio tinha ocorrido, que convém não deixar passar despercebidamente. Otávio havia chegado pouco antes de Honorina, e se esquecera de ir logo aos pés da bela viúva; quando a filha de Hugo de Men-


 ieb


donça entrou e sentou-se junto de Lucrécia, Otávio correrá e obtivera daquela a sexta quadrilha, e só depois foi que se dirigiu à sua bela amada, pedindo-lhe exatamente uma contradança que ela acabava de conceder a outro cavalheiro.

Ora, Lucrécia sabia bastante dos segredos dos saraus: que muitas vezes, quando um jovem não quer nem dançar, nem ofender o amor próprio da senhora, a quem um dever qualquer obriga a dirigir-se, manda um amigo seu engajá-la para certa quadrilha, e depois vai ter com ela, e pede para si essa mesma quadrilha, que incauta já deu a outro.

Esta idéia, a lembrança dêsse estratagemá tantas vezes pôsto em uso, feriu cruelmente o orgulho da viúva; portanto Otávio levantava acima dela essa menina, que apenas acabava de aparecer!... isso era uma dessas ofensas, que as senhoras jamais perdoam; e entre as senhoras, o mante que se esqueceu de uma delas, comete um crime enorme, que se faz expiar, não ao desleal que o cometeu, mas à rival, ainda inocente que o causou. E pois Lucrécia, que se sorria, que tinha doçura angélica em seus belos olhos azues, tinha ao mesmo tempo o despeito e o amargor no coração.

No gabinete, onde estava a música, e em que se achava também o piano, apareceu uma moça para cantar, e começou a deixar ouvir os belos acordes da sua doce voz: uma coluna de moços tomava a porta do gabinete.

— Parabéns! disse um àquele que conduzira a moça ao piano, parabéns ao condutor de Eutérpe!...

— Que se há-de fazer?... respondeu êle, eu cá tolero que se cante, quando não há mais nada que fazer; porém, agora, que podemos dançar e conversar com as moças, é mesmo horrível roubar-se-nos meia hora dêsse prazer para se ouvir aquela senhora!...

— O que é aquilo que ela está cantando?...



ieb

— Eu não sei... parece-me inglês; mas deve ser uma ária italiana: — bravo minha senhora!...

— E que bico faz ela — bravissimo!...

— Como desafina; bonito! bravo!

Os dois senhores continuavam a falar desapidadamente em voz baixa contra a moça que lhes fazia a honra de se deixar ouvir, ao mesmo tempo que em voz alta aplaudiam; mas... é preciso passar isto por alto, porque há tantos homens, que se podem julgar retratados nestes dois Midas, que é bom não entender com êles.

A moça concluiu a sua ária no meio de bravos e palmas, e foi conduzida à sua cadeira pelo mesmo cavalheiro, que dela criticara em voz baixa.

— Parabéns, minha senhora, dizia êle à moça; cantou mais que brilhantemente!... que harmonia, e que execução!... seria perdoável perguntar a V. Ex., se não podia repetir a mesma peça esta noite?...

— Oh!... a mesma não, respondeu a moça; eu cantarei outras, que são igualmente bonitas.

— E quantas serão, minha senhora?...

— Talvez... ainda três...

— Meu Deus!... porque não serão antes seis!...

Mas um sinal da orquestra pôs fim às lições e zombarias, de que estava sendo vítima a inocente senhora; era o sinal brilhante, e vivo da valsa.

A valsa! sim, a valsa é com toda a razão o delírio das moças, e o belo ideal dos moços em um sarau. Acusem-na muito embora os Srs. Esculápios (que aqui para nós, nada há, com que se não intrometam) como causa de enfermidades sem número; amaldiçoem-na muito embora como origem de mil pleurites, hepatites e tudo mais, que na sua benta língua, acaba em ites: se é assim... melhor para êles.

A valsa é o delírio das moças; porque na



valsa é que elas experimentam êsses movimentos rápidos, acelerados, consecutivos, que tanto amam por sua organização, e que, marcados por uma música forte, alegre, impulsiva, produzem nelas choques nervosos e abaladores. E' na valsa que seus olhos mais brilham, e que mais vivo fogo se acende em suas faces; é na valsa, enfim, que elas se assemelham com os anjos voando pelos ares, e tendo só de humanas... o receio de uma queda.

E' a valsa o belo ideal dos mancebos; porque é nela que êles cingem a delicada cintura de uma moça! nas contradanças o apaixonado prefere dançar defronte da sua bela; na valsa, pelo contrário, é com ela mesma que êle dança... com o rosto perto do dela... sentindo o fogo ardente de seus olhos fitos nele... sentindo o delicioso bafo que escapa suspiroso dos lábios dela para refletir nos seus, sentindo a palpitação de seu coração... o toque de sua mão... bebendo o sorriso de seus lábios, e amparando o doce pêso de seu corpo, que desleixadamente se abandona nos braços, que o cingem...

A valsa acabou enfim. E passeava-se.

Quem poderá ouvir tudo quanto se diz em um passeio de sarau! seria sua relação um romance tão variado como completo... seria talvez mil romances; porém desgraçadamente, o que aí se conserva de mais interessante é feito tão em segredo e por entre tantos sorrisos, que mal se pode entender. E' melhor pois não dizer nada, para não cair no êrro de dizer o que menos interessa.

Mas Lucrécia tinha sido convidada para passear, por Otávio; era como uma satisfação que lhe dava o moço: ela aceitou-lhe o braço. Havia algum acanhamento entre ambos, por isso durante a primeira volta pela sala nenhum dos dois disse palavra; depois êles se dirigiram para o terraço; ao passar pela sala dos refrescos Otávio viu um amigo seu, que passeava só.



ieb

— Oh!... Leopoldo! tão solitário...

— Que queres? não encontrei senhora, que quisesse aceitar a oferta de meu braço.

— Olha!... dirige-te àquela... vai sem cavalheiro.

E Otávio mostra-lhe uma senhora, que deveria contar seus bons setentas janeiros.

— Misericórdia! exclamou Leopoldo; antes só, do que mal acompanhado.

— Mas, segundo o teu sistema, a melhor maneira de chegar até junto das moças é agradar às velhas.

— Sim, sim; porém aquela é uma velha sem fiadores.

Nesse momento Otávio e Lucrecia entram no terrado.

— Que quer dizer uma velha sem fiadores?... perguntou Lucrecia.

— Quer dizer, respondeu Otávio, uma senhora adiantada em anos, que não tem filhas, nem sobrinhas, nem agregadas moças.

— E por consequência uma senhora, com quem os senhores julgam todos os momentos perdidos: Sr. Otávio, V. S. tem mãe?...

— Minha senhora, eu não penso como o meu amigo.

— Oh!... mas o que se pratica... o que tenho ouvido... o que acabei de ouvir, enfim, me convence de que se eu nunca tiver filhas, não devo freqüentar sociedade alguma, logo que me sentir envelhecer.

— Mas, minha senhora, com o espírito de V. Ex. não é possível envelhecer...

— Obrigada... obrigada!... eu gosto muito de parecer espirituosa; mas, V. S. o sabe, as senhoras gostam ainda mais de parecer outra coisa.

— Eu acreditei, respondeu Otávio, que devia mostrar-me simplesmente tocado no espírito de V. Ex., pois que para o completo elogio de sua beleza é mais que suficiente um espelho.

— Acha-me portanto bonita?...



- Preciso repeti-lo ainda?...
— Agradável?...
— Muito.
— Espirituosa?
— O mais que é possível.
— Meu Deus!... isto é quase uma declaração!...
— Que não seria mais do que a repetição do que já me tem ouvido.
— Estou a ponto de crer que me ama.
— Eu pensava que já não havia dúvida a êsse respeito.
— E no entanto, o senhor nem ao menos dançará comigo!
— Minha senhora... eu cheguei tarde aos pés de V. Ex.
— Nem uma quadrilha... nem uma valsa... nada!
— Eu estava dizendo que cheguei tarde aos seus pés...
— Oh! é porque talvez, quando quis chegar até mim, alguma bela aparição o fez parar... sentir... e desejar...
— Minha senhora...
— Primeiro dirigiu-se a uma moça que se sentava a meu lado; obteve sem dúvida o que queria; e depois, quando ouviu que eu acabava de conceder a um seu amigo a terceira quadrilha, V. S. chega-se então a mim; e o que me pede?... a terceira quadrilha...
— Então V. Ex. chegou a persuadir-se...
— Tenho a certeza de que o Sr. Otávio não se lembrou de mim neste sarau.
— E' uma injustiça, minha senhora, que eu podia voltar também contra V. Ex.
— Como?...
— Dizendo outro tanto de V. Ex.
— Por que?...
— Porque sabendo que eu vinha a êste sarau; porque vendo-me na sala, não me quis guardar uma quadrilha.



ieb

— Oh!... mas era o homem que devia apressar-se a correr até junto da senhora!

— Mas V. Ex. podia ter-me castigado com mais generosidade...

— Pois receba o castigo, senhor: eu guardei-lhe uma quadrilha.

— E qual?... e qual?... minha senhora!

— O senhor a deseja?...

— Peça-a de joelhos!... diga-me o número!...

— A sexta...

— A sexta quadrilha...

— Eu não sei a que atribua o movimento que faz; para atribuí-lo a prazer... seria amor próprio demais.

— E' que a sexta quadrilha... eu... me havia engajado...

— Eu aprecio a sua urbanidade; porém é tão fácil fingir-se um engano... e depois com uma polida satisfação... ora, os senhores homens sabem às mil maravilhas como se faz isto.

— Se fosse possível ser uma outra qualquer...

— Senhor, eu poderia neste momento lembrar-me de ter ciúmes, se não devesse só recordar-me que já descí bastante da minha posição guardando-lhe uma quadrilha!...

— Eu reconheço o obséquio que devo a V. Ex.

— Então?...

— Em todo o caso aproveitar-me-ei dêle... não era possível que de outra forma procedesse.

— Por civilidade, não é assim?...

— Oh!... não: por um sentimento bem terno.

Alguns minutos depois Lucrécia estava outra vez sentada junto de Honorina.

— Então, minha bela menina, disse ela, como acha o sarau?... tem sido feliz nele?...

— Sim... sim, minha senhora; tenho passado uma noite muito bem esquecida de mim mesma...

ieB



— E' uma compensação; porque acredito que muita gente só se tem occupado em admirá-la.

— Minha senhora... eu não posso merecer...

— Ora... ora... aposto eu que tem dançado todas as quadrilhas, que não tem perdido uma só valsa?...

— E' verdade: mas creio que também a senhora...

— Não... deixei de dançar a segunda quadrilha: estes homens!... acreditará que estes mesmos senhores, que tantas lisonjas nos fazem, que tantos elogios nos fazem, se aproveitaram de tudo para atormentar-nos?...

— Mas, a senhora parece ofendida.

— Não, eu os desprezo; porém quero preveni-la: sabe como aqui se fere o amor próprio de uma mulher?...

— Não, minha senhora; eu nunca frequentei saraus.

— Pois bem: o homem que quer demonstrar a uma senhora que aquella que elle ama é superior a ella, convida-a para certa quadrilha, e quando chega esta, deixa a senhora ficar sentada, e vai dançar com a que ama!

— Isso quando feito de propósito deve julgar-se um insulto!

Pois elles o fazem!...

Lucrécia pôs fim à sua conversação ai: tinha aguçado um punhal que deveria ferir o amor próprio de Honorina no momento de se dançar a sexta quadrilha.

XIII

O CHA'

O chá começou a servir-se às dez horas e meia da noite: a hora do chá é nos saraus a hora das satisfações, dos longos cumprimentos,



ieb

e de certos prazeres que lhe são muito peculiares. Compreender, e ouvir, para relatar, tudo o que então se passa e se diz, seria operar o milagre que não esteve no alcance dos arquitetos e dos operários da torre de Babel. E' certo que ali não se grita, nem se amotina ninguém; mas há em compensação mais de cinqüenta homens que conversam, e outras tantas senhoras que falam todas ao mesmo tempo... e tanto basta.

Brás-mimoso tirava então o seu ventre de miséria, no meio de meia dúzia de moças, nenhuma das quais tinha mais de vinte anos, êle, que tinha embora escondidos cabelos de avô de todas elas, se apresentava com cara e pretensões de priminho de qualquer das seis.

E' preciso fazer sentir, antes de ir por diante, o erro em que estão certos sujeitos que, supondo enganar o mundo, enganando a natureza, não enganam senão a si próprios. Para todas as idades, como para todas as condições, há um quadro com duas faces: uma oferece o belo, e a outra o feio, que lhe soe caber. Na boa face de seu quadro tem o velho os respeitos, as considerações, as honras, que toda a pessoa bem educada lhe deve e lhe vota; e o velho, que se quer fazer passar por moço e gamenho, perde o belo de seu quadro, e fica com o feio em ambas as faces dêle. Pois Brás-mimoso não se dava com isso: espartilhado, todo no rigor do tom, com sua bela cabeleira de cabelos pretos, gamenho com rugas na face, engraçado sem saine, vaidoso sem mesmo saber de que, perseguia as moças, como... como... tantos outros.

Ele investiu para aquela interessante meia dúzia de tentaçãoezinhas com seis balas de estalo nas mãos: era o seu mar de rosas!... no entender de Brás-mimoso a invenção das balas de estalo era o último apuro do engenho humano.

As moças, assim que o viram, começaram para logo a beliscar-se e a trocar segredos e meias risadinhas. Ora, essa espécie de cabala


 ieb


nelas é sempre denunciada por um ruídozinho engraçado, do qual todo o homem, que conta em si uma oitava de juízo, tem mais medo do que da mais estrepitosa trovoadas; porém Brás-mimoso não se dava muito com aquilo; também parece que a natureza, quando tivera de assoprar juízo na cabeça do jovem quinquagenário, se achava com veia para a homeopatia.

Pobre do meu Brás-mimoso! ei-lo com elas! um velho namorado no meio de seis gênios de graças e travessuras.

— Senhora D. Adelaide, disse Brás-mimoso, venho rogar-lhe que estale uma bala comigo... oh! será um estalo misterioso!...

— Pois não, Sr. Brás, de todo o coração!...

A menina pegou na bala com a ponta dos dedos... puxaram, e o papel rompeu-se sem estalar.

— Chocha!... exclamaram as moças rindo às gargalhadas.

Ora, uma bala de estalo que sai chocha, é uma coisa horrível para o gamenho: Brás-mimoso ficou espantado, como se nunca dantes lhe houvera sucedido tal, a ele, o non plus ultra estala-balas!

— Uma outra, minha senhora!...

— Nada... respondeu a moça; a primeira saiu chocha, não quero mais.

— Então, Sra. D. Emilia!...

— Vamos, eu gosto muito de estalar balas com o senhor... bem... puxe!

— Chocha!... exclamaram de novo as seis caçoistas!...

— E' que eu não compreendo isto! disse Brás-mimoso, só se as senhoras não seguram na bala como manda a arte!...

— Não senhor, não senhor! nós puxamos direito; é porque o senhor não nos estima!...

— Oh! minhas senhoras!...

— Puxe comigo, Sr. Brás; disse a terceira moça.

— Prontamente, Sra. D. Camila.



ieb

— Olhe, eu pego bem junto da bala... puxe!

— Chocha!...

— Ora, vocês estão mangando com o Sr. Brás, disse a quarta moça; querem ver como estala?... vamos comigo, Sr. Brás.

Brás-mimoso, pálido e desfigurado, estendeu a mão a D. Rosaura... era a quarta bala que pretendia estalar... puxou...

— Chocha!... gritaram pela quarta vez as moças.

Brás-mimoso estava mesmo a ponto de chorar de vergonha; parecia-lhe que toda a sociedade tinha os olhos fitos sobre êle... e êle desmentia o conceito que tanto se gabava de merecer!

— Puxe comigo, Sr. Brás, disse D. Leocádia; puxe.

— Ei-la, ai, murmurou o pobre homem, quase gemendo.

— Chocha!

Aquele grito — chocha — soava terrivelmente aos ouvidos do presumido velho; como poderia aparecer ainda na assembléa, êle, o gamenho por excelência, se em seus dedos haviam consecutivamente falhado cinco balas?! Brás-mimoso estava ouvindo a cada passo êsse grito fatal, grito de maldição — chocha —! Foi trêmulo, e fora de si, que automaticamente estendeu a última bala à sexta senhora.

D. Felícia teve piedade dêle.

— Oh!... exclamou Brás-mimoso, ouvindo o estalo, que trovão argentino!

As moças desataram a rir; com as risadas caiu o ramos de cravos a Felícia; Brás-mimoso imediatamente o apanhou, e beijando-o, lho entregou; mas quase ao mesmo tempo escapou o leque da mão de Rosaura, e o infeliz homem, quando o levantou, abaixou-se de novo para dar a Leocádia o lenço que lhe caíra; porém no mesmo momento tomaram os leques de Adelaide e Emilia, e Brás-mimoso, que os ergueu, viu que de novo caíra o pendão de cravos de




Felicia e, ao apanhá-lo, esteve a ponto de pisar nas luvas de Camila.

Finalmente, apiedadas do infeliz homem, as moças puseram termo a seu martírio, e, para consolá-lo, cada uma lhe deu uma flor, e lhe disse, sorrindo docemente, o competente significado.

Brás-mimoso, suando por todos os poros de seu corpo, recebeu as flores com entusiasmo, e, orgulhoso, atravessou a sala com elas no peito.

— Ande lá, Sr. Brás, disse um moço, ao vê-lo passar, o senhor é o querido das moças; mas trabalha!

— Meu amigo, respondeu sériamente Brás-mimoso, sem trabalho não se conquista!

E sala da sala para concertar-se, porque, graças às muitas vezes que se havia curvado para apanhar os objetos caídos, tinha ficado sem dois botões de sua esticada calça.

No entanto Honorina e Raquel, alguns momentos depois de haverem tomado chá, tinham-se levantado e passeavam juntas. Apenas deixaram suas cadeiras, um elegante jovem correu para elas:

— VV. EExs., perguntou êle, estimariam honrar o braço de um cavalheiro?...

— Oh! foi Raquel quem respondeu, nós nos levantámos para conversar juntas e em liberdade; mas se V. S. se interessa por passear conosco, nós teremos prazer em agradar-lhe...

— Minha senhora, grande seria para mim a honra; mas o interesse de meu coração deve ser sacrificado aos desejos de VV. EExs.... eu as deixo em liberdade.

— Este moço é muito civil, disse Honorina, continuando a passear com sua amiga.

— Sim, Honorina, contam-se poucos homens que, como êle, deixem de ser importunos.

— Certamente; tenho notado em todos uma urbanidade tão estudada, cumprimentos tão exagerados, palavras tão escolhidas, comparações tão multiplicadas, que...



ieb

— Que parece que já as trazem de casa, não é assim?... pois até aí nada há de novo: alguns são ainda suportáveis pela variedade de suas cortesias; mas uma grande parte, Honorina, diz-nos hoje o que nos está a dizer há cinco ou seis saraus passados; diz-me agora o mesmo, o que já te disse e o que já havia dito a todas as moças com quem tem conversado durante a noite. São cortesãos a machado... belas casacas de fidalgos, cobrindo corpos de rústicos aldeões...

— Raquel, tu falas tão alto...

— Ora, Honorina, e quem manda a essas gralhas virem aqui mostrar-se com presunção de pavões? é que se faz preciso rirmo-nos muito d'êles, porque êles pensam que zombam sempre de nós: zombemos pois também... zombemos muito. Olha, Honorina, uma boa parte d'êstes senhores, que tanto nos cercam e nos cortejam, são tão tolos como presumidos, e alguns há ainda, tão presumidos como insolentes!

— Mas tu és terrível, Raquel!

— E' porque tu não os conheces como eu, Honorina. Tu não sabes o que é um jovem presumido. Por exemplo, dize: quantos hoje te hão asseverado que és encantadora?... anda... não cores assim... estás falando comigo: quantos?..

— Todos com quem dancei, Raquel.

— Pois bem, Honorina, êles falaram por acaso a verdade; mas queres tu apostar que qualquer d'êstes senhores vai dizer que és feia?...

A-pesar-de toda a sua simplicidade, Honorina não gostou da palavra — feia —: ela era mulher.

— Então, queres ou não?... repetiu Raquel.

— À minha vista, Raquel? perguntou Honorina.

— Ora à tua vista juraria de novo que és um anjo, o mesmo que tivesse dito que és feia.

— Mas poderei eu ouvi-lo?...


 ieb


— Sim... é possível.

— Pois aceito.

— Bem... oh! a propósito... ali vai uma amiga minha, que nos pode servir: vem cá, Úrsula...

— Adeus, Raquel!... mas deixa-me, eu vou ao toilette...

— Não precisas: estás tão bela como entraste, ou mais ainda...

— Obrigada, meu senhor! quer saber onde eu moro?... perguntou Úrsula gracejando.

— Deixa-te de graças, Úrsula; temos negocio sério: primeiro que tudo apresento-te esta senhora, que é minha amiga do coração.

Úrsula deu um beijo em Honorina, e voltando-se para Raquel:

— E depois? perguntou.

— Ouve: Honorina é nova em nossas assembleias, acha por isso exagerado o quadro que lhe tracei dos nossos jovens cavalheiros.

— Oh! são anjos todos eles, minha senhora!

— Pois para dar-lhe uma fraca prova do que disse, eu propus fazê-la ouvir ser chamada — feia — por algum, ou alguns, dos que durante a noite lhe juraram que ela era encantadora.

— Pois a senhora duvida disso?...

— Não; mas sempre quisera ouvir.

— Nada é mais fácil: mostre-me alguns desses senhores...

— Aqueles dois que ali conversam...

— Oh! por minha vida! exclamou Úrsula; são meus apaixonados!... mas separemo-nos... e por enquanto, minha senhora, sou sua maior inimiga!... Raquel, toma cuidado no meu lenço, ouviste?

— Vai... e apressa-te.

Cinco minutos depois a espertinha D. Úrsula, que se achava no vão de uma janela com outra moça, cercadas por alguns cavalheiros, fez com seu lenzinho branco um sinal a Raquel.

— Agora, vem cá, disse Raquel a Honorina.




ieb

E dando uma volta, para não serem vistas, as duas moças espremeram-se na janela contígua àquela em que estava Úrsula.

A discussão já tinha começado, os dois moços, que Honorina havia mostrado, estavam lá.

— Mas eu digo, falava Úrsula, que ela deve estar bem orgulhosa! tem sido tão incensata... tão requestada... eu não sei mesmo porque...

— Porque é uma novidade!...

— Tem dançado por empenhos!...

— Ora, minha senhora, também isso é exageração...

— O Sr. Daniel e o Sr. Jônatas, por exemplo, morriam de paixão se não tivessem dançado com ela!...

Os dois rapazes começaram a dar satisfações, e tentaram livrar-se da moça jogando a arma feliz, com que quase sempre se faz as pazes com uma senhora... fazendo-lhe elogios.

— Em todo o caso, D. Querubina, continuou Úrsula falando com a moça que lhe estava ao pé, nós devemos estar descontentes, e mesmo despeitadas: aquela senhora foi uma aparição terrível que nos veio fazer mal... nós nos temos achado sós toda a noite!...

— Que injustiça! bradou Jônatas; eu não me lembro de haver jamais perseguido tanto a V. Ex. como hoje!...

— Eles fizeram uma comparação entre nós e ela, e a declararam princesa; concedendo-nos, talvez por compaixão, o grau de suas vassalhas!...

— Meu Deus!... meu Deus!... como se julga mal de um pobre homem!...

— Paciência, D. Querubina, paciência!... é preciso ceder a palma à beleza do dia... o nosso reinado passou...

— Mas quem é a beleza do dia?... perguntou Daniel.

— Quem?... o seu par da segunda contra-dança...



— Misericórdia!...

— Nega que os senhores a tem achado a mais bela moça do sarau?...

Daniel olhou para Jônatas.

— Nego! disse Jônatas.

— Seria uma blasfêmia!... disse Daniel.

— Oh!... eu os compreendo! ao pé de mim fala-se desse modo; mas daqui a pouco os senhores se vingam desfazendo-se em elogiar a sua figura...

— Figura sem expressão, minha senhora, disse Daniel, torcendo o nariz.

— A sua beleza...

— Que beleza!... é uma flor desbotada... sem aroma... disse Jônatas.

— O seu espírito...

— Espírito?... espírito de mudez: é uma estátua.

— Uma estátua... sim, meus senhores; estátua de Vênus, é o que querem dizer...

— Pois bem, tornou Jônatas, uma estátua de Vênus feita por mãos de escultor calóiro.

— E o sr. Daniel, que é tão apaixonado da côr pálida...

— Sim... aprecio, amo muito a côr pálida... como, por exemplo, a de V. Ex.; porém a dela...

— E' transparente... diáfana... romântica...

— Repulsiva... repulsiva, disse Daniel.

— Repulsiva?...

— E' uma defunta viva, minha senhora! acrescentou Jônatas...

As duas moças começaram a rir-se; e os dois cavalheiros continuariam a dizer melhores coisas de Honorina se a orquestra não os chamasse para a quinta quadrilha.

Portanto uns e outros se separaram, e um momento depois Úrsula estava junto de Raquel e Honorina.

— Então?... perguntou a Honorina.

— Agradeço-lhe muito, minha senhora; ju-



ro-lhe que foram os minutos mais agradáveis que tenho passado esta noite.

— E' verdade, Úrsula; a nossa Honorina ouviu tudo com o ar mais divertido do mundo.

— E hesitará em divertir-se também com elles?

— Oh! não... não, minha senhora... muito simples deve ser a mulher que não souber fazer de um homem um bobo, com quem se ria!

— Bem!... bem!...

— Honorina, disse Raquel, eis um dos teus apaixonados.

— O Sr. Jônatas?...

— Que te chamou defunta viva.

— Vem buscar-me para dançar com elle, tornou Raquel.

Jônatas chegou e ofereceu a mão a Raquel.

— Sr. Jônatas, disse Úrsula, apresento-lhe a mais bela aquisição de nossas assembléias, a minha nova e querida amiga, a Sra. D. Honorina; não concorda que é uma jovem encantadora?...

— Apareceu-nos, senhora, como um anjo caído do céu!...

Honorina levou o lenço à boca... mas foi impossível suster-se; soltou uma risada.

XIV

FIM DO SARAU

No fim da quinta quadrilha Lucrecia sentou-se junto de Honorina, e esperou ansiosa pelo momento de sua vinganczinha de moça. Quando a orquestra deu o sinal desejado, ella lhe perguntou:

— Com quem dança esta quadrilha, minha senhora?...

— Juro-lhe que me não lembro; eu não conheço aqui ninguém; pediram-me contradan-



cas... disse que sim; e espero que me venham buscar.

— Oh! quisesse o céu que ficasse sentada, Honorina, eu não danço agora, e passearíamos sós.

— Raquel, eu também o desejo; mas tenho medo de o desejar em vão.

— Preferes tu passear comigo a dançar a sexta quadrilha?...

— Sim... mas...

— Pois vem cá, vamos para o toilette, e desceremos para passear, quando a quadrilha tiver começado.

— E o cavalheiro com quem me cumpre dançar?...

— Virá buscar-te, e não te encontrando, procurará outra senhora.

— Porém, Raquel, deve-se fazer tal?...

— Ora... ora... ora... quando eu digo que tu és simples demais, Honorina!... escuta: todas nós, quando temos pouca vontade de dançar, ou o não queremos fazer com algum cavalheiro, com quem a civilidade nos obrigou a enganar-nos, apelamos sempre para o toilette; não pode haver melhor desculpa! estive consertando o cabelo... fui pregar um colchete que se rebentou... etc., etc., são coisas que se dizem, e que devem contentar.

— Porém, Raquel, deve-se fazer tal?...

— Deve-se, Honorina; é mesmo uma compensação; porque muitas vezes os nossos cavalheiros nos deixam ficar sentadas entretidos e colados na mesa do écarté: ora, é muito mais natural, e muito menos repreensível que uma moça se esqueça de um cavalheiro, presa defronte de um toucador, do que um cavalheiro se esqueça de uma senhora por um baralho de cartas; por consequência anda... vamos... vem esquecer-te...

— Eu não sei...

— Mas para que há-de deixar de dançar?... perguntou Lucrécia afetuosamente.



— Para passear comigo, minha senhora; respondeu Raquel, levando Honorina pela mão, e quase à força.

A viúva ficou exasperada com tão imprevisto contratempo: com frieza acompanhou Otávio, que a veio receber, e dançou sem prazer algum.

No entanto Raquel, apenas sentiu que a quadrilha tinha começado, tomou o braço de Honorina, e disse sorrindo-se:

— Agora que já te esqueceste, e que já consentaste o teu cabelo, desçamos para passear.

E as duas moças desceram, e, dirigindo-se ao terrado, foram atravessando a sala do jôgo.

— Quanta gente! disse Honorina; todo êste mundo, Raquel, diverte-se jogando?...

— Sem dúvida... o que tem isso?...

— E' que deve ser um jôgo bem interessante.

— Sim... sim... é o écarté; jôgo um bocado menos complicado do que o diabrete.

— Ora, Raquel!

— Como queres que te diga, Honorina?

— Então aquela gente toda...

— Empenha-se por ganhar ou perder dinheiro da maneira a mais desenxabida do mundo.

Nesse momento, e quase ao mesmo tempo, Honorina e Raquel entravam no terrado, e Tomázia saía dêle.

Tomázia tinha sofrido uma contrariedade no meio de sua glória dessa noite: o cavalheiro, que lhe havia pedido a sexta quadrilha, a tinha deixado ficar sentada, e Tomázia, quando não dançava, ou brigava com Venâncio, ou arquejava.

Há um costume velho nos saraus: ali se contam certos moços que querem dançar sempre, e a todo o custo; e, se encontram todas as moças engajadas, atiram-se para dois lados da sociedade, os quais êles consideram talvez como




dois esquadrões de reserva; são as crianças e as senhoras idosas; aí vão eles encher o número das quadrilhas que lhe faltam; porém, se no correr do sarau, aparece alguma jovem que os queira ouvir, os meus senhores não têm dúvida nenhuma de deixar esperando inútilmente tanto a velha, como a criança, que vão buscar para a quadrilha.

A Tomázia tinha sucedido, pouco mais ou menos, isso mesmo: seu prometido cavalheiro tinha deparado com uma jovem piedosa, e para logo esqueceu-se completamente de Tomázia, a-pesar mesmo de ser dona da casa.

Era por isso que Tomázia se achava em horas de tempestade: ardendo em desejos de encontrar em quem despejar seus furores, sua boa fortuna lhe mostrou o pobre Venâncio, que se dirigia para o interior da casa.

— Onde vais, Venâncio?...

— Tomázia, vou ver como vai isto cá por dentro...

— E que tem o senhor com o que vai pelo interior da casa?... não sabe que isso pertence ao cuidado das senhoras?...

— Está bem, Tomázia, não te aflijas... estás tão colérica...

— Colérica?... e como não estar, se sinto a todos os momentos que me acho casada com um tolo, um água-morna, que para nada serve...

— Oh senhora, nem mesmo agora me deixa descansar?!!

— Vamos... vá para a sala... ou mesmo será melhor que fique cá dentro, para me não envergonhar.

— Então, Tomázia, disse pacificamente Venâncio, queres que vá ou que fique?...

— Quero que me não exasperes!... bradou a mulher; anda... dá-me o braço, e conduz-me à sala.



O pobre homem chegou-se para ela, e torcendo-se com a dor dos beliscões que recebia, a foi acompanhando com os lábios enfeitados pelo sorriso mais mal fingido do mundo.

No entanto Honorina e Raquel se haviam assentado juntas em um dos bancos do terrado, e conversavam alegremente, quando entrou um jovem, que poderia ter pouco mais ou menos vinte e dois anos, e que se foi sentar defronte delas, triste e pensativo.

As duas moças, com uma rápida vista dolhos, fizeram um completo exame do recém-chegado: era moço, magro, e de estatura ordinária; tinha belos cabelos loiros, que lhe caíam em anéis em derredor da cabeça; estava pálido e triste, o que não deixava de dar alguma graça a seu rosto simpático, e talvez bonito para rosto de homem; vinha vestido todo de preto e de gravata branca, e prendendo à fina camisa um rico alfinete de esmeralda; calçava, enfim, botins envernizados. A figura graciosa e modesta desse jovem tocou notavelmente as duas moças: como êle se conservasse silencioso e com os olhos fitos no chão, elas começaram a falar em voz baixa:

— Quem é?... perguntou Honorina.

— Eu não sei, respondeu Raquel, não me lembro de ter visto êste moço.

— Está vestido sem exageração, e com elegância...

— Traz ao peito um alfinete de esmeralda... a côr verde quer dizer esperança; enção é porque êle tem alguma esperança no coração.

— Olha... êle não é feio.

— E está melancólico e pensativo... em que pensará êle?...

— Meu Deus... eu não posso adivinhá-lo.

— Pois pergunta-lhe.

— Raquel! tu julgas-me doida?...

— Não... mas tinha vontade de saber em que êle pensa.


 ieb


— E' que és muito curiosa, Raquel.

— Mas não, Honorina; é que é muito mau costume vir um moço sentar-se melancólico e cabisbaixo defronte de duas moças... e pensando... pensando em quê?...

— Olha... êle suspirou: Raquel, saiamos daqui.

— Por quê?... pelo contrário, demoremo-nos.

— Olha... suspirou outra vez.

— Coitado!... Honorina!... pergunta-lhe se está doente.

— Eu!... Deus me livre.

— Pois então pergunto-lhe eu.

— Raquel!...

— O senhor está incomodado?... perguntou a moça em voz alta.

O mancebo pareceu estremecer: ouvindo a voz de Raquel, levantou a cabeça, e fitou nas duas moças dois olhos cheios de fogo.

— Perdão, minhas senhoras, disse êle com voz comovida, perdão, se tenho cometido alguma falta!... eu não sei de mim mesmo!...

— Está doente?... perguntou outra vez Raquel.

— Cala-te, extravagante! disse Honorina ao ouvido da amiga.

— Oh!... muito doente... respondeu o moço animando-se; muito doente na verdade!... na minha cabeça está um fogo que me devora; no meu coração se cria... se agita um sentimento, que eu nunca experimentei até bem poucos dias, mas que hoje é já sufficientemente forte para fazer-me desgraçado!...

— Ora aí está o que tu querias ouvir; já sabes em que êle pensava?... murmurou Honorina ao ouvido de Raquel.

— Espera, tola, deixa ouvir a relação da moléstia do moço, disse Raquel; e voltando-se para o mancebo, continuou: e portanto veio



ao sarau para distrair-se? tem passado melhor?...

— Cheguei agora mesmo, minha senhora.

— Ah! pensei, que tinha estado cá desde o começo...

— Eu não sabia dêste sarau... não fui convidado... não conheço aqui ninguém...

— Então?...

— Passei... ouvi tocar... entrei: ninguém me perguntando quem eu era, cheguei até aqui: a primeira pessoa, que me falou, foi V. Ex.

— Mas... é quase uma imprudência; podiam tê-lo tratado mal.

— Pois se eu digo que estou louco!... que padeço, e não sei o que tenho... oh! não! isso não, eu sei bem o que padeço.

— Portanto...

— Eu amo.

As moças não disseram palavra.

— E' uma nova imprudência, que pratico, estar ocupando a atenção das senhoras com a relação dos meus sofrimentos; mas eu preciso falar para consolar-me!... Eu amo... muito! como ninguém amou ainda! amo uma virgem bela, inocente e pudibunda; e ela não sabe o que eu sofro, ignora a paixão que por ela nutro, ignora que vou morrendo pouco a pouco... em silêncio... com o meu segredo escondido no fundo de minha alma. Devo eu fazê-la corar diante de mim, perguntando-lhe se também me ama?... ou se me paga com ingratidão?

— Como terá sempre de chegar a êsse extremo... disse Raquel.

— Oh!... não!... balbuciou Honorina.

— Eu penso como a senhora, continuou o mancebo: fazê-la corar à minha vista, não; seria demais para ela. Eu tenho estudado um meio. VV. Exs. me têm tratado tão agradavelmente, que não hesito em confessar-lhes tudo.

— Vamos, Raquel, vamos para dentro.

— Não... deixa o senhor acabar.



— Minhas senhoras, o meu projeto é filho de um sonho; é um sonho, pois, que eu quero realizar. Eu sonhei que me havia encontrado com a jovem, que me fez enlouquecer de amor; não querendo implorar ali a sua gratidão, mas desejando merecê-la, fingi uma paixão... contei uma história, e disse que, para saber se era ou não amado, em uma manhã a mulher, que eu amava, acharia sobre a janela de seu gabinete uma sempre-viva; se ela fosse grata... guardaria a flor; se me desprezasse, deixá-la-ia cair para o lado de fora.

— E' um bonito sonho, disse Raquel.

— Que continua ainda, minha senhora. No dia seguinte, a jovem senhora, que eu amava, e a quem havia contado a minha história, quando acordou achou em cima da janela de seu gabinete uma sempre-viva!... lembrou-se de mim... lembrou-se do homem, que a adorava...

— E o que fez?... perguntou Raquel.

— Despertei nesse momento, minha senhora! ficou, pois, o sonho incompleto; mas eu quero aproveitar-me dele... realizá-lo... para ver no que acaba.

— Raquel... Raquel... vê como chega tanta gente... tu és louca, Raquel!...

— Sim... disse o moço: é a multidão que chega... a multidão que me pesa. Devo sair, minhas senhoras; agradeço a obsequiosa atenção com que fui ouvido: o sofrimento a merecia!...

O moço, como para não ser conhecido, escondeu parte do rosto com o lenço, e desapareceu no meio da multidão: Honorina e Raquel não o viram mais, durante o resto do sarau.

Aquele mancebo, cujo nome as duas moças ignoravam, mas que tinha uma figura nobre e simpática, e uma voz tão doce como comovida, deixou no espirito de ambas uma sensação serena e agradável.

O sarau terminou às duas horas da manhã.



ieb

XV

O BATELEIRO

Pouco antes das três horas da madrugada Hugo de Mendonça e sua bela filha desembarcavam de um carro no cais da rua Fresca. A velha Ema não tinha podido consentir que a sua Honorina dormisse aquela só noite na Côte; e como havia a sua condescendência chegado ao ponto de relevar, embora a custo, que a menina se expusesse aos horribéis perigos de um sarau, fôrça foi fazer-lhe a vontade também, voltando para junto dela logo depois de terminado aquele.

Apenas chegados aos cais, um moço alto e asselvajado se chegou a Hugo. A-pesar-de ser noite, conhecia-se, ao primeiro olhar, que era um homem de mar: calçava grossos sapatos, não trazia meias, suas calças eram de ganga azul, e já ruças, de tão usadas que estavam, e enfim vestia um quimão de baêta preta. Tendo seu chapéu em uma mão e o cigarro na outra, êle falou a Hugo de Mendonça com essa voz áspera e grossa tão comum nos patrões de nossos barcos.

— Meu amo; meu pai, que tinha ficado de esperar por V. S., lá se foi meter na cama com o maldito achaque de erisipela, que o persegue há vinte anos, de sorte que estou eu aqui, em lugar dêle, às ordens de meu amo.

— Ser levado a Niterói pelo senhor ou por êle, disse Hugo, contanto que vamos lá ter com prontidão e a salvamento, é para mim indifferente.

— Lá isso não tem dúvida, meu amo; eu conheço a baía do Rio de Janeiro como as palmas de minhas mãos.

— Pois então, ao largo!...

O batel soltou-se e navegou para a jovem capital da provincia do Rio de Janeiro.

Honorina tinha encarado o patrão e exami-




nava seus rudes traços, sua côr vermelha e tostada e dois olhos vivos, e na verdade belos, cujas vistas, sem expressão sim, mas certamente brilhantes, eram por desleixo do marinheiro meio nubladas pela enorme massa de longos e mal educados cabelos pretos, que lhe caíam toscamente sôbre os olhos.

O exame da moça pareceu incomodar ao rude patrão, que começou por coçar com força as bastas e crescidas barbas, que lhe escondiam três partes do rosto (único ponto de contacto, ou antes, de semelhança que, na opinião de Honorina, se dava entre êle e alguns dos jovens da moda, com quem acabava de estar no sarau); mas como visse que nem assim a jovem arrancava os olhos de sôbre êle:

— Juro, disse, que estou incomodando a senhora com o fumo do cigarro...

— Não, não, respondeu a moça, pode fumar: é certo que me dou mal com o cheiro do fumo; mas agora o vento, que sopra, o leva para longe de nós.

— Como estava olhando para mim há muito tempo, eu pensei que era por isso... e, pelo sim pelo não, cigarro na água.

E atirou com o cigarro no mar. Os pretos, que remavam, começaram a conversar em seu selvagem idioma, e riam-se maliciosamente.

— Olá!... bradou o patrão com voz estrepitosa, seja como for, quem manda aqui agora sou eu... leva de risadas!...

Sua voz áspera e rude tinha tomado um tom bravo; seu rosto exprimia algum sentimento mais forte do que o que nasce de uma contrariedade: em seus traços quase que transpirava a cólera.

Honorina teve receio dêsse homem, e arrependeu-se de haver olhado para êle.

— Perdoe-me, disse ela com voz trêmula, perdoe-me! quando eu olhava para o senhor não o queria ofender!...

E olhou, como que implorando proteção,



para seu pai, que havia insensivelmente adormecido. Ela teve o pensamento de despertá-lo; porém, sua mão, que para isso ia tocar nele, caiu-lhe de novo no colo, ao escutar outra vez a voz do marinheiro.

O receio... talvez o susto da bela passageira não tinha escapado aos olhos vivos e ardentes do jovem marítimo; seu rosto grosseiro se ameigou um pouco, como o leão que se curva apiedado diante da fraqueza e da inocência; êle abaixou, fez mesmo por adoçar um tanto sua voz agreste, e disse:

— Fui eu que ofendi a senhora com esta minha fala bruta; assustei-a; a senhora olhava para meu rosto, e viú a cara de um bicho... depois ouviu minha voz, como o uivo de uma fera, e teve mêdo!... perdoe-me!... perdoe-me!... tirando disto, eu não sou mau.

— Senhor... eu não estou ofendida...

— Descanse... olhe seu pai como dorme; porque me parece que êste homem é pai da senhora... durma também...

A moça obedeceu maquinalmente ao conselho do marinheiro: encostou o lindo braço todo nu na borda do batel, e pousando sôbre êle a cabeça, fechou os olhos.

Mas Honorina não queria, nem podia dormir: primeiramente as últimas palavras do patrão não tinham totalmente dissipado todos os seus receios; quem sabe por que desejava êle que ela dormisse?... o pensamento de que aquele homem poderia ser um malfeitor... um ladrão talvez, appareceu em seu espirito; mas temendo desafiar outra vez sua cólera, se patenteasse a desconfiança que sentia, acordando seu pai, ela fingiu adormecer; porém o jovem marinheiro continuava a mostrar-se sossegado e já respeitoso; e quando falava aos remeiros, sua voz parecia abrandar-se, de modo que semelhante menos uma ordem, que uma súplica. E pois as idéias desfavoráveis, que sôbre


 ieb


êle tinham aparecido no ânimo de Honorina, começaram a esvair-se pouco a pouco.

Depois, pode uma jovem voltar dum agradável sarau sem pagar o tributo das lembranças?...

Perguntai a toda essa bela turba de moças e mancebos, o que se passa durante o resto da noite que se queimou na pira dos prazeres de um sarau, e a uma voz vos responderão: "Ah! recorda-se, se se vela; sonha-se... quando se consegue dormir".

Recorda-se, sim, todos aqueles eloqüentes obséquios, aquelas palavras de sentido obscuro para todos, e bem claro para só ela que as ouviu, e que as recorda!... recorda-se, sim, o mancebo daquela interessante senhora... toda graças... toda espírito, que lhe arrastava o coração e os olhos, quando valsava; que lhe prendia a alma inteira nos ouvidos, quando lhe falava... recorda-se com saúde... mais do que com saúde de um simples — pode ser... — de um doce — talvez... — murmurado com os lábios quase cerrados, e que ainda assim soa tão ternamente no coração; um doce — talvez!... — palavra mágica! primeiro elo dos amantes! fonte das primeiras esperanças! — talvez... — expressão sublime... tão sublime no princípio de um amor nascente, como só o é no fim d'êlo — eu vos amo! — da mulher que se adora; recorda-se mesmo com interesse de um duvidoso — quem sabe?... — de um triste não sei: — a-pesar-de toda a sua bárbara frialdade!...

E sonha-se também; oh! sonha-se muito e ainda com o mesmo pobre mancebo, que a seguiu inútilmente toda a noite... sonha-se com o seu olhar de fogo que, embebido nos olhos dela, pareceu querer penetrar até sua alma pura, lá plantar o sentimento que dardejaval... sonha-se com o sorriso angélico da encantadora moça, que lhe deu uma inocente flor; sonha-se com aquele suspiro que se apanhou des-




ieb

cuidado; com aquele pé, em que se tocou por acaso; com aquele colo de alabastro, onde dois tesouros se deixavam adivinhar tão belos!

— Leva remos! disse o jovem patrão; porque chegavam à praia.

O batel arrastou seu bojo sôbre a areia, e quando a prancha caiu, o marinheiro despertou a Hugo de Mendonça e a Honorina com a menor rudeza que pôde:

— Chegámos, disse êle.

— Bem... bem... obrigado... saltemos, Honorina.

Honorina ergueu-se, e procurava as luvas, que havia pôsto sôbre o banco.

— Eis aqui uma, senhora, o vento a ia lançando no mar, enquanto a senhora dormia... foi por isso que parou em minhas mãos.

— Obrigada, respondeu a moça, a outra eu tenho cá.

Mas no momento de calcá-las, Honorina olhou com suprêsa para o jovem marinheiro, que ao pé dela se mostrava triste e submisso.

Hugo e Honorina desembarcaram; e o patrão, que recebeu o seu dinheiro, os viu partir.

Que a luva estava nas mãos do marinheiro Honorina o sabia, quando parecia procurá-la no banco; porque ela, fingindo dormir, velara durante toda a viagem, e vira tudo quanto se tinha passado no batel.

Primeiro, ela notou que o batel um instante se degovernara... ou talvez seguia rumo diverso, do que devera seguir, e o jovem patrão, que tão sabido se jactara de pilotagem, chamou a um dos remeiros, e por algum tempo lhe entregou o leme.

Depois ela sentiu que quando o batel se achou defronte da barra, o vento refrescou, e foi então que uma de suas luvas levantada por ela teria com efeito caído no mar, se o jovem marinheiro a não tivesse tomado.

Enfim, ela reparou também que êle, em lugar de tornar a pôr a luva, onde estava, bei-




jou-a muitas vezes... deu-lhe mil voltas, e por ultimo guardou-a junto do coração.

Receiosa ainda do que vira; supondo aquele homem tão rude... tão mal educado, ousado demais por interessar-se tanto por um simples objeto, que lhe pertencia, e não querendo por isso deixá-lo em suas mãos, Honorina fingiu procurar a luva, que lhe faltava, no banco, onde a tinha pôsto.

Quando a recebeu das mãos do marinheiro... ela a achou quente ainda do calor daquele peito grosseiro; a-pesar-disso, querendo calçá-la, fez um movimento de surpresa, porque dentro da luva estava alguma coisa demais... guardou silêncio então, por temer que seu pai pudesse ter uma disputa com um homem tão selvagem; e fingindo nada haver percebido, partiu com as mãos nuas.

Depois ela poderia falar, e dizer a seu pai quanto se passara; mas Honorina pensou que iria afligir o seu bom velho; além de que não deixava de sentir alguma curiosidade de saber o que continha a luva.

Com tais pensamentos chegou à casa. Ema os esperava cuidadosa; recebeu nos braços a querida neta, a quem achou mais pálida e por demais fatigada; graças talvez a isso, foi-lhe para logo permitido retirar-se para seu quarto em companhia da boa Lúcia.

No entanto, logo que Hugo de Mendonça e sua filha desapareceram aos olhos do jovem marinheiro, este fez certo sinal a um dos remeiros, que immediatamente, apertando o lábio inferior, soltou três assobios.

Alguns minutos depois um velho, cujos vestidos em tudo se pareciam com os do moço patrão, chegou-se para este.

— Então, meu cavalheiro, disse o velho.

— Aqui está o seu dinheiro, patrão; respondeu o moço, três mil réis, que deveria receber dos seus passageiros, e o dobro desta quantia que lhe prometi.



ieb

— Obrigado, senhor... senhor... ah! é verdade que ainda me não disse a sua graça.

— Nem creio que seja preciso dizê-la; não entrou isso no nosso ajuste.

— Também foi só por perguntar... eu cá não sou curioso; mas conte-me, como se houve... o certo é que o mar esteve de rosas...

— Todavia desgovernei uma vez... vi-me doido entre os navios... e a maldita voz de bronze, que me foi preciso fingir... enfim está passado; agora pertence-lhe o resto; o senhor jurou-me não dizer palavra.

— Pode ficar certo, que eu cá para isso sou um poço.

— Ótimamente. E pretende ir dormir?...

— Quando está para amanhecer, senhor?...

— Tanto melhor; dentro de uma hora parto para a Côrte; quer levar-me?

— Sem dúvida.

— Bem; eu volto imediatamente.

Com efeito, uma hora depois um interessante mancebo, cujos vestidos sem dúvida muito decentes estavam todavia em censurável desalinho, saltou dentro do batel, que regressou para a Côrte; uma metamorfose completa se havia pois operado no marinheiro de cabelos pretos.

— Mãe Lúcia! mãe Lúcia!... dizia Honorina à sua ama, tendo um pequeno papel diante dos olhos; eis aqui!... é portanto sempre êle!...

— Quem, menina?...

— O homem que trabalha por enlouquecer-me... que põe uma carta debaixo da janela de meu quarto... que se veste de cabeleireiro para cortar um anel de meus cabelos, que se veste de marinheiro para viajar comigo, e deita um escrito dentro de minha luva!...

— Pois êle escreveu...

— Sempre as mesmas... as minhas próprias palavras!... ouve: "Honorina! eu te amo! eu te amo com êsse amor de poeta, com êsse

ieb



amor de fogo, que ainda quando acaba na desgraça e na morte, contanto que seja sempre o mesmo amor, é por força bem belo!..."

— E portanto é que éle lhe ama muito!

— Oh!... mas quem se esconde é porque teme causar horror!...

— Senhora!...

— Está bem, mãe Lúcia, eu quero dormir... amanhã que me deixem na cama até bem tarde.

— Pois será assim, menina. Boa noite!

— Boa noite!...

Mas como dormir?... como conciliar o sono, quando se tem tanto em que pensar, tantas idéias a ligar, e sobretudo um mistério a decifrar?... porém Honorina lutou em vão com esse mistério; o homem que a amava, nunca lhe tinha aparecido tal qual era; havia-se mostrado sempre ridículo ou estúpido... com uma cabeleira ruiva, ou com uma de cabelos pretos... longos e tão grosseiros, que pareciam nunca haver conhecido um pente, e ser bem capazes de rebentar o mais forte que primeiro ousasse querer domá-los!... era por força feio, detestável, horrível, o homem que se escondia assim.

E do feio... detestável... horrível, o pensamento de Honorina fugiu procurando um objeto bonito... e amável, em quem, por alguns momentos ao menos, pousasse; e pousou na imagem do Moço Loiro, que se havia sentado no terrado, triste e pensativo defronte dela e de Raquel.

Oh! aquele mancebo, a-pesar-da extravagância e leviandade que mostrou falando tão imprudentemente de seus amores a duas jovens desconhecidas, deveria ter deixado no ânimo de Honorina uma impressão bem agradável e talvez bem perigosa para que ela, com o pouco tempo que o viu, se lembre tão bem dêle, que sua imagem a ocupe por momentos.

Com efeito Honorina tem diante de si a graciosa figura do apaixonado mancebo: ela o



vê ora melancólico e pensativo suspirando silencioso... depois com sua cabeça levantada... seus cabelos loiros caídos em belos cachos sobre as orelhas... seus brilhantes olhos dardejando vista de fogo... ela escuta sua voz doce e comovida... enleva-se vendo o triste sorriso de seus lábios... enfim, ela o vê partir... escapar-se por entre a multidão, que entra no terrado, com o lenço sobre o rosto, como para não ser conhecido...

Mas a imagem, que desapareceu, volta de novo para repetir-se a mesma cena... duas... três... mil vezes até o romper da aurora.

E' que em seus sonhos de inocência e de amor Honorina tinha desde muito tempo muitas vezes sonhado uma bela imagem de fantástico mancebo, que aquele moço venturoso viera realizar!...

A natureza havia despertado com a aurora, e o ruído que traz o dia arrancou Honorina de suas meditações.

A moça lembrou-se pela primeira vez de si própria, e sentiu então que sua cabeça ardia... que ela não estava boa... que ela estava talvez próxima a padecer também a mesma moléstia do Moço Loiro.

Semelhante idéia fez estremecer Honorina, e, pois, apertando a cabeça com as mãos, exclamou:

— Não! não! meu Deus!... isso não!...

E cerrou as pálpebras para nada ver: e cobriu a cabeça para dormir.

Mas, apesar dela, a imagem do Moço Loiro vinha outra vez para diante de seu espírito, com uma doce harmonia, que se tem ouvido, que se deseja esquecer, e que se está repetindo no pensamento sem querer!...

Honorina ergueu-se espantada, do que se passava nela, e atirando-se fora do leito, exclamou de novo:

— Não!... não!... isso não, meu Deus!...


 ieb


Lúcia, cuja câmara era imediata à de Honorina, e que ouviu a exclamação dela, temendo alguma novidade, veio ver a sua querida filha; mas ficou estática e silenciosa observando-a da porta. Honorina, desassossegada e aflita, correu para a janela... abriu-a, levantou a vidraça para deixar entrar as auras da manhã, e... recuou surpreendida...

Na janela estava deposta uma sempre-viva, e por baixo desta um papel com algumas linhas escritas.

Uma sempre-viva!... Honorina lembrou-se do sonho do Moço Loiro. Por consequência, a jovem adorada era ela!...

Depois de alguns momentos de hesitação ela tirou o papel que estava por baixo da flor, e leu: "Honorina!... se ela me for grata, guardará a flor; mas se me desprezar, deixá-la-á cair para o lado de fora... foi o meu sonho: ah! eu te amo! eu te amo com êsse amor de poeta, com êsse amor de fogo que acaba quando acaba na desgraça e na morte, contanto que seja sempre o mesmo amor, é por força bem belo!..."

— E portanto, murmurou Honorina tremendo, mas levantando insensivelmente o papel até junto do coração, e portanto o Moço Loiro era êle!...

Depois, como cedendo a um impulso repentino, a moça lançou-se para a janela... ia atirar a flor para fora... mas antes que sua mão tocasse nela, o zéfiro da manhã, que com doçura soprava, fez a sempre-viva rolar brandamente pela janela até tombar dentro do quarto.

Como levada pela força de um milagre, Honorina olhou sorrindo-se para a flor e disse:

— Oh!... ainda bem que não fui eu!... foi o teu sópro, meu Deus!...

E sentando-se junto do tocador com a face pousada na mão, esteve em silêncio muito tempo com os olhos fitos na flor... depois soltou um suspiro e adormeceu.



Quando Lúcia viu que ela dormia, cerrou mansamente a porta e retirou-se, fazendo em voz baixa:

— Ela o ama.

XVI

RESULTADOS DO SARAU

Portanto o sarau de Tomázia não tinha sido infecundo.

Nós vimos como uma moça, que para elle fôra com o coração virgem de amor, voltara possuída de um sentimento novo para ella, e que talvez, apesar seu, seja o próprio, que não conhecia. E nós vamos ver que outros corações há, nos quais essa noite deixou vestígios mais ou menos profundos, e impressões duradouras.

Uma mulher na primavera da sua vida, bela para conquistar os olhos, pálida e graciosa para inflamar o espirito dos que a vêem, havia apparecido nesse sarau, e involuntariamente arrancado a palma da vitória aos mais encantadores e vaidosos semblantes: essa mulher, pois, devia ter dado origem a dois sentimentos oppositos...

Era o que tinha realmente acontecido.

Simples, modesta e formosa, Honorina, deixando o sarau, arrastava após si, sem o querer, sem pensar em tal, vinte corações de mancebos; cercada de adorações, vitoriosa sempre, a mais requestada entre todas, seguiu-a, em compensação, a inveja de algumas, o ciúme de outras, e o desagrado da maior parte das moças.

Mas, ou porque o amor, quando não correspondido, é (para alguns) como uma exaltação etérea, que se esvai de súbito; ou porque o coração dos nossos mancebos seja para esse sentimento como o espelho, que reflecte a imagem de todos os semblantes, e todos os semblantes



esquece desde o instante em que lhe fogem; ou porque, enfim, muitos sabem amar em triste silêncio, e fazer do próprio coração um túmulo para seu amor não aceito, alguns dos adoradores de Honorina não ousaram apresentar-se mais.

Muitos padecentes infelizes contentaram-se, porque mais não podiam em ir todos os dias passar duas vezes junto ao gradil da bela casinha de Niterói, derretendo-se-lhe os olhos sobre o banco de relva no qual tinham visto por acaso Honorina descansando um momento.

Outros, aproveitando-se da amizade, que entretinham com o pai da moça, lá foram queimar suas almas no fogo dos olhos dela, e... puseram em tributo a paciência de Hugo, e da velha Ema, a quem pagavam horas inteiras de maçada com o oferecimento de pitadas de ótimo rapé.

E porque seja destino de toda a moça bonita contar sempre entre seus sérios apaixonados algum tolo ou impertinente, Honorina tinha tido a desgraça de agradar também a Brás-mimoso e a Manduca.

Mas essa moça, a quem já conhecemos tão ardente, tão entusiasta, e (digamos assim) tão nascida para amar, conservava-se no meio de tanto fogo, insensível e fria.

Nem o mais leve favôrio de esperança tinha conseguido um só de seus apaixonados.

Mas o objeto do amor de tantos homens devia ser o do despeito de dobrado número de senhoras.

Com effeito, elas haviam sido feridas em dois pontos por demais sensíveis... Aquele ardor, com que no sarau todos os cavalheiros procuravam dançar com Honorina; a deserção cruel, que cada bela senhora notou no círculo de seus adoradores; a multidão que criou, acompanhou, e incensou durante toda a noite a — jovem romântica —; aqueles cem olhos de elegantes mancebos, que estavam sempre embebi-



ieb

dos no rosto dela; mil episódios, mil pequeninos incidentes, nenhum dos quais escapou, nem podia escapar, tudo pareceu dizer, tudo disse a Honorina — tu és a mais bela!

E no meio de cinqüenta moças dizer a uma — tu és a mais bela... tu és a rainha! é ferir, é torturar o amor próprio de todas as outras; e amor próprio é o — *noli me tangere* — da mulher; é levantar aquela até um ponto, onde não podem chegar as outras; mas para onde elas mandam por si — o despeito.

E sobre esse golpe, que foi comum a todas, caiu um outro, que feriu principalmente a uma.

Otávio, não podendo resistir à força dos encantos de Honorina, amou-a mais do que todos os seus competidores; amou-a ardente e loucamente; amou-a como nunca dantes tinha amado.

Lucrécia, a antiga dama dos pensamentos de Otávio, Lucrécia, hábil e perspicaz, compreendeu desde logo que seu amante faltava aos juramentos tantas vezes repetidos, que a traía enfim!

E Honorina era a causa, embora involuntária, dessa traição.

Exasperada porque via acima de sua vaidade a cabeça angélica de uma moça encantadora; exasperada, porque amava sempre, e muito, a Otávio, Lucrécia queria vingar-se; mas em todos os projetos de vingança, o meio... e a vítima era somente Honorina.

Desde o instante da cruel convicção de sua derrota, Lucrécia determinou colocar-se entre o perjuro, e a rival; sabendo que Otávio, esquecendo do passado e só cuidadoso de seu recente afeto, se aproveitara do antigo conhecimento, que o podia aproximar de Hugo de Mendonça, o procurara e cercara de obséquios, e finalmente chegara até junto de Honorina, não hesitou: fez alugar uma casa em Niterói, e não longe da da sua rival; correu a oferecer-lhe sua amizade, eternizou nos lábios o seu belo sorrir, que tão bem condizia com a doçura de


 ieb


seus lindos olhos azues; e recebida com prazer pela incauta jovem, ela ficou lá pronta para opor-se como uma barreira ao homem que a tinha ofendido, e, a ser preciso, para sacrificar a beleza, e inocência de Honorina nos altares de sua vaidade.

Otávio e Lucrécia personificavam os sentimentos que por Honorina nutriam os homens e as senhoras.

Uma única diferença havia.

Otávio era o mais apaixonado e ardente dos pretendentes que Honorina tinha, contra a sua vontade, trazido do sarau.

Lucrécia a menos nobre de todas as senhoras; isto é, nenhuma das rivais de Honorina desceria até o ponto a que é capaz de descer a viúva.

.....
Duas semanas são passadas depois do sarau de Tomázia.

São nove horas da noite. Brás-mimoso e Félix acham-se em casa de Venâncio: a conversação tinha naturalmente caído sobre Honorina.

— Nós já a vimos com mais vagar, disse Tomázia; há três dias que veio com seu pai cumprimentar-nos... ao menos política sabem êles...

— Política sabem êles, repetiu Venâncio.

— Quanto ao mais, outra vez digo, não é lá essas coisas, disse Rosa.

— Deixa-te disso, mana, acudiu Manduca, foi a moça mais bonita que cá veio...

— Ora... vocês todos são assim; se amanhã chegar alguma outra mocinha... adeus, Sra. D. Honorina!...

— Não eu, que me acho apaixonado até os olhos! exclamou Brás-mimoso.

— Também o Sr. Brás?... muito bem: falta um para duas dúzias; primo Félix talvez queira inteirar a conta.




ieb

— Não, prima Rosa, se eu quisesse amá-la, não precisava de conselhos... mas confesso que, achando D. Honorina bonita, não sinto contudo grande abalo por ela.

— Quem sabe!... meu primo; talvez que você quando levantasse os olhos para olhá-la, não a visse por estar alta demais...

— Pode ser, prima; mas falando assim, você faz de antemão muito baixa idéia de outra mulher.

— Como?...

— Porque deve acreditar baixa demais a mulher, a quem eu ousar oferecer o meu amor. O rosto de Rosa se tornou da cor do seu nome; pois que acabava de ser cruelmente ferida com suas próprias armas.

— Lá pela conta dos vinte e quatro não hajam arrufos, disse Brás-mimoso, eu posso apresentar um nome, que talvez não esteja na relação.

— Vamos a êle, disse Tomázia.

— O Sr. Otávio.

— Otávio! exclamou dando uma risada Tomázia: Sr. Brás, asseguro-lhe que está muito atrasado.

— Está muito atrasado, Sr. Brás, repetiu Venâncio rindo-se também com sua mulher.

— Mas explique-se, Sra. D. Tomázia.

— Pois não sabe que êle é homem sôbre quem não pode calcular nenhuma moça solteira?...

— Por que?...

— Porque é parcela votada no orçamento da comadre Lucrécia.

— Está muito atrasada, Sra. D. Tomázia!... exclamou Brás-mimoso, dando por sua vez uma risada.

— Então o que há de novo!... conte-nos.

— Estão de arrufos!...

— Quem, Sr. Brás?...

— Otávio e sua comadre...

— E' possível?!...



— Por causa da mesma feiticeira que nos encantou a todos...

— Ora, feiticeira!... feiticeira!... murmurou Rosa; no meio de uma conversa séria, saíse com aquilo.

— Mas como pode ser isso, Sr. Brás; se a comadre Lucrecia está agora dia e noite na casa de Honorina, e parece ser a sua melhor amiga?... em menos de oito dias de conhecimento travaram uma amizade, que parece de anos.

— Lá êsses segredos só as senhoras poderão explicar: quem é que até hoje compreendeu um coração de mulher?...

— Mas duas rivais darem-se assim...

— Rivais, não disse eu; porque Otávio ama loucamente uma senhora, não se segue que ela por isso lhe corresponda.

— Então D. Honorina é algum anjinho, que não sinta o que nós sentimos? perguntou Rosa; não há ninguém nesse mundo que lhe mereça um suspiro? meus senhores, tenham cuidado que não voe para o céu seu querubim!...

— Não, não digo isso, tornou Brás-mimoso; porém afirmo que não é Otávio o mais feliz de seus adoradores.

— Então quem é, quem é o venturoso conquistador daquele belo milagre da natureza?... perguntou Rosa.

— Eu... eu não saberei dizer, respondeu Brás-mimoso, fingindo-se acanhado; ainda é tão duvidoso...

Bravo!... bravo!... parabéns, Sr. Brás, gritou Tomázia.

— Bravo!... parabéns!... parabéns!... repetiu Venâncio.

— Devia ser assim!... exclamou Rosa rindo-se muito; os senhores merecem-se igualmente!...

— Ora... não era isso... o que eu queria dizer; mas enfim... certos sinais que vi, e que um homem entendido nestas coisas sabe muito bem compreender...



— Bem bom!... bem bom!... disse Rosa, vamos aos sinais...

— Desnubrar arcanos de amor, minha senhora?

— Todos nós aqui somos de segrêdo... olhe, eu não tenho na vizinhança senão seis amigas, com quem converso: o seu segrêdo não pode passar desta rua; além de que ninguém lhe mandou principiar.

— Os sinais, Sr. Brás, os sinais!...

— Enfim... vá...

Brás-mimoso, sem reparar que Manduca estava já roncando de raiva, começou:

— Talvez, atendendo a estas minhas maneiras delicadas, ao espirito e subtileza, que, sem vaidade o digo, desenvolvo em um sarau... D. Honorina mostrou-me uma predileção...

— Ora isto já passa de impostura!... bradou Manduca.

— Cala-te, Manuelzinho... Sr. Brás, não faça caso do que êle disser... disse Tomázia.

— Não faça caso do que êle disser, repetiu Venâncio; continue, Sr. Brás, não faça caso do que êle disser.

— Está com ciúmes! coitado!... acudiu Rosa.

Brás-mimoso não cabia em si de contente: o ciúme de Manduca o enchia de glória.

— Pedindo-lhe para valsar comigo, continuou Brás-mimoso, ela respondeu-me que sentia bastante estar já comprometida com outro: ora isto de — sentir bastante — não será muito explicativo!...

— Muito!... muito!... não tem dúvida...

— No terrado, em um momento infeliz, escoreguei tão fortemente que, se me não seguro à casaca de um amigo, esbarrava por força diante dela; quando me endireitei, olhei-a, e vi que ela se estava sorrindo docemente... bem se vê que isto não deixa dúvida nenhuma!...

— Mas, Sr. Brás, acudiu Rosa, se eu estivesse lá, e lhe visse escorregar, não me ria doce-




mente, soltava mesmo uma gargalhada, e ninguém dirá que somos apaixonados.

— Por isso mesmo... no rir-se docemente é que está o segredo!...

— Ora vejam isto!... e minha mãe me chama de tolo!... tolo eu, quando o Sr. Brás diz destas!... exclamou Manduca.

— Enfim, minhas senhoras, por duas ou três vezes ela olhou-me com expressão tal, que...

— Se é por isso, interrompeu Manduca, ela de uma vez também me olhou com expressão três vezes...

— Mano, isso precisa de explicação.

— O que precisa de explicação, é o que tem dito o Sr. Brás, exclamou Manduca afrontado; porque é muito mal feito andar-se impondo de namorado de uma moça tão inocente.

— Bravo!... que inocência!... disse Rosa.

— Pois eu tenho culpa de lhe haver agradado?... tornou Brás-mimoso.

— Qual agradado nem meio agradado; pois o senhor se capacita de que uma moça de bom gosto havia de interessar-se por esqueleto de cinqüenta anos?...

— O Sr. Manuel Venâncio me insulta!... exclamou Brás-mimoso.

— Manuelzinho, cala-te!... gritou Tomázia.

— Cala-te, Manuelzinho, repetiu Venâncio.

— O senhor, continuou Brás-mimoso, endireitando a gravata, com ter menos de vinte anos não é capaz de ser mais bonito nem mais engraçado do que eu.

— Pois mostre-se tal qual é, respondeu Manduca; tire os cabelos postiços, os dentes postiços, a cor postiça da cara!... o senhor sempre é um homem que usa de mais postiços, do que a própria mana Rosa...

— Não seja tolo, ouviu!... acudiu Rosa enraivecida, não me meta lá nas suas tratadas... minha mãe, ouça o que está dizendo este pateta.



— Manuelzinho, retira-te, disse Tomázia; a tua cabeça não está boa.

— Retira-te, Manuelzinho! repetiu Venâncio: Sr. Brás, não repare, a cabeça dêle não está boa.

Manduca retirou-se furioso da sala, jurando vingar-se de Brás-mimoso.

— Não se enfade, Sr. Brás... aquilo é fogo de palha: tem estas imprudências; mas é um menino muito bem criado e de muito bom gênio.

— Eu tenho-lhe amizade, disse Brás-mimoso, já menos irado; sei o que é o ciúme... o Sr. Manuel foi infeliz... é um rival, que caiu por si mesmo; o mais terrível, e o que me dá mais cuidado, é Otávio.

— Eu sei que êle já frequenta muito a casa de meu amo, disse Félix.

— Pois bem: é êsse o único que me incomoda; mas ao menos êle não pode deixar de ver-se muito atrapalhado.

— Por quê?...

— Porque sua comadre mudou-se para Niterói, e consta-me que não deixa a companhia de D. Honorina... isto há de dar ainda muito que falar.

— Rosa!... que belos dias temos de passar... é preciso entrelaçarmo-nos de amizade com D. Honorina: domingo, agrados sôbre agrados!

— Então domingo...

— Estamos convidados a passar o dia com ela...

— Minha senhora... se eu pudesse ser apresentado...

— Oh! será uma contrariedade para Manuelzinho; mas se quiser pode ir em nossa companhia, e devo crer que será bem recebido.

— Disso tenho eu certeza.

— Pois muito bem; está convidado.

— Oh! presente do céu!...

.....

ieib



No entanto que alguns dos apaixonados de Honorina preparavam-se para lutar, que Lucrecia se dispunha para vingar-se, ou, pelo menos, opor-se à ventura de Otávio, e Tomázia e Rosa se tratavam para observar e murmurar; o que estaria projetando ou fazendo êsse homem, de que nenhum deles sabe, êsse incógnito, cuja existência só tem sido sentida por Honorina, Raquel e Lúcia?...

Duas semanas são passadas desde seu último aparecimento: não há nenhuma notícia dêle; ninguém o conhece... e Honorina, que em silêncio pensa nele, não se anima, nem se animará nunca a perguntar pelo Moço Loiro.

E quem é êsse homem das sombras e do mistério?...

E o que quer dizer êsse continuo pensar do espírito de Honorina, que pende sempre docemente em suas reflexões das vigílias, e em seus sonhos das noites para êsse jovem desconhecido?... o que quer dizer?...

Extravagante, estouvado por força, êsse personagem misterioso, que ainda se não sabe, ao certo, que cara tem, que muda de semblante, de ofício, de vestidos, e de cabelos a cada hora, como pôde tão vivamente tocar a alma (e quem sabe se também já o coração), de uma inocente moça?...

Oh!... é porque a mulher ama sobretudo o que lhe parece mais romanesco e misterioso!

Sem que se dê por tal, ela é apenas curiosa no principio, logo depois se faz interessada... e é um milagre se escapa de ser amante no fim.

E Honorina, que na côr pálida de seu rosto, na delicadeza de sua compleição, e em todos os seus traços, enfim, deixava ler êsse temperamento, talvez perigoso, mas sempre interessante, no qual a vida está no sentimento, e com o qual, somente, se sabe compreender, sentir e alimentar essa paixão ardente, cujo fogo não minora, não se extingue nem ao sopro do infortúnio, nem ao poder da prepotência, e com



o qual enfim basta a impressão ligeira de uma figura, que se vê na sombra... diáfana... misteriosa, que se adivinha bela, que se sonha, como se deseja para dar um rumo ao batel da vida, que nem o tufão da tempestade, nem a agitação das vagas pode jamais mudar; para dar um doce pendor ao espírito, que nem a docilidade dos conselhos, nem a força de uma ordem, nem o rigor do despotismo pode fazer desaparecer; e Honorina, dizemos nós, romanesca e entusiasta, tinha cedido à força de sua organização e ao enlêvo do misterioso proceder do homem, que a amava na sombra.

E portanto já havia um segredo na vida da moça, e apesar dela uma ação, que às vezes a obrigava a levemente corar. O segredo estava em seu coração... ainda pouco inteligível para ela mesma: era o sentimento, que começava a votar ao Moço Loiro; a ação, de que levemente corava, era o ter ela guardado a sempre-viva, que o zéfiro da manhã lhe atirara dentro da câmara.

Dois semanas estavam passadas depois da noite do sarau. Novas amizades tinham vindo ocupar-lhe horas de alguns dias: Lucrécia, que havia alugado uma casa em Niterói, era então assídua junto dela, e a cercava de obsequiosos cuidados; mas Honorina se contrafazia ao pé de Lucrécia; amava a solidão... suspirava em silêncio, e apesar seu... pensava no Moço Loiro.

Honorina se tinha tornado docemente melancólica, o que fazia ainda mais realçar os seus encantos.

Era preciso sem dúvida confiar seus sentimentos... seus receios e seu estado a uma amiga; mas Lúcia tinha o triplo de sua idade, e pôsto que não hesitara em mostrar-lhe os primeiros escritos do Moço Loiro, agora ela não podia resolver-se a corar diante dela, confessando-lhe que guardara a — sempre-viva —, ainda que lhe repetisse as mesmas palavras que



costumava dizer a si própria para desculpar-se diante de sua mimosa consciência de moça:

— No fui eu... meu Deus! foi o teu sópro.

Lucrécia... Lucrécia não era a sua amiga da infância, como Raquel, e Raquel estava longe dela.

Finalmente na manhã de sábado Hugo conveio em levar um bilhete de sua filha a Raquel; e pois Honorina escreveu depressa:

"Raquel!... Não nos pudemos falar a sós no dia em que fui à côrte; e eu tinha tantas coisas para te dizer!... vem hoje, Raquel; dormiremos juntas, e eu te contarei uma história bem sigular: vem hoje, Raquel, ver a tua amiga — Honorina."

Nesse dia, não; mas na manhã do seguinte, Honorina abraçou a Raquel.

XVII

CANTO AO LUAR

Um dia inteiro se tinha passado sem que Honorina e Raquel tivessem podido estar a sós alguns momentos. A casa de Hugo se achava cheia de visitas. Lucrécia se havia apresentado às nove horas da manhã; Otávio um pouco depois; às onze horas do dia Venâncio com sua família, e Brás-mimoso; e enfim Félix: era preciso, pois, que Honorina se repartisse por todas aquelas senhoras, que agradasse aqueles homens, que, em suma, desse alma à sociedade reunida em casa de seu pai.

O dia foi correndo prazenteiro e belo. Ema, a-pesar-de não compreender como era possível tolerar-se a liberdade que aqueles homens tomavam com as senhoras, conversando, gracejando, e lisonjeando a todas elas, não podia deixar de encher-se de orgulho, vendo a graça e a nobreza com que se portava a encantadora neta.



ieB

O jantar serviu-se tarde; e, já ao anoitecer, a sociedade, levantando-se, derramou-se pelo jardim. Ema, que não podia expor-se ao ar frio da noite, ficou na sala, acompanhada de Venâncio e de Jorge, o pai de Raquel.

Hugo de Mendonça passeava com Tomázia.

Honorina, defendida pela amizade de Raquel, vigiada pelo ciúme de Lucrecia, perseguida pelos impertinentes obséquios de Otávio, espantada das loucas pretensões de Brás-mimoso e do ridiculo proceder de Manduca, caía às vezes em doces meditações, nas quais vinha quase sempre a imagem do Moço Loiro tomar o pósto mais nobre.

Félix dava o braço à sua querida prima; e, único feliz entre tantos, esquecia-se, conversando com ela, do tempo que passava, dos olhos que o cercavam, do passado, do presente, e mesmo do futuro.

Porque o homem, que passeia com a mulher que ama, é um ente excepcional, cujo mundo não passa dela e d'ele; cujo mundo é fechado pelo horizonte do amor, horizonte belo, côr de rosa, brilhante, limitado... tão limitado, que dentro d'ele só cabem dois corações, sómente soam as palavras de duas bocas, sómente pensam duas almas: troca-se entre ambos uma linguagem, um idioma de fogo, e sempre novo, que se fala pelos olhos e se entende pelo tremer dos braços ou pelo palpar dos corações: tudo que os cerca está fora de seu mundo, não tem nele existência possível; ai só vivem os dois... e o amor.

Depois dalgum tempo de passeio, as senhoras recolheram-se: Hugo foi ajuntar-se e tomar parte com Venâncio e Jorge na conversação de sua mãe, que, entusiasmada, se exaltava, fazendo a apologia das belezas, dos prazeres, e dos puros costumes do seu tempo.

Otávio uniu-se a Félix, e ambos desapareceram pelas mais obscuras ruas do jardim, co-


 ieb


mo se os ocupasse objeto de muito subido interesse.

Brás-mimoso e Manduca passeavam cada um para seu lado; mas na volta de uma rua encontraram-se, talvez contra a vontade de um dêles.

Aqueles dois completos namorados sem ventura eram, em verdade, a personificação de duas classes de homens, que todas as senhoras devem mais ou menos ter encontrado no decurso de sua vida. Vejamos se, dando conta do caráter de cada um dêles, poderemos ter a felicidade de chegar ao ponto de que cada moça, que tiver estas linhas diante de seus belos olhos, possa dizer consigo ao recordar a coleção dos seus impertinentes adoradores: — “Brás-mimoso se parece com este —; Manduca é o retrato daquele —”.

Há um sentimento... oh! seria profanação dar-lhe o sagrado nome de amor. Começemos, pois, de outro modo.

Há homens detestavelmente vaidosos, homens insolentes, que não vêm na mulher senão a mais fraca e humilde das criaturas; homens, que não amam nunca; pois são incapazes de tão nobres sentimentos, mas que trabalham para ser e se ufanam de parecer amados. A alma desses homens é torpe, é alma de lodo; e a mulher infeliz, a quem requestam, é, por força, a vítima de sua vanglória; porque de duas uma, ou ela é bem desgraçada para corresponder a fingidos extremos, ou dêles sabe zombar. No primeiro caso, lá vão os miseráveis ostentar seus triunfos por toda a parte... nas assembléias, nos passeios, e no teatro êles desafiam a atenção do público para que todos sintam suas vitórias, invejem suas felicidades, proclamem-nos como conquistadores, embora à custa do nome e do crédito da vítima!... e quando uma senhora os tem tratado de maneira, que em sua própria vaidade não ousam supor-se felizes, êles ousam contudo por jactância, e por vingança impor... fingir... dizer




ieb

sê-lo! para êles o nome e a fama de uma mulher não é mais que a flor, que importa pouco ser quebrada, murcha e perdida, contanto que sirva um momento para ornar a coroa de seus improvisados triunfos.

Brás-momoso, com ser tão ridículo em si mesmo, era um dêsses homens.

Há outros que, pelo contrário, nem se sabem fazer amantes: outros que, vivamente interessados por uma senhora, ficam duas horas a sós com ela sem lhe dizer palavra, e, quando ela se retira, vingam-se de si mesmos beijando suas pisadas, e se conservam uma noite inteira contemplando a cadeira em que ela esteve sentada; que comem o palito, que lhe caiu dentre os dentes, que beijam em segrêdo o papelzinho que ela enrolou entre os dedos, que decoram e adoram os versos das balas que se atreveram a estalar com ela, que a servem nas sociedade como um escravo, e depois se retiram para um canto, olhando-a de longe, e abaixando os olhos se se encontram com os dela; que quando são obrigados a dar-lhe o braço, tremem como varinhas verdes; se ousam dirigir-lhe a palavra, gaguejam e se perturbam a ponto de causar piedade; e que finalmente confiando, a mêdo, seus extremos a um amigo, lastimam-se, choram e vivem assim.

Manduca era pouco mais ou menos um namorado dêste gênero.

Ora parece, depois do que vem dito, que naturalmente o homem que impõe deve ser forte e valente, e aquele que chora fraco e desanimado; pois por notável contradição succede o contrário disso: as mais das vezes o chorão é um Hercules, e o impostor um covarde. E mais um exemplo vem para a regra; porque Manduca tem o braço de um atleta; Brás-momoso, a natureza de um poltrão.

Exatamente por êsse motivo Brás-mimoso, que achava — um não sei que — no rosto de Manduca, desde a última noite, que havia passa-


 ieb


do na casa de Venâncio, não tinha lá a maior vontade de encontrar-se com o moço em lugar solitário; porém tantas voltas deu o filho de Tomázia pelas ruas do jardim, que, depois de aturado trabalho, conseguiu encontrar-se cara a cara com Brás-mimoso, que, um pouco desapontado, e com o mais desengraçado, e menos bem fingido disfarce, ia já se voltando para trás, quando Manduca o chamou, dizendo:

— Sr. Brás, faça-me o favor...

— Oh! S. Manuel! exclamou Brás-mimoso, ora... muito bem diz o ditado — os que se encontram se encontram sempre.

— Fico-lhe obrigado; mas ouça-me, pois tenho que lhe falar.

— E eu também... quero dar-lhe os parabéns... o senhor tem sido feliz... felicíssimo... o nosso amigo Otávio deve trazê-lo na garganta.

— Peor é estar-me o senhor a trucar de falso!... disse Manduca, levantando a voz.

Brás-mimoso estremeceu desde os pés até à cabeça.

— O Sr. Manuel parece um pouco... exacerbado!... creio que não fui eu, quem teve a desgraça...

— E então já se esqueceu do que disse em minha casa sexta-feira à noite? perguntou o moço.

— Oh! pois V. S. ainda se lembra disso?

— Lembro-me perfeitamente de que o senhor se fez de grande valentão, porque estava à vista de minha mãe; e portanto venho aqui repetir-lhe o que então disse, e dar-lhe um conselho proveitoso.

— Sr. Manuel, V. S. abusa da minha posição...

— Eu quero repetir-lhe na cara que o senhor é um esqueleto de cinquenta anos... um velho muito ridículo e miserável; pois que, sem se lembrar de que tem cara de avô, anda com pretensões de moço de vinte anos...



ieb

— Senhor... eu vejo que devo ser prudente com V. S.... eu me recordo de que V. S. é o filho de um homem... e de uma senhora...

— Digo-lhe, continuou Manduca, que me não importa que o senhor persiga com suas maneiras ridículas e desprezíveis aquela bela senhora; pois que eu a suponho com bastante juízo para não fazer caso de uma ostra, de um caranxa espantilhado, como o senhor...

Brás-mimoso tremia, e suava suores frios; por isso ouviu sem dizer palavra aquele ataque feito a seu amor próprio.

— Porém, prosseguiu Manduca, e aqui vai o conselho; se o senhor tiver o atrevimento de gabar-se uma outra vez em qualquer parte do mundo de ter sido atendido por D. Honorina, já que mostra tão pouco juízo, que parece haver-se tornado de novo criança, tenha a certeza de que me acha disposto a persegui-lo cruelmente.

— Está bem, Sr. Manuel, diga o que lhe parecer...

— Juro-lhe que sou capaz de arrancar-lhe a cabeleira mesmo à vista de D. Honorina.

— Senhor... mas eu não sei em que tenho merecido a inimizade de V. S....

— E como, em todo o caso, faz-se preciso que um castigo acompanhe sempre o crime, e o senhor delinquir, falando sem respeito de uma senhora honesta, e chegando mesmo a caluniá-la...

Brás-mimoso, ouvindo falar em castigo, sentiu enfraquecer-lhe as pernas, e, encostando-se ao tronco de uma árvore, olhava para todos os lados, a ver se descobria alguém a quem recorresse.

— Eu exijo, continuou Manduca, que em presença das mesmas pessoas diante de quem falou sexta-feira, o senhor se desdiga de quanto disse... que confesse que não passa de um tolo...

— Sr. Manuel... V. S....




— Um caluniador...

— Por quem é, Sr. Manuel, não me deite a perder...

— Um...

Manduca foi interrompido: o céu acabava de socorrer Brás-mimoso.

E os dois singulares rivais estenderam os pescoços, e ficaram extáticos e boqui-abertos atendendo os acentos melódiosos de uma voz doce e branda, que cantava uma música melancólica.

Uma idéia feliz tinha Hugo de Mendonça para obsequiar a seus hóspedes: como, à exceção de Brás-mimoso e Manduca, se achassem todos depois de algum tempo sentados debaixo de uma copada mangueira, que ficava próxima do mar, êle lembrou-se que ali, à mercê do silêncio da noite e ao clarão da lua, devia causar efeito bem agradável uma voz harmoniosa, que entoasse um canto; e, orgulhoso do mérito de sua filha, não hesitou em aconselhar-lhe que cantasse.

Félix ofereceu-se para acompanhá-la: apareceu um violão, e Honorina cantava.

Já então era noite fechada; mas a lua cheia e bela derramava sobre a interessante Niterói os raios de sua luz misteriosa; e uma voz entoava um hino melancólico. Oh! fôra preciso estar ali, ouvi-la, e sentir também como toda a natureza harmonizava os seres, punha em concerto os elementos para magicamente acompanhá-la. E pois brando favônio lambia apenas as folhagens... as ondas murmuravam docemente ao beijar das praias... a lua prestava à cena essa luz receiosa e modesta, mercê da qual o fraco embançar dos ramos, que a aura embalava, erguia aqui e ali seres fantásticos... místicas sombras noturnas, que, segundo o vagem dos ramos, se agigantavam, ora sei iam minguando até sumir-se de todo, para logo renascer outra vez... e por toda parte o silên-



ieb

cio... e como equilibrando-se sôbre êle essa voz... doce, angélica... que diríeis um longo suspirar de anjo... essa voz... um pouco curta talvez... mas tão cheia de encanto e magia... que soar... tocar o ouvido... e cair no coração de quem a escutava, era milagre de um breve instante... Oh! fôra preciso ouvi-la!... e também fôra preciso ver essa moça, que cantava, assentada debaixo de copada mangueira... essa moça bela... pálida... vestida de branco... semelhante talvez à imagem vaporosa, que a imaginação escaldada do viandante noturno vê à porta do templo solitário... ou curvada sôbre a campa de um finado... essa moça, cuja voz tinha um não sei que de tão sutil... tão melancólico... tão sobrehumano talvez, que retinha no âmago do coração, e nos seios d'alma.

Honorina escolhera, para cantar, uma lira, que era desde alguns dias a sua favorita; que desde algumas noites ela preferia sempre a mil outras para entoá-la ao lado de seu pai, ou sentada à janela de seu quarto no silêncio das deshoras: essa lira parecia como uma prece, que saía do seio de uma virgem para subir ao céu; ela dizia assim:

Inocente, incauta virgem
Que lnda o mundo te sorri...
Esse mundo que te incensa
Laços arma contra ti.
Virgem, mede os passos teus...
Virgem, só confia em Deus!...

Esses olhos, que dardejам
Sôbre ti chamas de amor,
Podem verter em teu seio
Doce veneno traidor.
Virgem, mede os passos teus...
Virgem, só confia em Deus!




Sê, ó virgem, sê sòmente
 Sempre a rosa do Senhor...
 Vê que o vento afronta às vezes
 A do mundo pobre flor.
 Virgem, mede os passos teus,
 Virgem, só confia em Deus!...

Honorina calou-se... Os aplausos choveram sôbre ela... os dois infelizes amantes, que de longe a tinham escutado, correram a derramar suas felicitações e seus parabéns aos pés da encantadora moça, que os enfeitiçava a todos; mas de repente os parabéns, os aplausos se suspenderam, e todos olharam surpreendidos para o mar; porque uma voz também sonora entoava de lá o seu canto, sujitando-se à mesma música.

Favorecidos pelo luar, êles viram, a pouca distância da praia, um pequeno e lindo bate-tão parado e, sôbre êle, a figura branca de um homem, que, voltado para a árvore, debaixo da qual se achavam, cantava com voz comovida; e êles ouviam que seu canto dizia assim:

Inocente, bela virgem,
 Que o mundo fazes sorrir...
 Amor, que inspira a virtude,
 Sabe em teu seio nutrir.
 Virgem, mede os passos teus;
 Mas cede ao — sôpro de Deus!...

Lembra, que êsse amor de poeta,
 Em que pode um'alma arder,
 Mesmo acabando na morte
 Por força belo há-de ser.
 Virgem, mede os passos teus;
 Mas cede ao — sôpro de Deus!...

Qual cede a rosa ao favônio
 Vivo aroma encantador;
 Ao homem nobre e constante
 Ceda a virgem seu amor.
 Virgem, mede os passos teus;
 Mas cede ao — sôpro de Deus!...



O canto terminou; e o batelão se foi misteriosamente deslizando para o largo.

Insensivelmente toda a companhia se tinha aproximado à praia; só Honorina e Raquel haviam ficado no mesmo lugar surpreendidas, e tomadas talvez do mesmo sentimento.

— E' êle!... murmurou Honorina, quando sentiu que o canto acabava.

— Eu o conheci, disse Raquel; êle falou ainda uma vez no amor de poeta!

— Oh!... tornou Honorina, e o sôpro de Deus!... o sôpro de Deus!... portanto êle vê... êle ouve... êle sabe tudo!...

— Que queres dizer, Honorina?

— Logo... logo te direi tudo. Agora silêncio; todos se chegam para nós.

Com efeito a sociedade tornava a seu primeiro lugar.

— E' preciso convir, disse Hugo de Mendonça, que aquele bateleiro é um atrevido, que tem muito boa voz, e canta bem sofrivelmente!

— O que não pode fazer olvidar, disse Otávio, que êle é um insolente, que se aproveita da largueza do mar...

— Como, insolente?... acudiu Lucrecia, que se aprazia com o desgosto de Otávio; eu me confundo de certo!... Supunha que nada havia mais natural do que um bateleiro fazer demorar sua viagem para ouvir a voz de uma moça que cantava; nada mais agradável do que responder ao canto, que acabava de ouvir, com outro da mesma natureza.

— Mas o homem que cantou não pode ser um rude bateleiro...

— E que podemos nós fazer?... disse Hugo: porventura está no nosso direito impedir que se cante no mar?... dever Honorina privar-se de sua mais bela prenda só porque houve um homem, que de longe, respondeu uma vez a seu canto?...

— Deus nos livre disso! acudiu Otávio.

— Seja embora um atrevido, continuou Hu-



go, devemos confessar que causou-nos uma surpresa.

— Mesmo uma agradável surpresa, ajuntou Tomázia.

— Não tem dúvida, uma agradável surpresa; repetiu Venâncio.

— Mas que é isso, Honorina?... tão melancólica de repente?... Se é possível que aquele harmônico bateleiro chegasse a incomodar-te até o ponto de te entristecer assim?...

— Meu pai... é que eu não esperava...

— Graças a Deus temos todos essa certeza. Nada... nada de nos ofendermos por tão pouco... Querem saber? se eu pudesse, faria com que o nosso bateleiro repetisse uma outra vez o seu canto...

— Meu pai!

— Não é graça... tem uma bela voz de tenor...

— E o efeito, disse Lucrécia, o grande efeito que produz o canto no silêncio da noite e no mar...

— E' verdade!... é verdade!...

— A propósito! exclamou Hugo de Mendonça, daremos uma lição ao nosso bateleiro.

— Como?...

— Se Honorina quizer, aproveitaremos uma ou duas destas belas noites de luar, faremos um passeio marítimo, e no mar... defronte da mais linda praia... levantam-se os remos, e Honorina entoa a sua lira da virgem inocente.

— Oh! não, meu pai!...

— Sim... sim, minha senhora... ceda...

— Porventura tens medo do bateleiro?... lá... o caso é outro: estaremos no mesmo campo, e se êle aparecer, veremos qual é o batel que mais voa... então que dizes?...

— Ceda... ceda...

— Eu farei o que meu pai quizer.

— Pois muito bem; estamos tratados; resta marcar a noite; quando deverá ser?...

— A Sra. D. Honorina, que decida...



— Para mim é indiferente... pode ser qualquer...

— Honorina, disse Raquel, marca a noite de amanhã: eu fico contigo até terça-feira; não é assim, meu pai?...

— Sim, minha filha, respondeu Jorge.

— Amanhã, amanhã, Sra. D. Honorina, disse Tomázia; nós temos de passar o dia de amanhã com minha comadre, e pediremos licença para tomar parte em tão agradável passatempo.

— Pois se meu pai quiser, tornou Honorina, seja amanhã.

— Está dito, concluiu Hugo, seja amanhã.

E ao mesmo tempo que todos se levantavam, ouviu-se ao longe, muito ao longe, a voz do baileiro, que repetia:

Virgem, mede os passos teus;

Mas cede ao — sôpro de Deus!

XVIII

AS DUAS AMIGAS

Enfim, elas se viram sós: não como da outra vez, recostada na janela, que deitava para o jardim, porque Honorina receiava uma aparição noturna e repentina daquele homem singular, que em toda a parte e a todas as horas velava por ela. Mas agora, sentadas ambas em um sofá, e livres de seus atavios, com a liberdade da solidão, independentes das prisões das modas, esquecidas de si próprias no doce enleio da amizade, Honorina e Raquel se dispunham para encetar a conversação que tanto desejavam, e todavia, ainda em silêncio se conservavam, e já uma vez tinha cantado o galo.

O silêncio de Honorina não era difícil de explicar: havia nela por força todo esse belo receio, todo esse encantador acanhamento de virgem, que quando ama pela primeira vez, he-



sita e treme ao falar de seus sentimentos à própria amiga de seu peito, e até cora, quando pensa consigo mesma... nele.

Mas Raquel?... a jovial e feliz Raquel porque não compreende a hesitação da pobre Honorina? por que também docemente melancólica deixa ir correndo assim a noite?...

O galo cantou segunda vez; e Honorina, como para a todo custo dar principio à conversação, disse:

— Que dia! Raquel, que dia enfadonho passámos!...

— Eu o sinto, Honorina: melhor valera se sós o tivéssemos gozado.

— Oh! é verdade... e tanta gente... e êses homens!

— Que te perseguiram, não é assim?...

— E' que eu sou bem infeliz, Raquel: não bastava Otávio, que me diz tantas coisas; que me obriga a ouvi-las; que se enche de esperanças, que eu não alimento?... eram precisos ainda mais dois, que me atormentassem todo o dia com suas loucas palavras, e ridiculas ações!...

— E que remédio tem uma mulher, senão às vezes deixar-se requestar por tolos?... quem diz tolo, diz vaidoso.

— Oh! mas é necessário ter ou vaidade demais, ou então um espírito muito miserável, para que êles não compreendam que eu desprezo formalmente seus obséquios!

— Porém quem te manda desprezá-los?... pelo menos podias animar o velho... um velho namorado, Honorina, serve muito para a gente rir-se...

— E'... que... eu não posso rir-me!...

— Por que, Honorina?

— Raquel!... exclamou a moça, escondendo por instantes o rosto no seio da sua amiga.

— Fala, Honorina: desafoega-te comigo.

Passou-se ainda um momento de silêncio, em que o rosto de Honorina se foi tornando côr de rosa; depois ela falou:




ieb

— Raquel!... Raquel!... tu não sabes o que se tem passado comigo desde aquela fatal noite, em que conversámos ambas encostadas nessa janela: lembras-te daquele papel, que achámos e lemos na manhã do dia seguinte?...

— Lembra-me, sim.

— Pois eu tenho involuntariamente recebido outros da mesma natureza, que trazem todas essas palavras, que eu pronunciei falando-te de amor, escritas... repetidas, como a divisa de um cavaleiro, ou como o estribilho de um hino de triunfo...

— E o homem, que as escreve!...

— Oh! êsse homem?... eu o tenho visto... eu o tenho ouvido... e eu não te posso dizer ao certo qual é o seu verdadeiro rosto, nem qual é o som de sua voz!...

— Mas o que tu dizes, Honorina, é ainda bem ininteligível!...

— E todavia é a própria verdade: o homem, que me escreve, é um ente que muda de aspecto, de voz, de vestidos, de condição, de officio e de tudo, segundo as circunstâncias, em que me quer aparecer.

Raquel chegou-se para mais perto de Honorina, como não querendo perder uma só palavra do que lhe ia dizer a amiga.

— Lembra-te que te mandei pedir, continuou Honorina, que me enviasses um cabeleireiro para me tocar no dia do sarau de D. Tomázia?... tu me tinhas respondido que às cinco horas da tarde o cabeleireiro se me apresentaria...

— E então?...

— Pouco depois das quatro aparece aqui um homem para pentear-me, um homem que não dizia uma só palavra, vestido de mil cores, com o rosto muito vermelho, com os cabelos ruivos, um homem que beijou minhas madeixas, que me roubou um anel delas, e que inopinadamente me deixou ainda destoucada: Raquel... era ele!...


 ieb


— Mas o cabeleireiro, que te eu mandei?...

— Chegou depois; exatamente às cinco horas da tarde; ouve mais. De volta do sarau, somos trazidas aqui por um jovem marinheiro, rude, grosseiro... mal vestido... com cabelos pretos tão longos, como hirtos; no meio da viagem, enquanto meu pai dormia, e eu receiosa dêle, fingia dormir, apanha uma de minhas luvas, que o vento levantara, beija-a, guarda-a junto do coração... e ao chegar à praia, vendo que eu buscava a minha luva, ma entrega, tendo pôsto dentro dela um papel: Raquel... era êle!

— E êsse papel, Honorina?

— Estavam nele escritas as palavras fatais... o meu imprudente pensamento sôbre o amor... aquilo que eu te disse, Raquel, pensando que ninguém mais me ouvia!

— E depois!...

— Tu te recordas, Raquel, daquele jovem loiro, que no sarau de D. Tomázia sentou-se no terrado defronte de nós?... Raquel! Raquel! tu te recordas do seu sonho?... tu te lembras o que êle disse sôbre uma sempre-viva?...

— Oh!... muito!... muito, Honorina!... eu me lembro muito!

— Pois bem... eu não pude dormir... a imagem dêsse moço esteve sempre diante de meus olhos! eu passei o resto da noite febril... ardente... desassossegada!... Eu comparava o amor dêsse moço tão singular, mas tão respeitoso, que êle temia fazer corar de pejo o objeto de seus cuidados, com êsse amor misterioso... noturno... e talvez terrível do homem que me persegue!... eu comparava aquele rosto melancólico e doce... aqueles belos cabelos loiros com o semblante vermelho ou agreste, com os cabelos ruivos ou pretos, que no outro tinha visto!... comparava sua voz branda e comovida com a voz áspera, grossa e desagradável do bateleiro... ah! tudo isso era um paralelo cruel para o desconhecido que me ama-



val... Agitada... com a cabeça em fogo... aflita enfim, eu me ergui, à primeira luz do dia... abri aquela janela... levantei a vidraça... Raquel! eu achei aí um papel, e sobre êle a sempre-viva!... a sempre-viva!...

— E o papel?... o que dizia o papel?... perguntou Raquel violentamente comovida.

— Lê tu mesma, disse Honorina, mostrando-lhe um breve escrito, que desde que se fôra sentar tinha fechado em uma mão.

Raquel devorou rapidamente as poucas palavras escritas nesse papel, e entregou-o de novo a Honorina com mão visivelmente trêmula.

— Portanto, continuou esta, o Moço Loiro era êle!

— Sim... sim... era êle... eu o deveria ter previsto!

Honorina abafou um suspiro...

— E a sempre-viva?... perguntou Raquel.

— Ei-la aqui! disse Honorina abrindo a outra mão.

— Tu a guardaste?!... e então foi o mesmo que responder — eu também te amo!...

— Oh!... não me olhes assim Raquel, não me olhes com êsses olhos tão ardentes, se não queres fazer-me abaixar os meus, e fechar-me a boca!...

— Enfim... tu guardaste a sempre-viva, Honorina?

— Não... não fui eu!... escuta. Acabando de ler essas palavras, que ali vês escritas, confesso que hesitei um momento; mas depois... eu dei um passo para a janela... estendi o meu braço... eu ia... eu devia deitar fora a sempre-viva, não é assim, Raquel?...

— Sim... sim...

— Mas... soprava uma branda aragem... o favônio da manhã, Raquel!... eu vi que, cedendo a seu sopro... a sempre-viva rolou sobre a janela até cair a meus pés...

— E depois... tu a guardaste?...


 ieb


— Oh! Raquel! aquele zéfiro matutino tão fresco, tão doce, me pareceu então enviado pelo céu!... tu sabes, tens dito mil vezes, que eu tenho uma imaginação de louca, que à força de uma organização toda inflamável e de uma educação recebida na solidão, longe do mundo e dos homens, meu pensamento não se acomoda com o gelo das realidades e vive do fogo das quimeras: pois bem! será mais uma quimera; mas naquele instante eu pensei que o zéfiro que fazia rolar a flor para meu quarto era como a mão do destino, que me arrastava para aquele homem! nos meus delírios... na exacerbação em que me achava, Raquel, eu contemplei a sempre-viva, que tinha tombado a meus pés, e sem ter ânimo para lançá-la fora... temendo mesmo cometer um sacrilégio, se o fizesse, eu disse, desculpando-me a mim mesma: — Oh!... ainda bem que não fui eu... o teu sôpro, meu Deus!...

— O sôpro de Deus!... balbuciou Raquel.

— O sôpro de Deus!... sim... o sôpro de Deus!

— E portanto êle cantava ainda agora — um pensamento, que tu só podias compreender?...

— Mas Raquel... Raquel, como é que êsse homem ouviu o que eu murmurei baixinho escondida no meu quarto?... pois então êle está também em toda a parte, assim como se veste de todos os semblantes?

— Quem sabe... talvez êle estivesse mesmo de longe... talvez que êle visse rolar a sua flor à força do zéfiro... e então pensasse também, como tu pensaste em um — sôpro de Deus!

— Mas podem acaso ter duas almas ao mesmo tempo, um só e igual pensamento?...

Raquel respondeu com voz sumida e melancólica:

— Quando se amam, Honorina; porque já não há dúvida, que tu amas...



— Oh! Raquel!... eu tenho mêdo de o pensar!...

— Como tu és feliz, Honorina!... disse docemente Raquel.

— E êle? e êle?... fala-me tu dêle, Raquel.

— Minha bela vaidosa, que queres pois que eu diga?

— Se tu pudesses dizer-me, Raquel; se tu o soubesses!... é que há uma eterna pergunta no meu coração, e uma dúvida cruel dentro de meu espirito... quem é êsse homem?...

— Posso eu sabê-lo?

— Será um moço, ou um velho? será um belo jovem, ou um homem que faça mêdo?... qual é o seu rosto? qual a sua voz? quais os seus cabelos?...

— Pois duvidas que seja o Moço Loiro, Honorina?

— Sim, Raquel; êle foi o Moço Loiro de alguns momentos!... eu tenho ainda no meu espirito aquela graciosa cabeça... eu sinto ainda o fogo ardente de seus olhos... eu vejo, Raquel, eu vejo sempre aquele triste sorriso, que êle derramava em seus lábios... soa sempre em meus ouvidos, ainda mais docemente que o seu canto desta noite, aquela voz suave e comovida, com que êle dizia — eu amo!... muito!... como ninguém amou ainda!...

— E então, que queres tu mais, linda ambiciosa?...

— Raquel, Raquel, eu tenho mêdo, que assim como foi uma mentira aquela cabeça ruiva de ridículo cabeleireiro, assim como foi uma máscara ilusória aquela cabeça hirta de selvagem marinheiro, eu tenho mêdo, Raquel, de ver esvaír-se como um sonho a minha mais bela ilusão... eu tenho mêdo de que aquele engraçado semblante de mancebo seja ainda um semblante emprestado, de que seus belos cabelos loiros sejam ainda uma pérfida cabeleira!...



Raquel não pôde deixar de sorrir-se do inocente receio de sua amiga.

— Sim... tu te estás rindo de minhas loucuras... perdoa-me, perdoa-me; porque eu estou talvez a ponto de ir ser bem desgraçada...

— Tu, Honorina, desgraçada?... e porque?...

— Pois já te não lembras do que outrora me dizias?... Raquel, desgraçada por que eu penso que já amo.

— Mas quando sabes que és amada?...

— Porém isto é quase amar uma idealidade... uma sombra, que quando pensamos tocar com o dedo, desaparece a nossos olhos!... isto é viver em um sonho eterno.

— Oh!... exclamou Raquel apertando a mão de Honorina, esse homem estudou bem a mulher de quem queria ser amado!... êle foi direito ao ponto mais fraco... atacou... e venceu!

— E' porque eu sou mulher bem fraca, não é assim?...

— Não: é porque tu tens uma imaginação muito ardente, um coração muito cheio de fogo!... é porque tu terias amado a Torquato como Eleonora, e a Camões como Catarina de Ataíde!... e esse homem, que não tem certamente podido ser poeta para vir ajoelhar-se a teus pés, com sua lira nos braços, a oferecer-te a glória de um renome; que não tem certamente podido ser um herói para com os loiros na frente deslumbrar teus olhos, e cativar teu espírito... esse homem, sagaz, sem dúvida, apelou para o mistério, chamou a seu favor o que achou que podia parecer-te maravilhoso... apresentou-se diante de ti coberto com um véu para te fazer desejar rompê-lo... trouxe uma centelha em seus olhos... atirou-a sobre a tua imaginação... ateou-a... venceu... é amado!...

— E tu, Raquel, terias resistido, não é assim?...



A pergunta pareceu contrariar a Raquel, que, depois de hesitar um momento, como se abafasse um gemido, respondeu:

— Honorina, não se trata de mim agora.

— Sim... sim, eu sei... terias resistido; porque tu não és como eu... tu és prudente.

— Oh!... e de que vale a prudência, Honorina?

— A experiência e sábios conselhos de teu pai te armaram de uma fortaleza, que nenhuma outra teve ainda... teu coração para amor está forrado de aço... tu só és sensível à amizade...

— Pelo amor de Deus, Honorina, não fales de mim agora!...

— Tu podes sofrer, sem estremecer, o olhar atrevido de um homem fixado uma hora inteira sobre teu rosto... tu zombas do poder dos olhos... tu és surda para as palavras de amor... a influência de um homem não chega nunca a teu espírito!... tu és feliz... bem feliz!...

— Honorina!... Honorina... tu ignoras o mal que me estás fazendo!...

— Eu te invejo, Raquel!...

— Desgraçada! tu não sabes o que dizes!...

— Oh! eu me lembro bem daquelas frias palavras que uma vez me disseste!... eu as decorei; porque elas me espantaram! porque seu pensamento, enunciado por uma mulher, me pareceu um milagre... tu disseste...

— Não... não... Honorina, não as repitas...

— Tu disseste: — Amor é uma vã mentira!... amor não é mais que uma das muitas quimeras com que a imaginação nos entretém na vida, como a boneca que se dá à criança para conservá-la quieta no berço... amor não é mais que a flor de um só dia, que se abre de manhã, e antes da noite está murcha!...

— Perdão!... perdão!... Honorina; pode ser que eu me tivesse enganado!...




Honorina olhou espantada para Raquel, ouvindo suas últimas palavras.

— Raquel! exclamou a moça, tu me deves um segredo!

O semblante de Raquel tornou-se pálido, semelhante ao de uma moribunda; seus olhos se fecharam, como para não deixar que os de Honorina fossem nos seus beber o arcano que ela escondia; e parecendo haver tomado uma repentina resolução, disse tremendo:

— Honorina, eu também amo.

— Amas?... amas?... e a quem?...

— Tu vais corar, Honorina!...

— Dize, dize...

— A um homem casado.

— Desgraçada!... exclamou Honorina abraçando sua amiga.

Sorriso amargo e irônico se derramou pelos lábios de Raquel, ouvindo a exclamação da moça.

Raquel havia mentido.

XIX

NOITE NO MAR

O vapor das seis horas da tarde do dia seguinte trouxe Hugo de Mendonça e o seu guarda-livros Félix, Jorge e Otávio, que todos vinham, como tratado estava, tomar parte no agradável passa-tempo, em que se projetava empregar a noite. Venâncio, Manuel, e Brás-mimoso se tinham deixado ficar em Niterói, como homens a quem não importavam negócios, ou de negócios careciam.

As senhoras haviam de sua parte passado o dia o mais monótono que é possível: Lucrécia, obrigada a permanecer em casa com seus hóspedes, deixava de empregar junto de Honorina horas que ela considerava por demais preciosas, Honorina e Raquel, tristes e taciturnas,




ieb

bordaram sem descansar ao pé de Ema, que gastou o dia inteiro em falar contra o que chamava loucuras próprias somente do gênio extravagante de Hugo. Ela não compreendia como um homem de juízo podia expor a sua filha e a si mesmo a todos os riscos de um passeio noturno e marítimo: exasperava-se, lembrando-se de que seu filho já não atendia aos conselhos que lhe dava, e temia muito que nem mesmo suas próprias orações pudessem salvar Honorina da vida de desatinos, por onde começava a levá-la seu imprudente pai.

Hugo fez quanto pôde para sossegar sua mãe, a quem ainda encontrou despeitada: enfim, jurou-lhe que seria o primeiro e último passeio marítimo que fariam; mas que então era impossível desfazer o que estava projetado, e que a todos parecia dar tanto prazer. As oito horas da noite ergueram-se para partir; e Ema, que até à porta os acompanhou, levantou o braço e, com sua mão trêmula, mostrou uma nuvem negra que se deixava ver no horizonte.

— Não é nada, minha mãe, disse Hugo; não vê como a lua está clara e bela?...

— A lua turvar-se-á.

— Nada de más agouros, minha mãe, até à volta... e prometemos cear bastante.

— Minha Honorina, disse tristemente a velha, Deus te acompanhe!...

A sociedade partiu: três batelões já se achavam na praia prestes para recebê-los, e imediatamente tratou-se de embarcar. Uma boa meia hora se empregou na divisão da companhia. À exceção de Jorge, que por gênio e sistema achava que tudo no mundo corria sempre bem, e não abria a boca para falar, senão quando era absolutamente necessário que fizesse uma pergunta ou desse uma resposta; à exceção ainda de Venâncio, que pensava e desejava pela alma de sua mulher, todos os outros homens empenhavam-se valorosamente por ir no batelão em que se embarcasse Honorina,


 ieb


O único, que só por gestos havia demonstrado esse desejo, fôra Brás-mimoso; porque, logo no princípio da questão, querendo expor muito parlamentarmente os seus direitos, e tendo para isso já a boca aberta, foi obrigado a fechá-la incontinentemente; pois Manduca, que junto dêle se achava, deu-lhe um beliscão com tão boa vontade, que o fez ir às nuvens.

Hugo divertia-se extraordinariamente com a discussão suscitada: finalmente, para se pôr um termo a ela, decidiu-se que Honorina escolhesse três companheiros.

Honorina respondeu sem hesitar:

— Escolho a meu pai, a Raquel e ao Sr. Félix, que deverá acompanhar-me, se meu pai quiser que eu cante.

— No que não haverá dúvida nenhuma, respondeu Hugo.

Rosa achou um não sei que de pouco bonito na escolha que de seu primo fez Honorina para ir com ela no mesmo batel.

Venâncio chegou-se respeitosamente para ao pé de sua mulher, falou-lhe ao ouvido.

— Tomázia, em que batel julgas tu mais conveniente que eu me embarque?

— Naquele em que eu não for, respondeu imperiosamente Tomázia: não é justo nem decente que ande o senhor sempre atrás de mim.

O resto da companhia embarcou-se sem demora. Lucrecia, Rosa, Venâncio e Otávio no segundo batel, e no terceiro, enfim, Tomázia, Jorge, Brás-mimoso e Manduca, que havia tomado por timbre andar constantemente à pista do seu rival. Brás-mimoso já tinha jurado cem vezes aos seus botões que aquele rapaz era o homem mais impertinente do mundo todo.

Os batéis afastaram-se da praia.

Era belo vê-los como graciosos, iluminados e galhardos docemente se deslizavam pela superfície do mar sereno de Niterói!...

Soprava uma aragem suave e deleitosa: a noite estava clara, brilhante e fresca.



A lua gostosa se namorava, mirando-se no espelho das ondas.

E os três batéis iam indo... e dos remos que se erguiam do seio do verde lago, caía uma chuva de lágrimas brilhantes, que se diria um enxame de pirilampus.

A hora e o sitio pareciam ainda mais próprios para doces meditações, do que para o ruído do prazer.

Honorina e Raquel, predispostas como se achavam para deixar ir suas almas enlevando-se e perdendo-se no encanto agro-doce da melancolia, não puderam furtar-se à influência de tudo isso que se passava em derredor delas: o monótono ruído dos remos; o fraco murmúrio das ondas; a suave frescura do favônio; o sossêgo do sitio; o silêncio da hora, tudo as convidava a meditar... e elas meditavam.

E uma jovem, quando medita, é sempre sobre amor.

A mimica dessas duas moças demonstrava que havia um ponto de notável dessemelhança em a natureza de seus pensamentos.

Raquel tinha a cabeça inclinada para baixo e os olhos fitos no fundo do batel; cedendo a inexplicáveis movimentos de desassossêgo, suas mãos, que se achavam unidas uma à outra sobre o colo, apertavam-se mútua e cruelmente; seus lábios às vezes estremeciam, como dando passagem a um suspiro; e então ela olhava cuidadosa por um instante para seus três companheiros de passeio, e de novo caía na sua primeira posição.

Dir-se-ia que Raquel tinha n'alma um pensamento doloroso e fatal que desejava esconder de todos, e abafá-lo dentro de si mesma.

Honorina, ao contrário, estava um pouco voltada para fora, e tinha os olhos embebidos em um único ponto do mar; brando e meigo sorriso se deslizava em seus lábios; os negros caracóis de suas belas madeixas brincavam,




mercê do zéfiro, sôbre suas faces... e ela também suspirava.

E pois Honorina como que se aprazia em abrir as portas de sua alma, em deixar sair pelos olhos o pensamento que a ocupava.

A meditação da primeira é portanto um segredo; o pensamento da segunda podia ser perfeitamente compreendido, ao menos pela sua amiga.

Honorina pensava sempre no Moço Loiro.

Vós, que haveis amado mesmo há dez ou vinte anos passados, nunca parastes junto de uma árvore, como procurando o vestigio dos passos, ou o aroma dos vestidos do objeto de vosso amor, que outrora vistes descansando à sombra dela?... vós que amais ainda hoje, não buscastes com os olhos, ao entrar no jardim, o mesmo banco de relva, em que ontem vistes sentada a bela de vossos pensamentos, e não ficastes extático... enlevado com as vistas fitas nele uma hora inteira, como se ela ainda estivesse lá sorrindo-se para as flores, ou adormecida entre elas?...

Pois bem: naquele ponto do mar, onde tem Honorina embebidos os seus olhos, esteve êle... sôbre o seu gracioso batel noturno; foi dali que êle... respondeu ao hino da virgem; e Honorino pede, sem sentir, ao mar, que lhe mostre um sinal do rasto de seu batel, e às auras que lhe tragam em suas asas ainda o eco de suas vozes!

Mas é que Hugo não se dava muito bem com cenas mudas, e ainda peor com semblantes melancólicos:

— Então que é isto? gritou êle, saímos porventura de casa para entristecer-nos? será crível que estejam aqui as senhoras com mêdo deste mar de leite... ou quem sabe se estão pensando no bateleiro de ontem à noite?

Honorina e Raquel olharam-se ao mesmo tempo... talvez Hugo tivesse, sem querer, compreendido os pensamentos de ambas.



ieb

— Vamos! ânimo! não sentem o prazer que reina nos outros dois batelões?... eu pensava que o nosso seria o mais divertido de todos!... remadores... à esquerda e com força... avante!

As duas moças viram-se obrigadas a fazer-se alegres para satisfazer a Hugo, e, desde então sòmente, começaram a tomar parte no divertimento noturno.

A primeira hora foi toda empregada em correr indistintamente pelo mar: os bateões, ora aproximavam-se, ora fugiam rapidamente da praia... depois todos três emparelhados empenhavam-se em disputar a primazia na rapidez da carreira, e ouviam-se consequentemente os aplausos de vitória, dentro do que alcançava o triunfo, e as admoestações e pragas aos remeiros daqueles que eram vencidos.

Emfim, quando já se achavam fatigados, ou começavam a sentir-se aborrecidos do passeio, os três batéis reuniram-se, e de acôrdo comum se foram postar diante dessas belas casas, que situadas ficam entre S. Domingos e a praia do Gravatá: tratava-se de ouvir cantar a Honorina.

Embebidos, enlevados e perdidos na embriaguez de seu prazer, a companhia não notava que a lua se ia turvando, o mar tornando-se crespo e cavado, e que o vento, que refrescava, caía às vezes sòbre elles em tufões, que faziam jogar os batéis.

Honorina deixou pois ouvir sua voz melódica e terna: aquele canto no meio do mar, levado nas asas do vento, perdido no longo espaço, ouvido no silêncio da noite, tinha um não sei que de místico e poderoso, que cativava as almas!

A praia ficou para logo coberta de curiosos espectadores, que, quando sentiram terminar o hino da virgem, fizeram soar seus aplausos de mistura com aqueles que prorrumpiam dos batéis.




E as aclamações não deixaram ouvir bem distintamente o surdo mugido de um trovão longinquo, que enfesado bramia: um fuzil se desabriu e fez estremecer Honorina.

— Meu pai, meu pai, veja como fuzila, como o horizonte se tem tornado escuro... Oh! minha avó tinha bem razão... vamos desembarcar!

— Não!... não!... disseram os moços, ainda uma vez o hino!... uma segunda vez, minha senhora!

— Sim, Honorina, repete o teu belo hino; que apenas o terminares, desembarcaremos.

— Mas, meu pai, Raquel e eu estamos tremendo!

— Que medo então é este? não vês que estamos a dois palmos de distância da terra?... canta... canta.

Nesse momento uma pequena canoa, guiada por duas únicas pessoas, aproximou-se dos batelões, e deu fundo.

— Oh! temos compenheiros? disse Hugo.

— Quem sabe se será o nosso cantor de ontem?

— Em todo o caso não faz mal reconhecê-lo, disse Otávio; remadores... para junto daquela canoa...

— Remadores, repetiu Manduca no batel em que estava, para junto daquela canoa...

— Mas o que eu não sei, murmurou Brás-mimoso, é o que temos nós de ir entender com quem está quieto.

— Oh! Sr. Brás! até disto tem medo?...

— Quem?... eu?... medo?... as senhoras ainda não me conhecem a fundo.

No entanto os batéis se tinham chegado até encostar-se à canoa: Otávio e Manduca puseram-se a examiná-la em pé sobre a borda de seus batelões, e todos os outros fitaram os olhos dentro dela. Estavam lá duas únicas pessoas: um velho pobremente vestido, e com a cabeça toda branca, e um negro, que era tal-



ieb

vez seu escravo; dentro da canoa viam-se todos os objetos próprios de uma pescaria.

E' um pescador, disse Otávio.

— Sim, falou o velho com voz trêmula, um pobre pescador, que vai fugindo da tempestade que se avizinha.

— Mas meu velho, quem foge, não pára.

— E' que eu ouvi uma voz bem suave!...

— E portanto esqueceu-se da tempestade...

— Porque desde então, senhores, todos os meus sentidos... toda minha alma se passou para meus ouvidos...

— Pois então, disse Hugo, escuta de novo, meu pescador!

O canto soou talvez mais docemente ainda; porque a voz de Honorina estava levemente trêmula do medo que sentia do temporal que se aproximava.

Mas ela não pôde acabar...

Um relâmpago deslumbrador pareceu abrir uma fenda de fogo horrível no horizonte; um trovão medonho e estalante rebentou terrivelmente, e um tufão desesperado rugiu sobre o mar, que se levantou encapelado e bravo...

Um grito geral prorrompeu de dentro dos três batéis...

Ao já fraco clarão da lua sucedeu a mais completa escuridão: a dois passos ninguém podia ver um companheiro.

O batel em que ia Honorina ficou cheio d'água. Ouvindo a custo os gritos de Hugo, de Félix, e das duas moças, os outros dois batéis, e a canoa do pescador, acudiram prontamente: aquele em que vinha Otávio foi o primeiro que se encostou ao de Hugo, que, tomando sua filha nos braços, se inclinou para depô-la no batel que os socorrera; mas... nesse momento a borrasca rugiu de novo... o fuzil... o trovão... o raio!... os batéis, cedendo à força das vagas que cavavam sumidouros debaixo d'êles, afastaram-se, jogando terrível e desordenadamente... Hugo caiu sobre os bancos dos remei-



ros, e Honorina, escapando de seus braços, desapareceu no abismo do mar...

Um novo grito horrível... desesperado... arrancado das entranhas se ouviu, a-pesar-da tempestade, sair do triste batel...

Félix agarrou pela cintura de Hugo, que se queria lançar no meio das ondas.

Sentiu-se o baque de um corpo que caía n'agua...

Tudo isso foi obra de um rápido instante.

No auge da maior dor, do mais cruel desespero, entre mil idéias sem ordem, sem nexos, tudo se perguntando e nada se fazendo, a companhia ainda há pouco tão alegre, e tão aflita agora, deixava perder momentos de valor inqualificável...

Mas um brado de vida se levantou na praia.

— Salva!... salva!... salva!...

Oh!... quando se diz a um pai, que creê sua filha já morta — salva!... salva!... tua filha está salva!... — tem-se como uma voz de anjo... como um poder da Providência.

— Salva!... exclamou Hugo; à praia!... à praia!...

E os batéis atiraram-se para a praia.

Tinham-se passado apenas breves minutos depois da fatal catástrofe!

Com efeito Honorina tinha sido arrancada do seio das ondas.

O velho pescador, apenas ouviu o grito de Hugo, atirou-se n'agua; desgraçadamente esteve a ponto de succumbir; pois que um dos bâteis foi em seu tempestuoso jôgo de encontro a êle, no instante mesmo em que acabava de cair no mar.

Depois...

E' enfim, e de uma vez para sempre, necessário convir que o dedo de Deus guia continuamente o homem na prática das boas ações.

O velho mergulhou... e a Providência divina fez com que sua mão tocasse o corpo de



ieb

uma mulher: então êle nadou para terra com o seu precioso fardo.

Honorina devia a vida a êsse homem, e também à sua própria organização.

O mesmo fenômeno, que se tem por muitas vezes observado em idênticas circunstâncias, naqueles em quem predomina o sistema nervoso, succedeu à moça: no momento da submersão foi presa de uma síncope, e caiu no fundo do mar.

Houve então um homem eminentemente bravo, que soube, arriscando a própria vida, salvar a filha de Hugo de Mendonça.

Quando o velho pescador surgiu do meio das vagas, trazendo a moça em seus braços, os espectadores levantaram o seu brado de alegria e correram a prestar à cena a luz de velas e fachos, de que já se tinham munido.

Depondo o corpo da jovem na areia, o velho curvou-se, como que para observar seu semblante, e erguendo logo depois as mãos para o céu, com indizível expressão de ventura, exclamou:

— Era ela!

Palavras cheias de nobreza, de generosidade e grandeza d'alma; porque provavam que êsse homem se arrojara ao mar para salvar uma vítima qualquer... uma vítima que êle não sabia quem era.

— Vive!... vive!... ela ainda vive!... bradava o pescador, sentindo que Honorina começava a renimar-se.

— Mas o senhor feriu-se?... perguntou um dos espectadores.

— Eu?... ferir-me?... que importa?... respondeu o velho.

E pela primeira vez, lembrando-se de si, êle viu seus vestidos cobertos de sangue, que abundantemente lhe corria da cabeça.

Nesse momento os três batéis chegaram à praia.


 IEB


Mas, ao senti-los arrastar o bojo pela areia, o velho afastou com força os espectadores que o cercavam, abriu passagem por entre êles, e correndo desapareceu.

— Salva!... exclamou Hugo caíndo sôbre sua filha.

— E quem a salvou?... quem a salvou?...

— Um velho...

— O velho pescador.

— Qual velho! disse um dos espectadores, êle não era velho.

— Oh! acudiu Otávio; eu o observei de bem perto; tinha os cabelos completamente brancos.

— Ei-los ali... era uma cabeleira!...

E todos viram sôbre a praia uma cabeleira branca coberta de sangue.

— E portanto, pensou Raquel, era ainda êle!...

FIM DO PRIMEIRO VOLUME



ieb



 ieb

ÍNDICE

As senhoras brasileiras	5
I — Teatro italiano	13
II — Agastamentos conjugais	27
III — Brás-mimoso	38
IV — Honorina e Raquel	48
V — Hugo	62
VI — A Herança paterna	74
VII — A cruz da família	86
VIII — O primo Félix	94
IX — Noites de visitas	103
X — O cabeleireiro	114
XI — O sarau de Tomázia	124
XII — Começa o sarau	132
XIII — O chá	141
XIV — Fim do sarau	150
XV — O bateleiro	158
XVI — Resultados do sarau	168
XVII — Canto ao luar	179
XVIII — As duas amigas	190
XIX — Noite no mar	199





 ieb

TIPOGRAFIA CUPOLO
Rua do Seminario, 187
S I O P A U L O

Série

"Novelas do Coração"

FAMOSOS ROMANCES FEMININOS

A Cr. \$8,00 O VOLUME

(50 VOLUMES.)

PUBLICADOS:

- 1.º - SAINT PIERRE .. — Paulo e Virgínia
- 2.º - R. WARIN — Romeu e Julieta
- 3.º - A. DUMAS FILHO — A Dama das Camélias
- 4.º - LAMARTINE ——— Graziela
- 5.º - CHATEAUBRIAND — Átala e Renato
- 6.º — JOAQUIM M. MACEDO — A Moreninha
- 7.º — CAMILO CASTELO BRANCO —
Amor de Ferdição
- 8.º — CAMILO CASTELO BRANCO —
Amor de Salvação
- 9.º — CERVANTES — O Curioso Imper-
tinente
- 10.º — OTÁVIO FEUILLET — Romance de
Um Moço Pobre
- 11.º — OTÁVIO FEUILLET — Diário de
uma mulher
- 12.º — LAMARTINE — Regina
- 13.º — J. M. DE MACEDO — O moço loiro
1.º vol.
- 14.º — J. M. DE MACEDO — O moço loiro
2.º vol.

Série

"Novelas Universais"

A Cr \$ 15,00 O VOLUME

(50 VOLUMES.)

PUBLICADOS:

- 1.º - SIENAIWICZ Quo vadis?
- 2.º - STOWE A Cabana do Pai Tomaz
- 3.º - BELLAMY Daqui a cem anos
- 4.º - ALEX. DUMAS A Tulipa Negra
- 5.º - VITOR HUGO-N.º S.º de Paris - 1.º vol.
- 6.º - VITOR HUGO-N.º S.º de Paris - 2.º vol.
- 7.º - WALTER SCOTT - Ivanhoé - 1.º vol.
- 8.º - WALTER SCOTT - Ivanhoé - 2.º vol.
- 9.º — ALEX. DUMAS — Os 3 Mosqueteiros
— 1.º vol.
- 10.º — ALEX. DUMAS — Os 3 Mosqueteiros
— 2.º vol.
- 11.º — ALEX. DUMAS — O Conde de Monte
Cristo — 1.º vol.
- 12.º — ALEX. DUMAS — O Conde de Monte
Cristo — 2.º vol.
- 13.º — H. CONSCIENCE — A Sepultura
de Ferro

INDÚSTRIA GRÁFICA SIQUEIRA




ieb

Edições Cultura

E A CRÍTICA DO PAÍS
INTEIRO CONSAGRANDO-AS
NUM ÊXITO SEM IGUAL.

Benemérita e digna de todos os louvores é a iniciativa...
(ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

... digno de aplausos o plano editorial... (MINIS-
TRO CAPANEMA)

... são prêmios literários tais livros... (AFRÂNIO
PEIXOTO)

ELOI PONTES fala das "ótimas edições" de Cultura:

... magnífica tradução... diz TRISTÃO DE ATAÍDE,
da edição d'"AGONIA DO CRISTIANISMO" pu-
blicada por CULTURA.

São, porém, dignas de apreço as reedições de anti-
gas traduções que as EDIÇÕES CULTURA estão
efetuando. Já me tenho referido com o devido
louvor, a esses trabalhos. PLÍNIO BARRETO.

A coleção está, realmente, magnífica. AGRIPINO
GRIECO.



Edições Cultura

Av. 9 de Julho, 872 e 878 - (1.º)

Fone: 4-2228 - S. Paulo

PREÇO DESTA VOLUME

Cr. \$ 8,00

ieb

